



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**LÍNGUA KINIKINAU – DESCRIÇÃO DE ASPECTOS
SOCIOLINGUÍSTICOS E FONOLÓGICOS**

GABRIEL BARROS VIANA DE OLIVEIRA

DOURADOS/MS
2017

GABRIEL BARROS VIANA DE OLIVEIRA

**LÍNGUA KINIKINAU – DESCRIÇÃO DE ASPECTOS
SOCIOLINGUÍSTICOS E FONOLÓGICOS**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados para obtenção do Título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins - PPG Letras/UFGD
(Presidente/ Orientador)

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze - PPG Letras/UFGD
(Membro interno)

Prof^a. Dr^a. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral - PPGL/UnB
(Membro externo)

Prof. Dr. Fábio Pereira Couto – LALLI/UnB
(Membro externo - Suplente)

**DOURADOS/MS
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).



O48l	Oliveira, Gabriel Barros Viana de. Língua <u>kinikinau</u> : descrição de aspectos sociolinguísticos e fonológicos. / Gabriel Barros Viana de Oliveira. – Dourados, MS: UFGD, 2017. 173f. Orientador: Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados. 1. Língua <u>kinikinau</u> . 2. Família Aruák. 3. Sociolinguística. 4. Fonologia. I. Título.
------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo descrever aspectos sociolinguísticos e fonológicos da língua Kinikinau, uma língua Aruák (AIKHENVALD, 1999) localizada no pantanal sul-matogrossense e falada por um povo conhecido pelo mesmo nome. Primeiramente, apresentamos uma etnografia do povo Kinikinau, com vistas a mostrar a atual situação socioeconômica e política desse povo, traçando um perfil, o mais fidedigno possível, de sua língua nativa, o Kiniknau. Em seguida, realizamos um estudo sociolinguístico da língua Kinikinau, valendo-nos de uma abordagem etnográfica. As principais questões levantadas são: Por que a língua Kinikinau está deixando de ser falada? O que a motivou chegar a esse nível crítico de vitalidade? Por que os falantes não a transmitem para as gerações mais novas? A língua Kinikinau pode voltar a ser falada em toda a sua potencialidade comunicativa? Por fim, realizamos um estudo fonológico da língua Kinikinau, apresentando uma revisão de trabalho de Souza (2008), com foco no inventário de fones vocálicos e consonantais, seguido de interpretação fonológica dos segmentos consonantais e vocálicos, com destaque à análise do tom e do alongamento de vogais.

Palavras-chave: Língua Kinikinau; Família Aruák; Sociolinguística; Fonologia.

Abstract: The aim of this dissertation is to describe sociolinguistic and phonological aspects of the Kinikinau language, an Arawakan language (AIKHENVALD, 1999) spoken in Southern pantanal of Mato Grosso do Sul. Firstly, we present an ethnography of the Kinikinau people, in order to show the current socioeconomic and political situation of these indigenous people, making possible to offer a picture as reliable as possible of the speakers of the language studied in this dissertation. Then, we make a sociolinguistic study of the Kinikinau language, using an ethnographic approach. The main questions raised are: Why is the Kinikinau language almost ceasing to be spoken? What motivated her to reach this level of critical vitality? Why do not the speakers transmit it to younger generations? Can the Kinikinau language be re-spoken in all its communicative potentiality? Finally, we performed a phonological study of the Kinikinau language, presenting a review of Souza (2008), focusing on the inventory of vocalic and consonantal phones, followed by phonological interpretation of the consonantal and vocalic segments, with emphasis on the tone and lengthening of vowels.

Keywords: Kinikinau language; Arawakan family; Sociolinguistics; Phonology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>hewe</i> ‘pé dele/a’.....	95
Figura 2 – contorno de <i>pitch</i> da palavra <i>hewe</i> ‘pé dele/a’.....	96
Figura 3 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>ûti</i> ‘nós’.....	97
Figura 4 – contorno de <i>pitch</i> da palavra <i>ûti</i> ‘nós’.....	98
Figura 5 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>hurati</i> ‘barriga de alguém’.....	99
Figura 6 – contorno de <i>pitch</i> da palavra <i>hurati</i> ‘barriga de alguém’.....	99
Figura 7 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>eno</i> ‘mãe dele/a’.....	101
Figura 8 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>eno</i> ‘muito, bastante’.....	101
Figura 9 – contorno de <i>pitch</i> da palavra <i>eno</i> ‘muito, bastante’.....	102
Figura 10 – contorno de <i>pitch</i> da palavra <i>eno</i> ‘mãe dele/a’.....	103
Figura 11 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>woso</i> ‘cordão dele/a’.....	106
Figura 12 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>tuti</i> ‘cabelo dele/a’.....	107
Figura 13 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>maripa</i> ‘areia, terra’.....	108
Figura 14 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>su’uso</i> ‘carneiro’....	108
Figura 15 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>xikixi</i> ‘gordura, banha dele/a’.....	109
Figura 16 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>enoti</i> ‘mãe de alguém’.....	110

Figura 17 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>sewerena</i> ‘chifre dele/a’	110
Figura 18 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>yuponiti</i> ‘dia (oposto a noite)’	111
Figura 19 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>xurokuno</i> ‘coxa dele/a’	112
Figura 20 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>honowoti</i> ‘vento’	112
Figura 21 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>koypekoti</i> ‘ele está matando’	113
Figura 22 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>ho’openo</i> ‘animal’	113
Figura 23 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>heonowoti</i> ‘ele está escondendo’	114
Figura 24 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>epewokope</i> ‘sombra dele/a’	115
Figura 25 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>aruxukoti</i> ‘ele está mordendo’	115
Figura 26 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>ohokexoti</i> ‘ele está tossindo’	116
Figura 27 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>tunokuxowoti</i> ‘ele está se deitando’	117
Figura 28 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra <i>iuworokoti</i> ‘ele está apunhalando’	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

MS – Mato Grosso do Sul

AFI – Alfabeto Fonético Internacional

IPA – International Phonetic Alphabet

n.d.a. – nos demais ambientes

ct – consoante temática

ind – modo indicativo

refl - reflexivo

imperf. - imperfectivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – NOTAS SOBRE OS INDÍGENAS KINIKINAU.....	20
1.1 Do Gran Chaco Colonial à retomada da fazenda Pé de Cedro.....	20
1.2 O povo Kinikinau hoje.....	26
1.3 Aspectos etnográficos do povo Kinikinau.....	30
1.4 Considerações parciais.....	44
CAPÍTULO II – ESTADO DA ARTE DA LÍNGUA KINIKINAU.....	46
2.1 Trabalhos sobre a língua Kinikinau.....	46
2.2 O que se pensava ser o único estudo linguístico da língua Kinikinau no século XIX - Fonseca (1899).....	47
2.3 Estudos linguísticos da língua Kinikinau no século XX.....	48
2.4 Estudos linguísticos da língua Kinikinau no século XXI.....	51
2.5 Considerações parciais.....	57
CAPÍTULO III – ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DA LÍNGUA KINIKINAU.....	59
3.1 A língua Kinikinau.....	59
3.2 Vitalidade da língua Kinikinau.....	60
3.3 Transmissão da língua Kinikinau.....	65
3.4 Língua Kinikinau x território tradicional.....	66
3.5 Perspectivas sobre a revitalização da língua Kinikinau.....	69
3.6 Provocações para se pensar uma política linguística voltada para a revitalização da língua Kinikinau.....	71
3.7 Diagnóstico sociolinguístico.....	72
3.8 Considerações parciais.....	79
CAPÍTULO IV – REVISÃO DA FONOLOGIA DA LÍNGUA KINIKINAU.....	81
4.1 Considerações iniciais.....	81
4.2 A proposta de Souza (2008) para a fonologia da língua Kinikinau.....	83
4.3 Sobre a questão do “tom”: afinal, Kinikinau é uma língua tonal ou não?.....	91

4.4 Alguns princípios importantes da Fonologia Métrica.....	103
4.5 Discussão preliminar sobre acento em Kinikinau e sua relação com alongamento vocálico.....	104
4.6 Considerações parciais.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	123
Fontes orais.....	123
Referências bibliográficas.....	123
ANEXOS.....	135
Anexo A.....	136
Anexo B.....	143
Anexo C.....	155
Anexo D.....	170

Dedico o presente trabalho primeiramente aos meus pais, por sempre me apoiarem e me incentivarem, desde quando eu era apenas uma simples criança crescendo na periferia de Planaltina-DF, e em segundo lugar aos “meus patrícios”, que me acolheram, me adotaram e me propiciaram todas as condições necessárias para a feitura de minha dissertação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ao Nosso Senhor Jesus Cristo e à Santa Maria de Madalena por terem me possibilitado realizar este trabalho de pesquisa de mestrado.

À minha família, em especial aos meus pais, à minha irmã e ao meu cunhado.

À Marlene Rodrigues e ao Gérson Rodrigues, pessoas por quem eu tenho profunda estima e que considero membros de minha família. Não sei o que teria sido do meu trabalho de campo junto aos índios Kinikinau se eu não pudesse ter contado com o fundamental auxílio dessas duas pessoas fantásticas.

À Dona Zeferina Moreira, minha grande interlocutora, sábia e generosa anciã Kinikinau.

A toda comunidade da Aldeia Babaçu e da Aldeia Mãe Terra, que tão bem me acolheu durante minha pesquisa de mestrado. Aqui deixo meus sinceros agradecimentos registrados em nome do Cacique Pintado e do Líder Zacarias Rodrigues.

À minha amiga Denise Silva, que me apresentou ao universo Aruák sul-matogrossense.

À professora Ilda de Souza, exemplo ímpar de pesquisadora e ser humano.

Aos meus professores do PPG-Letras/FACALE/UFGD, com os quais pude aprender bastante durante o meu mestrado, em especial ao professor Marcos Lúcio, cuja enorme inteligência me dá medo.

À CAPES, pela concessão de minha bolsa de estudo.

À professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, que despertou em mim a paixão pelo estudo das línguas e das culturas dos povos indígenas brasileiros.

Last but not least, deixo expresso aqui meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, o professor Andrébio Márcio Silva Martins, este exemplo de orientador, professor, pesquisador, intelectual. A dedicação, competência, seriedade e responsabilidade do professor Andrébio é de admirar. Um exemplo de profissional a ser seguido. Mais uma vez, obrigado professor Andrébio por ter me aceitado ser seu orientando de mestrado.

Eno kaliwôno akoti poke'ixa. (Dona Flaviana Roberto)

É, nós "seamos" um povo que nós "tava" extinto, mas a gente, hoje, tá em pé. Que nós saímos dentro dum rio que nós chama "Wakaxu". É isso que nós somos. E nós nos "escondemo" dentro do rio, baía, aí a gente nasceu, porque se escondeu quando veio adversário a gente se escondeu nesse rio. Quando a gente nasceu, já nasceu dentro da água, nós "escondimos" e já "nascimos". Pode dizer que nós "seamos" "wakaxu" é capivara, né, então nós entramos na água e saímos da água, nós "escondimo" dentro d'água, aí por isso que não foi extinto essa nossa etnia. O nosso forte foi a água. (Sr. Manoel Roberto).

O principal inimigo do índio é o próprio índio. (Sr. Albertino Xavier)

INTRODUÇÃO

A primeira vez que ouvi o nome Kinikinau foi em meados de março de 2016 por intermédio da linguista Denise Silva. Eu havia acabado de me mudar de Brasília para Dourados para cursar o mestrado em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (PPG-Letras/FACALE/UFGD). Até então, iria trabalhar em meu mestrado com os índios Laklanõ do estado de Santa Catarina. Foi quando Denise Silva, estudiosa do povo e da língua Terena e que vem trabalhando com esse grupo indígena há mais de uma década, contou-me da situação e um pouco da história dos Kinikinau e me indagou se eu não teria interesse em trabalhar com esses indígenas. Fiquei literalmente pasmo com a “coragem étnica” desse povo e estupefato diante da oportunidade de trabalhar com eles. Sem antes mesmo de consultar o meu orientador, o prof. Dr. Andrébio Martins, disse à Denise Silva que trabalharia com os Kinikinau em meu mestrado. Pouco depois, conversei com o professor Andrébio e ele também, assim como eu, demonstrou grande entusiasmo em trabalhar com os Kinikinau e prontamente me autorizou a mudar de projeto de pesquisa, indo agora, pois, estudar esse grupo indígena sul-matogrossense. A partir de então, comecei a fazer um levantamento bibliográfico sobre o povo e a língua Kinikinau, enquanto aguardava ansiosamente minha autorização pelas lideranças Terena da Aldeia Mãe Terra (uma das aldeias que compõem a TI Cachoeirinha) para poder começar o meu trabalho de campo com os Kinikinau. Essa autorização seria intermediada pela Denise Silva, que de bom grado resolveu me ajudar nesse mister, usando para tal a sua inserção na TI Cachoeirinha.

No dia 14 de julho de 2016, pus-me a caminho da TI Cachoeirinha para pessoalmente pedir ao Líder Zacarias Rodrigues, uma das lideranças da Aldeia Mãe Terra, autorização para trabalhar com a comunidade Kinikinau residente lá. Para minha surpresa, após longos minutos de grave silêncio, o Sr. Zacarias autorizou-me a trabalhar com os Kinikinau da Mãe Terra e me convidou a ir à localidade onde morava Dona Zeferina, uma das últimas falantes da língua Kinikinau, último bastião do conhecimento tradicional Kinikinau e sua tia paterna. Prontamente aceitei o seu convite e fui para a casa de Dona Zeferina. Confesso que fiquei emocionado em ver ao vivo uma das últimas falantes de uma língua na beira da extinção e, ao mesmo tempo, apreensivo por não saber se ela me receberia bem e se demonstraria interesse em colaborar com o meu trabalho de mestrado. Porém, a recepção de Dona Zeferina à minha

pessoa e o entusiasmo demonstrado por ela ao meu trabalho foi muito além das minhas expectativas. Quando ela descobriu então que sou colega da professora Ilda de Souza, sua reação foi ainda mais calorosa. Ficamos conversando durante bastante tempo nesse nosso primeiro contato. Pude também nessa ocasião me apresentar para outras lideranças Kinikinau da Aldeia Mãe Terra, e todas elas viram com bons olhos o meu trabalho e me deram total apoio para prosseguir com a minha pesquisa. Sr. Zacarias me convidou para voltar no mês de agosto para a Aldeia Mãe Terra, pois lá ocorreria a reunião preparatória da III Assembleia Kinikinau, e ele julgava ser muito importante eu participar. Aceitei o seu convite e lhe disse que mês que vem estaria lá novamente.

Em 18 de agosto de 2016, voltei para a TI Cachoeirinha para participar da reunião preparatória da III Assembleia Kinikinau e também realizar o meu primeiro trabalho de campo com os índios Kinikinau. A reunião preparatória foi um sucesso. Fui bem recebido pela comunidade Kinikinau ali presente. Todos também demonstraram interesse em meu trabalho e se prontificaram em me ajudar no que pudessem. Pude nessa ocasião conhecer muitos Kinikinau residentes na Aldeia São João (TI Kadiwéu). Todos eles se mostraram interessados em meu trabalho e dispostos a me ajudar. Passei dezesseis dias com os Kinikinau. Foram muito produtivos esses meus dias. Pude trabalhar bastante com Dona Zeferina, realizando muitas gravações com ela. Gravamos lista de palavras, frases elicítadas, canções de ninar, cantos dos *koixomoneti*, histórias de antigamente etc.

Em 8 de outubro de 2016, retorno mais uma vez para a TI Cachoeirinha para participar da III Assembleia Kinikinau e realizar meu segundo trabalho de campo com os Kinikinau. A Assembleia também foi um sucesso. Conheci alguns Kinikinau residentes na aldeia São João e fui bem recebido por eles. Todos demonstraram interesse pelo meu trabalho e vontade de ajudar. Inclusive, consegui a autorização do Cacique Crisanto, um dos filhos de Dona Zeferina, para poder realizar pesquisa na aldeia São João. Minha estadia também foi um sucesso. Foi muito mais proveitosa que a primeira. Trabalhei muitíssimo com Dona Zeferina. Gravei uma enorme quantidade de dados com ela, que serão de grande utilidade no futuro para realizarmos uma descrição da língua Kinikinau e registrarmos parte do conhecimento ancestral desse povo, de forma a salvaguardar essas duas riquezas imateriais para as futuras gerações Kinikinau. Além de Dona Zeferina, pude trabalhar também com a Dona Flaviana e o Sr. Manoel, ambos filhos de Dona Zeferina e duas grandes lideranças Kinikinau, que me ensinaram muito da história e da cultura de seu povo. Consegui gravar todas as entrevistas

com eles e espero poder transmitir para as gerações Kinikinau futuras todo esse vasto conhecimento que me foi passado pela Dona Flaviana e pelo Sr. Manoel.

Em 18 de março de 2017, retorno à TI Cachoeirinha para participar da inauguração da Oca Cultural Professor Nilo Delfino, localizada na aldeia Babaçu. Pude permanecer onze dias em campo. Contudo, nessa minha estadia, meu contato com os Kinikinau foi bem pouco, pois fiquei muito envolvido com a inauguração da Oca Cultural, auxiliando os idealizadores do projeto a organizar a grande festa de estreia da local. Pude, entretanto, visitar a Dona Flaviana Roberto e seu núcleo familiar na retomada Pé de Cedro, retomada essa ligada aos índios Terena de Taunay-Ipegue e que foi escolhida por esse grupo para lhes servir de moradia justamente pelo fato dela se localizar contígua à área reivindicada pelos Kinikinau como pertencente ao seu território tradicional. Lá na Cedro, como comumente é chamada a retomada, pude conhecer várias lideranças Terena de Taunay-Ipegue.

Em 13 de abril de 2017, volto para a Cachoeirinha, em ocasião do Dia do Índio. Fui para a aldeia passar essa data memorável, pois nunca havia passado um Dia do Índio em uma aldeia indígena, apesar de já trabalhar com populações indígenas desde a graduação. A festa foi ótima, uma experiência incrível! Dessa vez, ao contrário da minha última estadia, o meu contato com os Kinikinau foi grande. Pude gravar uma grande quantidade de dados linguísticos com Dona Zeferina e pude participar de várias reuniões importantes com os Kinikinau a respeito de sua questão fundiária, tanto na Cedro como na Mãe Terra. Pude permanecer dez dias em campo nessa oportunidade.

Em 05 de agosto de 2017, retorno para a TI Cachoeirinha para realizar o meu último trabalho de campo com os índios Kinikinau. Meu principal objetivo nessa estadia foi gravar com Dona Zeferina alguns dados linguísticos que eu e meu orientador julgávamos importantes para a nossa análise e que haviam sido gravados em qualidade ruim durante meus outros trabalhos de campo. Pude participar de algumas reuniões importantes com lideranças Kinikinau, principalmente questões ligadas à questão fundiária, e também pude rever vários amigos Terena que eu não via há muito tempo. Permaneci oito dias em campo. Enfim, essa foi a história de como conheci os índios Kinikinau e de como comecei a trabalhar com eles.

Temos, com este trabalho, um duplo objetivo: primeiro, promover um estudo do nível de vitalidade da língua Kinikinau, levando em consideração o levantamento dos seguintes dados: número absoluto de falantes; proporção de falantes na comunidade; atitudes dos membros da comunidade em relação à língua; possibilidades de a língua ocupar novos

espaços na comunidade e nos meios de comunicação utilizados pela própria comunidade; natureza e qualidade da documentação disponível da língua; disponibilidade de materiais didáticos para o uso da língua no ensino em geral e no ensino da própria língua; situação da língua no âmbito em que a mesma é utilizada; políticas e atitudes em favor da língua por parte do governo e de instituições governamentais e não governamentais e transmissão da língua de geração para geração.

Para a realização do diagnóstico sociolinguístico da língua Kinikinau, apoiamo-nos nos seguintes trabalhos: Labov (1994), Dorian (1981, 1986, 2001, 2010a, 2010b), Hinton (1998, 2002, 2003, 2011), Hinton et al. (2007), Thomason (2001), Campbel & Muntzel (1989), Maher (1996, 2007, 2008), Aquino (2010) e Viegas (2014). Utilizamos um questionário sociolinguístico elaborado por nós mesmos baseado nos trabalhos de Maher (2007) para os povos indígenas do Acre, Aquino (2010) para os Asuriní do Tocantins e Viegas (2014) para os Kokáma. Esse questionário privilegia uma amostragem representativa e qualitativa, ou seja, não probabilística e não quantitativa, de forma que não foi aplicado em toda a população Kinikinau residente na Aldeia Mãe Terra e São João. Seu foco é a dinâmica social das línguas em convívio nas comunidades Mãe Terra e São João e tem os seguintes objetivos: a) observar quais línguas – Português, Kinikinau, Terena ou Kadiwéu – é utilizada pelos índios Kinikinau em diferentes situações comunicativas ocorridas dentro e fora da área indígena; b) realizar um levantamento das práticas de letramento que ocorrem na aldeia; c) entrevistar diferentes membros da comunidade, de diferentes faixas etárias e de ambos os sexos, para diagnosticar as competências orais e escritas, bem como sua atitude em relação às línguas Português, Kinikinau, Terena ou Kadiwéu; d) observar pelo menos 5 famílias com crianças pequenas da comunidade para identificar qual língua está sendo transmitida para as gerações mais novas.

Nosso segundo objetivo é realizar uma descrição de aspectos fonológicos, buscando ampliar os estudos descritivos da língua Kinikinau. Para tanto, propomos uma revisão da análise fonológica da língua feita por Souza (2008), considerando o inventário de fones consonantais e vocálicos, seguido de interpretação fonológica dos segmentos consonantais e vocálicos, com destaque aos aspectos suprasegmentais identificados.

Para a revisão da fonologia, tomamos como referências teóricas os seguintes autores: Abercrombie (1967), Catford (1977), Laver (1994), Hardcastle & Laver (1997), Johnson (2003), Ladefoged (2003, 2005), Maddieson (1984), Pike (1943, 1947), Goldsmith (2011),

Jakobson (1962, 1978), Jakobson & Fant (1967), Trubetzkoy (1969), Chomsky & Halle (1968) e Hayes (1981, 1991, 1995). Também levamos em consideração os estudos anteriores sobre a língua Kinikinau feita por Ilda de Souza (2007; 2008; 2009) e estudos sobre outras línguas da família Aruák, como Couto (2012, 2016), Facundes (2000), Brandão (2014) e Ramirez (2001). Tratamos aqui a língua como um sistema inseparável da cultura, constituído de subsistemas dinamicamente interconectados, de modo que funcione como uma ferramenta cultural cujo principal objetivo é a comunicação. Buscamos, no decorrer da pesquisa, realizar longas estadias entre os Kinikinau (total de 82 dias em campo), o que nos permitiu realizar a coleta e análise de um corpus considerável de dados linguísticos (mais de 70 horas de gravação).

Também tivemos o cuidado durante nossa pesquisa em trabalhar com os Kinikinau de forma colaborativa, de forma que eles não se sentissem meros informantes, mas colaboradores da pesquisa. Os dados foram gravados com um gravador digital Tascam DR-100MKII e um microfone *headworn* Audix HT5. Utilizamos listas de palavras (lista do Museu Goeldi de 308 palavras, lista de Swadesh de 100 e 207 palavras, lista de Swadesh-Rowe de 373 palavras e a lista do ASLIB¹ de 216 palavras), entrevistas semi-estruturadas, entrevistas não-estruturadas e elicitación.

Buscamos coletar e analisar tanto dados linguísticos de fala espontânea como de fala controlada. Tivemos duas colaboradoras durante a nossa pesquisa: Dona Zeferina Moreira (mais de 80 anos), a principal falante da língua Kinikinau, monolíngue em Kinikinau com um pequeno domínio do Português como segunda língua, e sua filha mais velha, Dona Ágda Roberto, 66 anos, bilíngue em Kinikinau e Português. A maior parte dos dados linguísticos coletados e analisados por nós neste trabalho nos foram fornecidos por Dona Zeferina Moreira.

Esperamos que o diagnóstico sociolinguístico e a descrição de aspectos fonológicos da língua Kinikinau não fique circunscrito apenas ao domínio da universidade e percorra o círculo estreito de estudiosos das línguas indígenas sul-americanas, mas que eles também contribuam com as necessidades fundamentais da comunidade Kinikinau, principalmente no tocante à educação e à sua luta política.

¹ O ASLIB (Atlas Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras) é um projeto de atlas geossociolinguístico capitaneado pela profa. Dra. Ana Suelly Cabral, da Universidade de Brasília, e que tem como objetivo elaborar um atlas online de todas as línguas indígenas faladas em solo brasileiro.

Assim, objetivamos que os resultados de nossa pesquisa voltem à comunidade em forma de contribuições ao ensino de língua materna nas futuras escolas Kinikinau, aos projetos da comunidade de fortalecimento da língua, que se encontra altamente ameaçada (cf. Souza, 2009). Também queremos que eles contribuam futuramente para a elaboração de materiais didáticos e paradidáticos (nas modalidades escritas e audiovisuais) para os professores utilizarem nas aulas de língua Kinikinau na futura escola da comunidade, de forma que o docente melhor trabalhe em sala de aula as quatro competências básicas dos alunos: escrita, leitura, oralidade e compreensão.

Sabemos que, ao desaparecer uma língua, ela não sucumbe sozinha, leva consigo todo um sistema cultural, uma filosofia própria, suas expressões artísticas, uma mitologia peculiar, enfim, todo um modo diferenciado que uma determinada sociedade vê o mundo e explica os processos aos quais está submetida. E o desaparecimento de uma língua tem sido algo praticamente irreversível dentro da realidade brasileira. Uma vez deixada de ser falada, sobrarão dela para a posterioridade somente os registros escritos que algum estudioso conseguirem elaborar. Diante do exposto, temos como justificar a relevância do nosso trabalho de tentar registrar o quanto nos for possível a língua Kinikinau.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: primeiramente, temos uma Introdução, onde apresentamos um pouco da história de como conheci os índios Kinikinau, os objetivos do nosso trabalho, o referencial teórico e metodológico que utilizamos, os resultados esperados, a justificativa da relevância dessa dissertação e um pouco sobre como foi meu trabalho de campo junto aos Kinikinau. Em seguida, no Capítulo 1, fizemos uma breve recapitulação da história dos Kinikinau desde o Gran Chaco Colonial no século XVI até a retomada Pé de Cedro no século XXI e apresentamos uma sucinta etnografia deste povo. No capítulo 2, apresentamos uma revisão bibliográfica da literatura linguística sobre a língua Kinikinau. Logo, no Capítulo 3, realizamos um diagnóstico sobre a realidade sociolinguística da língua Kinikinau. Por fim, no Capítulo 4, apresentamos uma revisão da fonologia, partindo do trabalho de Souza (2008).

CAPÍTULO 1

NOTAS SOBRE OS INDÍGENAS KINIKINAU

1.1 Do Gran Chaco Colonial à retomada da fazenda Pé de Cedro

Os atuais indígenas Kinikinau são descendentes de uma parcialidade da grande nação Chané-Guaná, que habitou o Chaco Paraguaio até fins do século XVIII, fixando-se posteriormente na margem oriental do rio Paraguai, em terras que viriam a se constituir território da República Federativa do Brasil (SOUZA, 2008). É um povo Aruák, de língua Aruák (AIKHENVALD, 1999), agricultor por excelência, com grande abertura para o Outro, imbuídos de grande disposição a assimilar pessoas, símbolos e discursos exógenos (CASTRO, 2011). Suas extensas lavouras, sua grande hospitalidade e “grau de civilidade” impressionaram sobremaneira os europeus, que buscavam parceiros locais para os auxiliarem a atravessar o Gran Chaco, desde Assunção em direção às minas de prata no Peru (idem). Essa percepção positiva dos europeus em relação aos Chané-Guaná, da qual os Kinikinau constituíam uma parcialidade, deve-se não exclusivamente ao fato de eles verem esses índios como potenciais parceiros, mas também ao fato de os Chané-Guaná se diferenciarem em muito da nação dos índios cavaleiros Mbayá-Guaicuru, com os quais os colonizadores tiveram dificuldades de estabelecer relações mais amigáveis, devido ao *ethos* guerreiro dos indígenas dessa etnia.

Algo digno de se relatar durante esse período do povo Kinikinau no Gran Chaco é a simbiose que eles, bem como as outras parcialidades Chané-Guaná, mantiveram com os índios Mbayá-Guaicuru. Essa relação muito impressionou os europeus (CASTRO, 2011), como até hoje impressiona os antropólogos, sociólogos e historiadores que se debruçam nos registros coloniais da época. Muitos tomaram essa relação entre esses dois povos como uma

espécie de escravidão, mas de um tipo bem suave², pois os Chané-Guaná não recebiam ordens de seus “mestres” Mbayá, não sofriam castigos físicos, compartilhavam com eles a mesa e inclusive as mulheres. Outros já demonstraram perplexidade e uma certa ojeriza em relação aos Mbayá³, por não conseguirem entender como os Chané-Guaná, dez vezes mais numerosos que os Mbayá-Guaicuru, dispendo das mesmas armas que eles, se submetiam ao jugo Mbayá e aguentavam suas provocações, ameaças, furtos e prejuízos. Contudo, essa relação que pareceu tão complexa e insólita para os colonizadores, impossível até de entender, torna-se de fácil intelecção se levarmos em conta os princípios e tendências tanto do *ethos* Chané-Guaná quanto do *ethos* Mbayá-Guaicuru que regiam esses dois povos (CASTRO, 2011). Os Chané-Guaná eram um povo agricultor e adeptos às trocas, ao comércio, que objetivavam grandes áreas para construir seus assentamentos e tocar suas roças. Já os Mbayá-Guaicuru eram um povo caçador-pescador-coletor, seminômades, extremamente belicosos, que declararam guerra contra todo o gênero humano. Desse modo, um povo encontrou no outro o parceiro ideal que aspirava. Os Mbayá encontraram nos Chané-Guaná os fornecedores dos gêneros alimentícios que eles não produziam, assegurando deste modo sua segurança alimentar. Também os Chané-Guaná eram um meio dos líderes Mbayá aumentarem a sua quantidade de servos, o que lhes aumentava em muito o prestígio. Esses indígenas Aruák também lhe eram fornecedores de abrigo durante suas longas e frequentes expedições guerreiras, além de poderem engrossar suas fileiras em alguma expedição que exigisse um número maior de guerreiros. Já os Chané-Guaná viam nos Mbayá-Guaicuru os parceiros ideais para suas trocas, visto que esses indígenas podiam lhes fornecer vários objetos que eles não produziam e nem tinham acesso, como ferramentas metálicas. Também podiam proteger-lhes de outros povos chaquenhos agressivos, como os Chamacoco, e lhes oferecer passagem segura nas suas expedições de comércio.

Assim, podemos ver que os Guaicuru não escravizavam os Chané-Guaná, não eram seus senhores, não mandavam neles, pelo contrário, eram parceiros, aliados, que tinham obrigações para com esses indígenas Aruák, sendo que se eles não as cumprissem, os Chané-Guaná simplesmente desfaziam a aliança e iam à busca de novos parceiros (CASTRO, 2011). A nosso ver, é uma espécie de contrato social interétnico. Um equívoco feito por alguns

² Veja Schmidl (1970 [1557]), Aguirre (1898 [1793]), Sanches Labrador (1910), Lozano (1941 [173]), Azara (1969 [1809]), conforme Castro (2011).

³ Veja Serra (1845), Taunay (1931), conforme Castro (2011).

cronistas europeus do período colonial foi avaliar que essa aliança se estendia para todo o povo Chané-Guaná e Mbayá-Guaicuru. Muito pelo contrário, ela era feita entre famílias “troncos”⁴ de cada povo. Desse modo, por exemplo, uma família “tronco” Kinikinau do período chaquenho poderia ser aliada de uma família “tronco” Guaicuru, já outra poderia ser aliada dos espanhóis, outra dos portugueses e uma última de algum outro grupo indígena do Chaco, como os Guarani, por exemplo. Todas essas famílias seriam aliadas entre si, visto os Chané-Guaná abominarem guerras endógenas, e juntas constituiriam a grande nação Chané-Guaná.

A aliança Mbayá-Guaná se materializava por meio de matrimônios entre esses dois povos (CASTRO, 2011). Um cacique Mbayá se casava com uma cacica Chané-Guaná, o que lhe dava direitos sobre os servos de sua esposa. Assim, o cacique Mbayá tinha mais servos, o que lhe aumentava o prestígio, mas também tinha obrigações para com a família “tronco” de sua esposa, como lhes fornecer objetos metálicos saqueados dos europeus. A qualquer momento a aliança entre essas duas famílias podia se romper, caso uma das duas partes não cumprisse com suas obrigações recíprocas. Vemos, desse modo, que a tão famosa aliança Mbayá-Guaná, fenômeno social que tanto impressionou os europeus no período do Chaco, não tinha nada de servidão, opressão de um povo para com o outro. Era um acordo feito por dois povos distintos, que buscavam no outro o suporte para suas aspirações (CASTRO, 2011).

No fim do século XVIII, fugindo das guerras de extermínio dos espanhóis e da pressão dos colonos *criollos*, os Chané-Guaná migram para a margem oriental do rio Paraguai, em terras da Coroa Portuguesa que, posteriormente, formariam o Brasil (SOUZA, 2008). Durante essa passagem, as parciais Chané-Guaná (Kinikinau, Terena, Echoaladi e Layana) começaram a ser identificadas sozinhas, não formando mais agora a nação Guaná, mas sim os povos Kinikinau, Terena, Layana e Echoaladi/Guaná (CASTRO, 2011). Outro fator que acarretou a migração dos povos Chané-Guaná para terras brasileiras foi o fato de eles estarem buscando novos parceiros para trocas recíprocas. Os espanhóis queriam exterminá-los. Os Mbayá, extremamente enfraquecidos devido à ação da Coroa Espanhola e dos estancieiros *criollos*, já não mais lhes serviam como aliados, exigindo-lhes contrapartidas cada vez mais absurdas. Assim, eles viram nos portugueses os parceiros desejados, com os quais pudessem

⁴ Estamos usando o conceito de família “tronco” aqui, e no decorrer deste trabalho, conforme exposto por Pereira (2009) para os Terena de Buriti, para nos referirmos às unidades sociológicas que estruturam a sociedade Kinikinau (e Guaicuru-Kadiwéu também).

trocar o excedente de sua roça e sua manufatura em troca de bens que lhes eram indispensáveis e que eles não conseguiam produzir (CASTRO, 2011). A Coroa Portuguesa também tinha muito interesse em fazer alianças com os Chané-Guaná, bem como com outros índios do extremo oeste, de modo a garantir a presença lusa nessa região de fronteira. Assim, juntou a vontade dos Guaná de se distanciarem de terras de domínio espanhol e se desembaraçarem da aliança com famílias Mbayá, que agora lhes tornaram inúteis, um verdadeiro estorvo, com a vontade dos portugueses de firmarem alianças com os nativos em região fronteira com a Coroa Espanhola para que os indígenas lhes ajudassem a combater os espanhóis (idem). Os indígenas Chané-Guaná se fixaram em duas localidades: uma parcela dos Kinikinau e os Echoaladi se instalaram nas proximidades do distrito de Albuquerque, no município de Corumbá-MS. O restante dos Kinikinau, os Layana e os Terena se instalaram nas proximidades do município de Miranda-MS (SOUZA, 2008). Aqui podemos ver outra prova de que a aliança Mbayá-Guaná nunca foi de submissão ou domínio de um povo sobre o outro. Foi uma relação entre iguais. Quando os Mbayá não mais conseguiam satisfazer as necessidades Chané-Guaná, estes se desfizeram daqueles como parceiros. Os povos Guaná oriundos do Chaco se relacionaram muito bem com as autoridades portuguesas e posteriormente brasileiras, sendo por estas muito bem-vistos e benquistos (CASTRO, 2011). Esse bom relacionamento durou até a deflagração da Guerra da Tríplice Aliança, também conhecida como Guerra do Paraguai.

Os povos Guaná, juntamente com os Mbayá-Kadiwéu, lutaram contra as tropas paraguaias de Solano López. Foram os Terena e Kinikinau, por exemplo, que organizaram a “resistência brasileira” na região de Miranda (SOUZA, 2008). Contudo, mesmo tendo lutado a favor do Brasil, do lado do vencedor, eles foram os maiores derrotados nessa guerra, mais derrotados que as tropas paraguaias. Ao regressarem do conflito armado, encontram suas aldeias arrasadas pelos paraguaios e suas terras tomadas pelos fazendeiros que começavam a se instalar naquela região (idem). O caso dos Kinikinau foi o mais dramático de todos. Uma de suas duas aldeias, a Aldeia-Missão Nossa Senhora do Bom Conselho, dirigida pelo Frei Mariano Bagnaia, localizada nas proximidades de Albuquerque, foi totalmente destruída pelos paraguaios. A maioria da população Kinikinau de lá foi enviada para Assunção, onde por lá morreu. Os sobreviventes se espalharam nas fazendas da região que se formavam, hoje não restando mais nenhum remanescente do referido lugar (CASTRO, 2011). A outra aldeia, nas margens do córrego Agachi, não foi destruída pelos paraguaios, mas, mal cessando o conflito,

ela começou a ser invadida por pecuaristas. Paulatinamente os latifundiários iam colocando o seu gado em terra Kinikinau, exercendo uma pressão cada vez maior para que os indígenas saíssem de sua terra ancestral. Não durou mais que trinta anos após a Guerra do Paraguai até todos os Kinikinau serem expulsos. Assim, o outrora bem-visto, benquisto, aliado povo Kinikinau passou a condição de povo *ako poke'e, ako peti na yonoheoti xâne* 'sem terra, sem teto e sem rumo' (SOUZA, 2008). A maioria deles foi para as aldeias Terena Cachoeirinha, TI Cachoeirinha, e Lalima, TI Lalima, ambas no município de Miranda-MS. Já outros foram trabalhar nas fazendas que se formavam na região, em trabalhos análogos ao de escravo. Alguns ficaram vagando pela região de Miranda, à procura de algum lugar onde pudessem se territorializar. Contudo, sempre que chegavam a um lugar, imediatamente chegava um suposto "dono das terras". Ao comunicar seu problema fundiário para o "Serviço de Proteção aos Índios" (SPI), os Kinikinau foram aconselhados por agentes desse órgão a se instalarem em área Kadiwéu, no lugar que daria nascimento à Aldeia São João. Com a perda de sua última aldeia, os Kinikinau foram declarados extintos pelo Estado brasileiro, sob a pena de antropólogos de renome como Roberto Cardoso de Oliveira e Darcy Ribeiro. Contudo, essa nunca foi uma percepção dos Kinikinau, que embora misturados entre os Terena, vagando sem rumo, em fazendas ou em cidades, nunca tiveram dúvidas de sua existência ou de sua continuidade histórica. Foram silenciados pelo Estado, que na mão dos latifundiários pretendiam apagar da história os povos indígenas para que pudessem ficar com as suas terras, mas nunca perderam a sua identidade Kinikinau, que ficou guardada para que num momento mais propício pudesse ser revelada. Esse momento foi julgado pelos Kinikinau como sendo o início da década passada, onde eles resolveram quebrar o seu silêncio, assumir sua identidade Kinikinau, e lutar por todos os direitos que tal ato tem a lhes oferecer.

A princípio, não foram mais que seis famílias "troncos" Kinikinau que chegaram à área que formaria a Aldeia São João a convite do SPI. Contudo, após se instalarem e fundarem a aldeia São João, mais famílias "troncos" Kinikinau, que estavam em terra Terena, em fazendas ou vagando sem rumo, se instalaram lá. Do período de fundação da Aldeia São João, na década de 1940 até a década de 1990, embora tenha sido um período de silenciamento étnico para os Kinikinau, foi um período bom para esses indígenas, porque eles puderam se organizar em um espaço enquanto povo e crescer demograficamente. No início, a convivência com os Kadiwéu, os verdadeiros donos do lugar, foi boa. Não havia atritos entre esses dois grupos e esses indígenas viviam bem juntos, mutuamente se beneficiando. Porém,

no final da década de 1990 e início de 2000, essa convivência começou a se deteriorar, devido à mudança para a Aldeia São João de três famílias Kadiwéu problemáticas expulsas da aldeia Alves de Barros. Elas foram expulsas de lá por terem cometido uma série de crimes, como roubos e até assassinatos. Chegando à São João, começaram a cometer esses mesmos crimes, agora não com os seus patrícios Kadiwéu, mas com os índios Kinikinau. Foram inúmeros os roubos que eles cometeram contra os Kinikinau. De motosserras e roçadeiras elétricas, até comida dentro de panelas os Kadiwéu roubaram dos Kinikinau. Os roubos foram o menor dos males. O pior foram as inúmeras tentativas de assassinatos feitas sobre os Kinikinau. Há também inúmeros casos de espancamento, agressões verbais, provocações, perseguições, humilhações públicas... Vale ressaltar que não são todos os Kadiwéu que agem assim, são apenas três famílias problemáticas que se mudaram para a Aldeia São João expulsa da Alves de Barros. O clima de tensão envolvendo os Kinikinau e essas famílias Kadiwéu foi ficando insustentável, até que algumas famílias Kinikinau resolveram sair da São João, aceitando o convite do Sr. Zacarias Rodrigues, para irem morar na aldeia Mãe Terra, TI Cachoeirinha, Miranda-MS.

A primeira família “tronco” Kinikinau a se mudar para a Mãe Terra foi a família de Dona Flaviana Roberto, em 2007. Em seguida, veio sua mãe, Dona Zeferina Moreira, a principal falante da língua Kinikinau, junto com os seus filhos Manoel Roberto, que mais tarde se casaria com uma índia Terena e constituiria família, e Maria Roberto, viúva, que veio na companhia de seus dois filhos. A mudança dessas famílias se deu no ano de 2008. O motivo principal de elas terem se mudado foram os atritos com as famílias Kadiwéu problemáticas moradoras da São João. Mas também concorre para essa mudança o fato de a Aldeia Mãe Terra ficar perto do território tradicional do grupo localizado às margens do córrego Agachi. Recentemente, se mudaram para a Mãe Terra o Sr. Nicolau Flores, esposo da Dona Genoveva Roberto (filha de Dona Zeferina), com respectiva família, o Sr. Naldomir Roberto Flores (filho de Dona Genoveva), com respectiva família, e Dona Ágda Roberto (filha de dona Zeferina, falante de Kinikinau, viúva), com respectiva família. O motivo que levou essas três últimas famílias a migrarem para a Mãe Terra foi o mesmo que fez as três primeiras a realizarem o mesmo: problemas com os Kadiwéu problemáticos residentes na aldeia São João. Os Kinikinau que vieram para a Mãe Terra se adaptaram muito bem à terra Terena, integrando-se na comunidade, cooperando em prol do desenvolvimento da mesma, contribuindo com suas lutas, enfim, “vestindo a camisa” da comunidade Mãe Terra e “dando

sua cara a tapa” para quaisquer situações que a comunidade tivesse que lidar. Isso nós podemos constatar no fato de que das três famílias que primeiro migraram para a aldeia em questão, todas participaram dos movimentos de retomada realizados pelos líderes dessa comunidade, sendo o exemplo mais claro a retomada falha da fazenda Petrópolis.

Recentemente uma família “tronco” Kinikinau, a de Dona Flaviana Roberto, justamente a primeira família a migrar da aldeia São João para a Mãe Terra, justamente uma das líderes Kinikinau mais empenhadas em lutar pela retomada da terra tradicional e que mais vem articulando para lograr tal desiderato, mudou-se da aldeia Mãe Terra para a retomada da fazenda Pé de cedro, localizada na TI Taunay-Ipegue, município de Aquidauana-MS. O convite para morar lá foi feito pelos Cacique Nilo e Cacique Otto. O fator decisivo para que essa família aceitasse o convite das lideranças de Taunay foi que essa retomada fica mais perto ainda do território tradicional do grupo que a Aldeia Mãe Terra.

Por ora, os Kinikinau, estando em terra Kadiwéu, em terra Terena, em fazendas ou em cidades, articulam veementemente para lutar pela retomada de seu território tradicional nas margens do córrego Agachi. Planejam meticulosamente o dia da grande luta, onde irão acampar na área que reivindicam e lutar pacificamente pela posse dela. Enquanto isso, embora aossados de todos os lados, vivendo em penúria extrema, não esmorecem, não desistem, e ainda encontram forças para ajudar na luta de seus patrícios Terena, visto que laços de solidariedade e consanguinidade unem esses dois povos, que um dia foram parcialidades da grande nação Chané-Guaná.

1.2 O povo Kinikinau hoje

Atualmente o povo Kinikinau vive distribuído, conforme vimos na seção anterior, em diversas localidades do estado de Mato Grosso do Sul: na aldeia São João, RI Kadiwéu, município de Porto Murtinho, onde se encontra a maior parte dos membros pertencentes a essa etnia; em aldeias Terena, sendo as principais a aldeia Mãe Terra, TI Cachoeirinha, município de Miranda, e aldeia Cabeceira, TI Nioaque, município de Nioaque; em centros urbanos de Mato Grosso do Sul, com destaque para Campo Grande (capital do estado), Bonito e Jardim; em fazendas espalhadas pelos municípios de Bonito e Miranda; e na retomada da

fazenda Pé de Cedro, ligada à TI Taunay-Ipegue, município de Aquidauana-MS. Essa distribuição dos indígenas Kinikinau em diferentes áreas se deve a dispersão a qual eles foram submetidos pelo Estado brasileiro logo após o fim da Guerra do Paraguai (SOUZA, 2008).

Passado o período de silenciamento étnico, onde eles intencionalmente esconderam sua identidade, ora se assumindo como Terena, ora se assumindo como não-indígena, numa clara estratégia de sobrevivência grupal, até que chegasse o momento em que eles julgassem favoráveis para ressurgirem das cinzas (JOSÉ DA SILVA e SOUZA, 2003), os Kinikinau encontram-se agora em um momento de luta, de enfrentamento. Luta por simplesmente garantirem o retorno ao seu território tradicional localizado na beira do córrego Agachi, de onde foram expulsos há pouco mais de um século devido a uma política injusta e perversa do Estado brasileiro. A recuperação de suas terras é o maior objetivo deles enquanto povo, a principal questão com que o Movimento Kinikinau⁵ se ocupa em lidar e o principal problema com o qual esses indígenas se preocupam. Não há uma só conversa com eles em que a questão do território não venha à tona. Podemos perceber essa preocupação nas palavras do Sr. Manoel Roberto, liderança Kinikinau, ex-cacique da aldeia São João e filho homem mais velho de Dona Zeferina⁶, “É que... todos nós, nossos povos, os povos Kinikinau, nós gostaria e nós gostamos, passa o tempo que for passar, nós gostaria o nosso território tá... tá trabalhando todas essas etnias dentro desse território. Pra nós poder dar continuidade em nossos "culturas"... preservar” (M. ROBERTO, 2016). Dona Flaviana Roberto, outra liderança Kinikinau, também filha de Dona Zeferina, principal articuladora da vinda de famílias Kinikinau da aldeia São João para a aldeia Mãe Terra, também nos presta esclarecimentos importantes sobre a luta dos Kinikinau pelo território tradicional. Nas palavras dela:

É... a gente tá pedindo muito pra Deus, que a gente consegue ainda o nosso território. É... caso seja os nossos filhos, os nossos netos que vão ocupar esse lugar. A gente não quer deixar eles viver, assim, em um lugar emprestado, como nossos pais deixaram nós. Porque é muito sofrido esse lugar, então a gente quer deixar num lugar que seja, assim, um paraíso para eles. É isso que eu tenho pra falar (F. ROBERTO, 2016).

⁵ Chamamos de Movimento Kinikinau o conjunto de iniciativas tomadas pelos Kinikinau, coletivamente, para assegurarem seus direitos constitucionais.

⁶ Dona Zeferina é a principal falante do idioma Kinikinau (atualmente há menos de 7 falantes dessa língua Aruák), maior símbolo de indianidade desse povo e último bastião detentor de seu conhecimento ancestral.

Para encarar essa nada fácil empreitada de luta pela terra, os Kinikinau enfrentam problemas tanto externos quanto internos. Os problemas externos, é desnecessário nós discutí-los em minúcia aqui. Basta olhar qualquer jornal sul-matogrossense ou até nacional para ver o ponto crítico em que se encontra a questão indígena em Mato Grosso do Sul: forte cooptação de lideranças indígenas por parte das elites estaduais, com objetivo de rachar o movimento dos povos indígenas, veja o exemplo do Fórum dos Caciques de Mato Grosso do Sul (FOCAMS)⁷; criminalização dos conselhos indígenas locais e também de lideranças indígenas que realmente lutam pelos interesses de sua comunidade, veja a perseguição que o Conselho Terena vem sofrendo e as reiteradas tentativas por parte do Estado de incriminar lideranças Terena da TI Taunay/Ipegue por causa da retomada da Fazenda Esperança; assassinatos de lideranças indígenas que não se deixam cooptar ou que não conseguem ser incriminadas, veja as morte de Marcos Verón, Genivaldo e Rolindo Vera, Oziel Gabriel, Nísio Gomes, Marinalva Manoel, Simeão Fernandes Vilhalba e Clodiodi de Souza (isso porque só nos atemos às mortes recentes); decisões judiciais sempre desfavoráveis aos indígenas, muitas vezes com os magistrados fazendo interpretações muito contestáveis das leis e da constituição de nosso país, veja os casos da TI Guyraroka, da TI Panambi-Lagoa Rica e da aldeia Limão Verde, TI Taunay-Ipegue⁸.

Já os problemas internos decorrem da falta de entendimento por parte das famílias “troncos” Kinikinau sobre como agir coletivamente em relação à questão fundiária. Elas simplesmente não conseguiram chegar ainda a um consenso. Há famílias que acham que a solução é partir imediatamente para a retomada. Essa posição é sustentada por parte dos filhos de Dona Zeferina, principalmente por aqueles já radicados há algum tempo na aldeia Mãe Terra, caso do Sr. Manoel Roberto e Dona Flaviana Roberto. Isso provavelmente se deve ao fato de esses três núcleos familiares terem recebido muita influência dos indígenas Terena, que possuem um largo histórico de luta pela retomada de terras tradicionais na região⁹, inclusive sendo a própria aldeia onde atualmente residem uma área retomada. Já outras famílias acham que a solução é migrarem todos da São João para aldeias Terena e esperarem

⁷ Para maiores informações sobre o Fórum dos Caciques, veja o ensaio do antropólogo Messias Basques (Disponível em: <http://outraspalavras.net/deolhonosruralistas/2016/11/25/antropologo-ve-no-ms-um-ensaio-para-militarizacao-da-funai/>. Acesso em 26 nov. 2016).

⁸ Para informações sobre a “guerra jurídica” envolvendo os povos indígenas de MS, veja a seguinte reportagem (disponível em): <http://www.trabalhoindigenista.org.br/noticia/segundo-juristas-marco-temporal-de-1988-para-terras-ind%C3%ADgenas-%C3%A9-inconstitucional>. Acesso em 26 nov. 2016.

⁹ Para maiores informações sobre a luta pela retomada de terras tradicionais feita pelos Terena (e também por outros povos indígenas de Mato Grosso do Sul), veja Eloy Amado & Ricci Tenório (2014, 2016).

pacificamente o desfecho judicial (que lhes será favorável, na opinião deles) da sua luta pelo território. Essa posição é a da maioria das famílias ainda radicadas em área Kadiwéu e de algumas lideranças Kinikinau que atualmente residem em cidades (principalmente Campo Grande) e que de alguma forma “lucram” com a atual situação fundiária desse povo. É difícil pensar em um desfecho favorável para um povo indígena nos tribunais de nosso país, ainda mais com a escalada atual de cerceamento dos direitos originários dos povos tradicionais¹⁰. Há também famílias que defendem a ideia de se reconciliarem com as famílias Kadiwéu problemáticas na aldeia São João, de forma que continuem morando lá até que saia o desfecho judicial da sua luta pelo território, que eles veementemente acreditam, repetimos mais uma vez, que lhes será favorável. Os Kinikinau que sustentam essa posição de reconciliação, em sua grande maioria, são aqueles que possuem cargos comissionados na prefeitura de Porto Murtinho ou na de Bonito, que são professores contratados da prefeitura de Porto Murtinho e dão aula na escola da aldeia ou que não estão dispostos a se desfazerem de seus poucos bens materiais (casa e/ou algumas cabeças de gado ou outra criação) para migrarem da RI Kadiwéu. Essa reconciliação, envolvendo o povo Kinikinau residente na São João e as famílias Kadiwéu problemáticas, parece ser difícil de ocorrer. Parece mais difícil ainda que o Estado intervenha nesse conflito interétnico, advogando-lhes favoravelmente, como os Kinikinau que defendem essa posição acreditam. Esta afirmação é baseada em alguns fatores, como: esse conflito envolve diretamente muitos aspectos da cultura Kadiwéu, e acreditamos ser muito difícil os Kinikinau conseguirem fazer algo para mudá-los; com o desmonte que a Funai vem sofrendo nos últimos anos, é muito difícil que o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro faça algo a respeito; as autoridades locais estão minimamente interessadas em resolver esse conflito, ainda mais um conflito que envolva os Kadiwéu, com os quais muitos caudilhos políticos locais têm relações comerciais muito lucrativas envolvendo arrendamento de terras. Por fim, há famílias Kinikinau que defendem a ideia de migrarem para a cidade e abandonarem de vez sua indianidade. Os principais centros urbanos visados por essas famílias são Bonito, Jardim e Campo Grande. As famílias que defendem essa posição são minoria e tal posicionamento não possui muita força na comunidade Kinikinau.

Se os Kinikinau conseguirem recuperar seu território tradicional nas margens do Agachi e por qual meio eles lograrão esse êxito, só o futuro poderá nos dizer. Há famílias

¹⁰ Para uma maior apreciação da questão indígena fundiária de Mato Grosso do Sul, veja Eremites de Oliveira (2016).

“troncos” extremamente empenhadas em lutar para o território, como a família de Dona Flaviana Roberto, que inclusive se mudou para a retomada da fazenda Pé de Cedro para que pudesse ficar mais perto ainda da área visada pelo grupo, como também há famílias “troncos” que estão completamente acomodadas na situação fundiária que se encontram, seja entre os Kadiwéu como entre os Terena ou na cidade com os *puxarara*¹¹, e já expressaram que não irão lutar pelo território. Há famílias que estão divididas, ora se mostram grande entusiastas da retomada, ora afirmam categoricamente que lutarão por sua terra pelos meios burocráticos.

Esse é o panorama geral da situação em que vivem os Kinikinau hoje. Sem terra, morando de favor em aldeias de outras etnias ou em periferias de cidades sul-matogrossenses, eles ainda discutem como levarão adiante sua luta pelo território. Desnecessário dizer o quanto tal situação tem contribuído negativamente para esse povo. Concorreu para o acelerado processo de desaparecimento do idioma Kinikinau, a ponto de ele chegar ao atual estado crítico em que conta com apenas menos de 7 falantes, todos acima de 60 anos de idade e que não o vêm transmitindo para as novas gerações. Vem também prejudicando a “saúde étnica” desse povo, por lhes imputar massivos casamentos interétnicos. Os filhos desses casamentos interétnicos, geralmente entre Kinikinau e Terena e em menor medida entre Kinikinau e não-indígena ou Kadiwéu, estão em sua grande maioria escolhendo uma identidade étnica não-Kinikinau, o que contribui para o enfraquecimento desse povo. Esse fato já preocupa as lideranças Kinikinau, como podemos perceber na preocupação de Dona Flaviana Roberto “Agora como "tá" bem misturado, né. "Tá" bem misturado Terena com Kinikinau” (F. ROBERTO, 2016). Há outros fatores negativos que o fato de morarem de favor em terras de outras etnias vêm acarretando para os Kinikinau. Na verdade, isso não traz nada de bom para eles, tirando o fato de conseguirem subsistir e manterem sua identidade étnica. Fora isso, mais nada. Apenas miséria, pobreza, violência, insegurança...

1.3 Aspectos etnográficos do povo Kinikinau

A seguir, apresentamos uma breve etnografia do povo Kinikinau, realizada em decorrência do nosso trabalho de campo junto a esse povo (total de 82 dias morando com

¹¹ *Puxarara* significa ‘pessoa não-indígena’ no idioma Kinikinau.

eles). Tentamos, de forma bem sucinta, mas não simplista, apresentar uma visão da cultura material e espiritual dos Kinikinau atuais, seu conjunto de crenças e valores, mostrando sua percepção sobre sua própria história, sobre educação escolar indígena, saúde, lazer, alimentação, sobre os problemas que mais os afligem atualmente, como a questão fundiária e o acelerado processo de morte da língua Kinikinau. Também procuramos mostrar como os Kinikinau se organizam social e politicamente, seu padrão habitacional, suas percepções sobre sua identidade étnica, um pouco da história de Dona Zeferina Moreira, a principal falante da língua Kinikinau e a maior detentora do conhecimento tradicional desse povo e nossa principal colaboradora para a coleta de dados linguísticos que serão analisados e descritos no quarto capítulo desta dissertação.

A escolha de apresentar uma etnografia aqui dos Kinikinau se deu por acharmos importante mostrar um pouco da história, da cultura e do pensamento deste povo. Acreditamos que isso pode nos ajudar a melhor entender como a língua Kinikinau chegou à situação sociolinguística crítica em que se encontra e a pensar mais racionalmente o futuro deste idioma indígena (perspectivas de revitalização ou desaparecimento)¹².

A etnografia foi feita baseada em observação direta¹³ e em uma entrevista semi-estruturada elaborada por nós, gerada pensando as especificidades do povo Kinikinau e feita com diversos membros dessa etnia (ex-caciques, lideranças e jovens)¹⁴. Durante as rodas de mate ou tereré, durante almoços, pescarias, reuniões na comunidade Mãe Terra ou durante entrevistas previamente marcadas, pudemos entreter diálogos com nossos interlocutores Kinikinau que nos permitiram chegar na etnografia que aqui apresentamos. Também nos valem muito da observação direta, feita durante nossa convivência com esses índios. Pudemos observá-los nas mais variadas situações, desde passeios turísticos no carro de um dos autores desta dissertação até momentos complicados de briga familiar, passando por visitas ritualísticas de entre membros de famílias “tronco” e bailões sertanejos que os

¹² A realidade sociolinguística da língua Kinikinau será abordada no capítulo 3 desta dissertação.

¹³ Os frutos de nossa observação nós os registrávamos em nosso diário de campo, no qual escrevemos religiosamente todo dia antes de dormir quando estamos em campo. Pensamos ser essa a melhor maneira de usar um diário de campo, embora corramos o risco de nossa memória nos tapear, fazendo-nos confundir acerca de algum fato que acabamos de presenciar, pois andar com um caderno e uma caneta anotando tudo o que vemos ou ouvimos quando estamos interagindo com os indígenas causaria muito desconforto entre os nossos interlocutores.

¹⁴ Infelizmente não conseguimos entrevistar nenhum professor.

indígenas Kinikinau tanto gostam¹⁵. Desse modo, vimos como os Kinikinau agem, como respondem às mais diversas situações, o que nos permitiu observar as tendências e disposições que regem o comportamento desses indígenas e a lógica que orienta seu pensamento.

Território tradicional

É viva na memória dos Kinikinau atuais a lembrança de que eles foram expulsos de seu território tradicional na beira do córrego Agachi por um fazendeiro que supostamente comprou aquelas terras. Contudo, eles não sabem precisar quando ocorreu essa expulsão. Uns dizem que foi durante a Guerra do Paraguai. Outros dizem que foi no começo do século passado. Há quem diga ainda que foi durante a década de 1940. Interessante é que ninguém sabe o nome do fazendeiro que os expulsou de lá com os seus capangas. Nem os mais velhos sabem. Eles se referem a esse senhor, que seus avós e bisavós que chegaram a morar na aldeia de Agachi conheceram, pessoa terrível que aterrorizou os Kinikinau até eles saírem de lá, como “o Fazendeiro”. Há muitos que acreditam que esse espoliador deve ser gringo, não pode ser brasileiro, pois brasileiro não teria coragem de fazer isso com eles, segundo pensam esses indígenas.

É unânime entre os Kinikinau a importância do território tradicional. Todos aqueles que nós entrevistamos (anciãos, lideranças políticas, cacique e ex-caciques, jovens comprometidos com o Movimento Kinikinau) nos disseram que o território é fundamental para eles fortalecerem sua cultura, seus costumes e sua língua ancestral. Sem ele, nada disso é possível. Sem ele, também não é possível que os Kinikinau vivam tranquilos, felizes, despreocupados, ou seja, vivam plenamente como “Kinikinau legítimo”¹⁶.

Eles têm esperanças que conseguirão reaver o território tradicional um dia, contudo, o meio pelo qual lograrão tal desiderato não é consenso. A maioria deles acredita que será por meio da retomada, embora tenha famílias “troncos” influentes que refutem essa ideia e defendam que o caminho é negociar com o Estado, indo se encontrar com autoridades em

¹⁵ A título de curiosidade, registramos aqui que um dos autores dessa dissertação, que antes de começar o trabalho de campo não dançava nada, ao término da pesquisa já era um promissor dançarino.

¹⁶ Esse termo “Kinikinau legítimo” nos foi dado pelo Sr. Manoel Roberto.

Campo Grande e em Brasília. Nessa luta pelo território, os Kinikinau não estão sozinhos, eles contam com vários parceiros não-indígenas sensíveis à causa indígena. Optamos por não elencar as pessoas e instituições envolvidas diretamente com a luta pela retomada do território tradicional dos Kinikinau (e de outros povos indígenas de Mato Grosso do Sul também), por conta da perseguição ostensiva que tem sido feita a pesquisadores, indigenistas e instituições governamentais e não-governamentais nos últimos anos, simplesmente por acreditarem que indígenas têm direito às suas terras e que esse direito é anterior ao Direito.

Em relação ao fato de viverem em terras de outras etnias (Terena e Kadiwéu) ou em cidades, os Kinikinau não avaliam como positiva essa experiência. O convívio com os Terena, povo com o qual eles se enxergam pouco diferentes, para os Kinikinau é tranquila, sem atritos, embora eles estejam cientes que são hóspedes entre essa etnia, estrangeiros, que não poderão viver plenamente (plantando suas roças conforme queiram, criando os animais conforme a seu modo, tendo sua escola própria e realizando suas manifestações culturais conforme quiserem). O convívio com os Kadiwéu já foi bom, segundo os Kinikinau, no começo da aldeia São João, com aqueles Kadiwéu antigos que não existem mais. Hoje eles veem o convívio com essa etnia como insustentável. A vida na cidade é o pior tipo de vida para os Kinikinau, pois é impossível viver como Kinikinau na cidade (sem plantar pomar, roça, sem criar um animal, sem pescar etc.).

Identificação e à autoidentificação étnica¹⁷ dos Kinikinau

Os Kinikinau consideram como Kinikinau qualquer pessoa que tenha o pai ou a mãe Kinikinau e que se autoidentifique como Kinikinau. Por exemplo, uma criança nascida de pais Terena e Kinikinau, Kinikinau e Kadiwéu ou Kinikinau e *puxarara* (não-indígena), pode ser tanto Terena quanto Kinikinau, Kadiwéu ou *puxarara*. Ela pode escolher qualquer uma dessas identidades. Uma pessoa filha de um casal interétnico pode escolher uma identidade não-Kinikinau dos seus pais e tempos depois, por algum motivo, pode se afirmar como Kinikinau. Por exemplo, o filho de um pai Terena e mãe Kinikinau pode se afirmar como Terena e

¹⁷ Para uma discussão aprofundada sobre as ideias de identificação e autoidentificação étnica, veja Viveiros de Castro (2006, 2015, 2016).

posteriormente se identificar como Kinikinau, sem nenhum problema. A comunidade Kinikinau o aceitará como Kinikinau e não duvidará de sua “Kinikinauidade”, visto a mãe dele ser Kinikinau e ele ter “de onde puxar”. Também não importa onde a pessoa tenha nascido ou crescido. Por exemplo, uma pessoa pode ter nascido e crescido na cidade ou em fazenda, mas se tiver a mãe ou o pai Kinikinau, ela será Kinikinau. A língua, embora os Kinikinau concordem que ela é um fator de identidade importante e que o seu fortalecimento pode ajudar no fortalecimento de sua identidade étnica e na sua luta política, não influi na identidade Kinikinau da pessoa. Por exemplo, uma pessoa pode falar só o português, ou até outra língua estrangeira ou indígena, como o espanhol ou Terena, e ser Kinikinau. Ela não precisa falar a língua Kinikinau para ser dessa etnia.

Os Kinikinau se veem como um povo calmo, pois afinal, como muitos Kinikinau nos disseram, se eles não fossem tão calmos não teriam perdido o território tradicional da forma como eles perderam. Essa característica também é percebida pelos Terena. Por exemplo, uma vez o Cacique Célio Pialho, da Aldeia Bananal, nos disse que havia muitos Kinikinau e descendentes de Kinikinau morando lá. Inclusive havia alguns membros de sua liderança¹⁸ que eram Kinikinau. E ele conseguia identificar uma pessoa como Kinikinau ou descendente de Kinikinau pelo jeito calmo, tímido e recatado de ser. Se uma pessoa não gostasse de falar em público, ou quando falasse, falasse baixo, de forma bem contida, fosse mais tranquila, maneiras mais simples, ele já suspeitava que ela era Kinikinau ou descendente. E quando ele ia investigar a ascendência da pessoa para confirmar suas suspeitas, na grande maioria dos casos sua suspeita se confirmava.

A diferença que os Kinikinau enxergam em relação aos Terena é a língua. As línguas Terena e Kinikinau, apesar de geneticamente muito próximas, possuem várias diferenças no nível fonético-fonológico, morfossintático e lexical¹⁹. No resto, embora os Kinikinau tenham plena convicção de que são um povo distinto dos Terena, não conseguem enxergar diferenças em comparação a eles. Já em relação aos Kadiwéu a situação muda. Os Kinikinau se percebem muito diferentes em relação a esses indígenas. Eles veem diferenças na língua (Kadiwéu e Kinikinau), na alimentação, no jeito de se relacionar com a família, na maneira de

¹⁸ “Liderança” em uma comunidade Terena é um grupo organizado de homens escolhidos pelo cacique, geralmente os mais influentes da comunidade, para o auxiliar a tomar as decisões envolvendo a aldeia.

¹⁹ Algumas dessas diferenças foram abordadas por Souza (2008).

lidar com o território, na maneira de lidar com os *puxarara* e com patrícios de outras etnias, no jeito de se comportar, até no jeito de andar eles veem diferenças.

Os Kinikinau andam tranquilos, pisando suave, os Kadiwéu já andam pisando duro, agitados, caminhando de uma maneira “heroica”. De longe um Kinikinau consegue perceber que tem um índio Kadiwéu vindo. Em relação a nós *puxarara*, a grande diferença que os Kinikinau percebem entre nós e eles é a maneira com que lidamos com a natureza. Nós *puxarara*, segundo os Kinikinau, desmatamos com trator, acabamos com os córregos e rios, andamos pisando duro na mata, sem perceber que podemos estar destruindo uma planta medicinal que poderá nos curar no futuro. Os Kinikinau já cuidam da natureza. Não desmatam com trator, só fazem roça de toco, para não ofender a natureza. Na mata, andam com cuidado, tomam precauções para não destruir as plantas medicinais, passam por baixo dos galhos das árvores para não ofendê-las.

Vida social dos Kinikinau

A principal celebração para os Índios Kinikinau é o Dia do Índio (19 de abril). Esse dia é o dia em que eles têm mais contato com os *puxarara* - autoridades do Governo, políticos, funcionários públicos, moradores da área rural ao redor da aldeia - aproveitando o ensejo para reforçar sua identidade étnica, mostrar que são índios, e índios Kinikinau. Para tal, eles se valem de duas estratégias: a realização da Dança dos Kinikinau, uma dança que mescla elementos da Dança do Bate-Pau e da Dança Siputrena dos Terena com elementos Kinikinau, como o arranjo decorativo (formas geométricas Kinikinau) na roupa dos dançarinos e das dançarinas; o discurso na língua indígena dos últimos falantes da língua, como Dona Zeferina Roberto ou Dona Ágda Roberto. Há também algumas poucas famílias católicas que fazem celebrações para São Miguel (28 de setembro) e São João (24 de junho). Nessas ocasiões, após as rezas, há comida farta, bebida, churrasco, fogueira e dança (bailão sertanejo).

As mulheres Kinikinau atualmente preferem dar à luz aos seus filhos nos hospitais da cidade, realizando antes do parto todos os exames pré-natais no posto de saúde da aldeia.

Contudo, até não muito tempo atrás, elas só davam à luz em casa, na aldeia, com o auxílio de uma parteira²⁰.

Em relação aos *koixomoneti* (pajés), apenas os Kinikinau católicos acreditam em seus poderes de cura. A explicação que os Kinikinau dão para o fato de não existir mais *koixomoneti* entre eles é que os últimos *koixomoneti* não quiseram ensinar às gerações mais novas os conhecimentos necessários para ser um pajé, por mais que tenham tido vários Kinikinau que tenham insistido para aprender. Esses indígenas têm pouco contato com missionários religiosos. O mais frequente é contato com missionários católicos (padres), visto a maioria deles ser dessa religião. Em menor medida eles têm contato com missionários evangélicos.

O casamento preferido entre os Kinikinau ocorre entre membros distantes (não-parentes) da mesma etnia. Isso para que eles não se “misturem” mais do que estão “misturados”. Os casamentos são feitos assim: o rapaz escolhe a moça com quem vai casar, e se ela gostar dele também, ele vai na casa dela conversar com seus pais, para “pedir a mão da moça” em casamento. Se os pais da moça aceitarem a proposta, são eles que marcam a data do casamento e que arcam com a festa para celebrar o enlace. Também são os pais da noiva que escolhem onde será o casamento: na Igreja Católica, Igreja Evangélica ou no Posto da Funai. Não pode faltar doces e bolo no casamento. Para as famílias mais abastadas, também não pode faltar o churrasco.

As casas Kinikinau geralmente têm quatro cômodos: dois quartos, um banheiro e uma cozinha. O banheiro e a cozinha são construídos separados da casa. O motivo para tal é que, o banheiro estando longe, fica mais fácil para eles vigiarem as crianças para não mexerem lá. E a cozinha estando longe, evita com que as crianças inalem a fumaça do fogão à lenha, o que poderia ser prejudicial para a saúde delas. As casas sempre têm dois quartos. Em um dos quartos, dormem o patriarca e a matriarca da família. No outro, dormem os filhos do casal. Não importa quantos filhos o casal tiver, eles dormirão nesse quarto. Nós presenciamos, durante o nosso trabalho de campo, um casal que teve oito filhos e todos eles dormiam no mesmo quarto. Há famílias que optam por construir um galpão. Esse galpão também fica separado da casa e serve para realizar alguma festa de aniversário ou alguma reunião política.

²⁰ Dona Zeferina Moreira, além de ser uma das últimas falantes do idioma Kinikinau e último bastião do conhecimento tradicional deste povo, conforme já dissemos, foi também a maior parteira do povo Kinikinau.

Contudo, a construção desse galpão não é muito frequente entre os Kinikinau. O material que eles usam para construir suas casas são madeira, palha de bacuri e sapé. Apenas uma família (pai, mãe e filhos) mora por casa. Em geral, eles só entram na casa para dormir. No restante do dia, quando não estão realizando suas tarefas domésticas, ficam sentados em cadeiras ou deitados em redes na frente da casa, debaixo da sombra de alguma árvore.

O que os Kinikinau acham que não pode faltar em uma aldeia são água, escola, posto de saúde, um trator e uma casa de artesanato.

Os caciques Kinikinau, na aldeia São João, são escolhidos por votação. Um bom cacique, de acordo com eles, deve ter calma, paciência para com a comunidade, deve tentar agradar, mas não muito, todos os membros da aldeia. Dois grandes caciques Kinikinau que estão na memória deste povo são o Sr. Leôncio Anastácio e o Sr. Raimundo.

Os Kinikinau têm os fazendeiros como os seus maiores inimigos. Isso corrobora a nossa observação de que a principal preocupação desses indígenas é a questão do território. Caso não fosse, eles não teriam elegido os fazendeiros, o grupo político que ameaça suas ambições territoriais, como o maior inimigo deles. O convívio com os *puxarara*, exceção feita aos fazendeiros, os Kinikinau veem como tranquila. O convívio com outras etnias indígenas também os Kinikinau veem como tranquila. Vale ressaltar que eles têm um relacionamento bom com os Kadiwéu, com exceção das famílias Kadiwéu problemáticas que moram na São João.

Os Kinikinau, ao contrário dos Terena, pouco comercializam produtos de sua roça na cidade de Miranda e pouco saem para trabalhar fora, como na colheita da maçã no Rio grande do Sul ou nas inúmeras usinas de cana do estado. Os eletrodomésticos que os Kinikinau têm como indispensáveis são a geladeira, para os ajudar a conservar melhor os alimentos, e a televisão, para eles poderem ver notícias sobre o que está ocorrendo no mundo. Os benefícios sociais que os Kinikinau recebem são os seguintes: bolsa-família, os pais que têm filhos na escola; aposentadoria, bem poucos Kinikinau são contemplados com esse benefício; e o “sacolão”, uma cesta-básica que o governo de Mato Grosso do Sul dá por mês para cada família. Esses benefícios auxiliam bastante os Kinikinau na sua subsistência. De instituição de fora da comunidade, os Kinikinau só se relacionam com o CIMI (Conselho Indigenista Missionário). Nenhum dos Kinikinau com os quais nós conversamos citou a FUNAI. Isso

prova o quão distante, por estar sucateada, esse órgão governamental está desses indígenas Aruák.

A grande maioria dos Kinikinau é adepta à religião católica. Uma outra parte deles é adepta ao protestantismo, frequentado às igrejas UNIEDAS e Igreja Pentecostal Deus é Amor. Não há, conforme nossa pesquisa, Kinikinau ateu ou adepto de outra religião, como as de matriz africana, como acontece entre os Terena. Eles não se lembram nada de sua religião ancestral. Contudo, todos os Kinikinau com os quais conversamos se mostraram inclinados a adotar práticas religiosas tradicionais (como os rituais de pajelança outrora empreendidos pelos *koixomuneti*²¹), inclusive membros das famílias evangélicas, caso eles conseguissem resgatá-las.

A principal atividade feita pelos Kinikinau em seus momentos de lazer é jogar futebol. É o esporte preferido deles. Eles também gostam de ouvir música (sertaneja). As gerações mais novas também gostam de ficar navegando nas redes sociais, como Whatsapp, Facebook, Instagram. As mulheres gostam de ver programas na televisão, especialmente as novelas da Globo.

Dona Zeferina Moreira

Decidimos colocar em nossa breve etnografia sobre o povo Kinikinau uma subseção dedicada à Dona Zeferina Moreira, por ela ser a matriarca da família “tronco” Kinikinau mais acessível em nosso trabalho de campo, a principal colaboradora desta pesquisa, falante da língua Kinikinau, detentora de conhecimentos específicos desse povo e baluarte e epicentro do Movimento Kinikinau. Acreditamos também que a história dela, por ser uma das últimas falantes de Kinikinau, pode dar importantes *insights* para compreender melhor o nível crítico de vitalidade que a língua Kinikinau se encontra (virtualmente extinta). Durante nossa pesquisa, pudemos conviver, interagir e aprender muito com Dona Zeferina, a quem nós temos um apreço enorme. Tomamos muito chimarrão com ela, e entre uma cuidada e outra, Dona Zeferina nos brindava com a sua sabedoria, contando-nos como era o sistema do “índio de antigamente”, confidenciando episódios de sua vida particular, falando como era a aldeia

²¹ Koixomuneti significa xamã no idioma Kinikinau.

Cachoeirinha, Lalima, Babaçu e São João no tempo dos antigos. Além de uma ótima contadora de história, Dona Zeferina é uma ótima professora também, conseguindo ensinar o seu idioma ancestral para dois jovens linguistas, nem que para isso ela tivesse que repetir uma mesma frase mais de dez vezes!

Dona Zeferina é uma indígena Kinikinau, filha de pais Kinikinau. Seus pais são o Sr. João Moreira e a Dona Francisca Pereira. Eles foram um dos últimos Kinikinau aldeados, moradores do *Wakaxu*, aldeia Kinikinau na beira do córrego Agachi, cuja existência remonta há mais de 150 anos, como bem demonstra os cronistas (LEVERGER, 1845; TAUNAY, 1940; D'ALINCOURT, 1857), e que foi destruída no início do século passado por um fazendeiro que “comprou” a terra e resolveu expulsar os índios de lá. Após terem sido expulsos, eles vieram morar na TI Cachoeirinha, onde acabam tendo Dona Zeferina. Após um curto período do nascimento de Dona Zeferina, Sr. João Moreira e Dona Francisca Pereira resolvem ir morar na aldeia Lalima. Lá, Dona Zeferina conhece o Sr. Miguel Roberto, casa-se com ele e muda de volta com o seu agora marido para a TI Cachoeirinha.

Na TI Cachoeirinha, eles tiveram sua primeira filha, Dona Ágda Roberto. Após Ágda, eles tiveram mais duas crianças, Marciano e Fabiano, que subitamente morreram, quando ainda eram crianças de colo. Esse fato, Dona Zeferina creditou à ação maléfica de um pajé morador da aldeia Babaçu, que por puro capricho estaria fazendo mal para a sua família, adoecendo suas crianças até matá-las. Ela convence então o seu marido que eles deveriam sair da TI Cachoeirinha, pois ali estava ruim para eles, com um pajé adoecendo os seus filhos. Eles resolvem partir para a aldeia São João, dentro da RI Kadiwéu, onde os genitores de Dona Zeferina já haviam migrado anos antes, também fugindo da ação maléfica desse pajé. A viagem foi extremamente penosa, cheia de percalços e contratemplos, permeada de dificuldades. Contudo, Dona Zeferina e Sr. Miguel não desistiram, e após dias de caminhada exaustiva, chegaram na aldeia São João e lá recomeçaram suas vidas. Tiveram mais filhos (Manoel, Genoveva, Inácio, Flaviana, Crisanto, Maria, Anísia e Gilmar). Adquiriram patrimônio (um rancho, algumas poucas cabeças de gado). Os dois levaram uma vida tranquila e calma na aldeia São João por muitos anos. Não só eles, mas todos os Kinikinau que lá residiam. Porém, essa tranquilidade cessa após longos anos, quando três famílias Kadiwéu, que haviam causado transtornos em sua aldeia de origem (Alves de Barros) são deportadas para a aldeia São João e lá começam a fazer da vida dos Kinikinau um verdadeiro

inferno. Essas três famílias foram expulsas da Alves de Barros por mal comportamento e por terem cometido crimes, como roubos e assassinatos. Essas práticas desses indígenas Kadiwéu não cessaram por ocasião de sua mudança para a São João. Quiçá se intensificaram. Eles continuam praticando delitos, agora não com membros de sua própria etnia, mas com os Kinikinau: roubam uma vaca leiteira do Sr. Nicolau Flores, uma motosserra de Dona Ágda Roberto, tentam assassinar o Sr. Ramão Fernandes... A situação torna-se insustentável, até que um grupo de Kinikinau, entre eles Dona Zeferina, desesperados, aceitam um convite do Sr. Zacarias Rodrigues (líder da Mãe Terra e sobrinho de Dona Zeferina) para irem morar na aldeia Mãe Terra. Saem da São João por não aguentarem mais os constantes atritos com os Kadiwéu problemáticos.

Dona Zeferina fez parte desse primeiro grupo de Kinikinau que migraram da São João para a Mãe Terra, estabelecendo-se nessa retomada Terena em 2008. Atualmente ela vive tranquila em seu rancho no limite da Mãe Terra, tomando seu mate, fazendo a sua cerâmica e, infelizmente, não transmitindo o seu idioma ancestral para as gerações mais novas.

Movimento Kinikinau

Durante nosso trabalho de campo com os indígenas Kinikinau, pudemos participar de incontáveis reuniões dos Kinikinau, seja reuniões entre eles mesmos, reuniões com a participação de índios de outras etnias, como Kaiowá e Kadiwéu, reuniões com políticos municipais e estaduais, reuniões com membros do CIMI, com membros do FOCAMS, entre outras reuniões. Participamos também de uma Assembleia Kinikinau. A partir dessas nossas experiências, pudemos ver como os Kinikinau estão se organizando para coletivamente lutarem pelos seus direitos assegurados pela Constituição, ou seja, pudemos observar o Movimento Kinikinau.

O principal problema que os Kinikinau enfrentam é, sem dúvida alguma, a questão do território. Para eles, sem o território próprio, não tem como viver plenamente, não tem como “ser Kinikinau legítimo”, ser feliz, afinal. Nas palavras do Sr. Manoel Roberto, “sem terra não tem como levantar, né, viver. Ela é a mãe” (M. ROBERTO, 2016). Dona Flaviana

Roberto também nos dá esclarecimentos importantes. Para ela, o principal desejo dos índios Kinikinau é “viver tranquilo assim num lugar, né. E nós não temos a tranquilidade onde nós estamos” (F. ROBERTO, 2016). Todos os esforços do Movimento Kinikinau são para reaver o território tradicional. Todos os outros problemas que esse povo enfrenta, como o acelerado processo de morte da língua Kinikinau, são colocados em segundo plano, pois, para eles, sem o território não dá para resolver nada. É impossível tentar revitalizar a língua Kinikinau sem a terra própria. É impossível fortalecer sua cultura tradicional sem estar no território. Desse modo, o território tradicional nas margens do córrego Agachi vai se convertendo em uma espécie de Canaã bíblica para os Kinikinau.

Para conseguir esse território próprio que, segundo eles, lhes permitirá viver plenamente e os auxiliará a resolver suas mazelas, os Kinikinau buscam estabelecer alianças com outros povos indígenas (Terena, Guarani e Kaiowá) e com *puxarara* parceiros da comunidade. Como já afirmamos, não há consenso entre os Kinikinau sobre a forma como eles recuperarão a terra tradicional. Contudo, uma coisa é comum a todos: sem buscar parceiros, aliados não é possível conseguir a terra. Mesmo indo para a retomada, para o confronto direto com o latifundiário ou negociando com os burocratas da bancada ruralista do Governo, é preciso encontrar parceiros, assegurar alianças, procurar apoio. Isso nos mostra que a tendência Chané-Guaná (CASTRO, 2011) de buscar parceiros para estabelecer laços de solidariedade e reciprocidade continua presente no *ethos* Kinikinau.

O desaparecimento gradativo e acelerado da língua Kinikinau aparece como o segundo maior problema apontado pelos Kinikinau. Eles acreditam que a língua é um fator de identidade muito importante e que o seu fortalecimento pode auxiliá-los a solucionar os seus vários problemas. Contudo, até resolverem seu problema fundiário, eles deixarão o problema da morte do idioma ancestral em *standby*. Enquanto isso, infelizmente, a língua Kinikinau vai rapidamente deixando de ser falada, e com poucas ações em prol do registro dessa língua para as gerações futuras, o que torna essa dissertação um bem material da cultura imaterial deste povo, assim como os demais estudos linguísticos, históricos e antropológicos já existentes sobre esse povo e sobre sua língua.

Educação Escolar Indígena Kinikinau

Os Kinikinau percebem a escola como um lugar onde deve haver o fortalecimento de sua língua e cultura ancestral e onde eles devem aprender os conteúdos necessários para se integrarem no mundo dos *puxarara*. Eles são, pois, inclusive os Kinikinau que nós conversamos que nunca entraram numa escola sequer, adeptos a uma educação escolar indígena intercultural e bilíngue. É desejo dos Kinikinau possuírem uma “Escola Kinikinau”, específica e diferenciada de acordo com a própria realidade deles. Contudo, infelizmente os Kinikinau ainda não possuem essa escola. A explicação que eles dão para isso é que como eles não têm território, eles não têm como ter uma escola própria à cultura, à língua e às especificidades deles. Quando estiverem no território, conseguirão implantar essa escola. Um fato importante em relação à percepção deles sobre a escola é que eles acreditam piamente de que a escola irá salvar a língua Kinikinau da extinção. Não é possível, para eles, atualmente, fortalecer a língua Kinikinau porque eles não possuem uma escola Kinikinau que irá ensinar os alunos a falar Kinikinau. Essa escola só é possível de existir em um território próprio. Logo, sem território, sem escola, sem como fortalecer o idioma ancestral. O futuro da língua Kinikinau está totalmente imbricado na possível existência de uma escola específica. Essa é a lógica Kinikinau. Esse pensamento é tão forte que os Kinikinau acreditam cegamente que quando eles tiverem uma escola própria, onde haja professores que deem aula de Kinikinau, as crianças falarão a língua Kinikinau, a língua voltará a ser falada no dia a dia, em sua total potencialidade comunicativa. Os últimos falantes nem precisarão ensinar as gerações mais novas a falar Kinikinau nem a comunidade precisará fazer algum tipo de esforço para revitalizá-la. A escola estará lá, e ela sozinha, por meio dos professores de Kinikinau, conseguirá fazer com que o Kinikinau volte a ser falado²².

Alimentação

A principal fonte de subsistência para os Kinikinau são os alimentos cultivados em suas roças. O que mais eles plantam são: mandioca, batata, batata-doce, milho, arroz, feijão de

²² Sobre as possibilidades e limitações de uma escola indígena para a revitalização da língua Kinikinau, apresentamos nosso ponto de vista no capítulo 3 desta dissertação.

corda, abóbora, melancia, banana, maxixe e quiabo. As ferramentas usadas por eles para cultivarem suas roças são a enxada, enxadão, foice, machado, matraca e saraquá²³. Os Kinikinau também criam alguns animais para consumo próprio, como vaca, porco e galinha. Há aqueles que também criam cavalos, mas são bem poucos e não são destinados à alimentação. A principal função das vacas é fornecer o leite para as crianças. Os Kinikinau preferem criá-las, tirar-lhes o leite para as crianças e depois de um certo tempo vendê-las para algum fazendeiro contíguo a terra indígena. Daí, com o dinheiro da venda da vaca, eles compram carne nos mercados da cidade. A caça e a pesca ainda são praticadas, contudo não com a mesma frequência de antigamente. Todavia, elas ainda representam uma importante fonte de provimento para a mesa Kinikinau. Para a caça, eles usam espingardas Cal. 36 e 22. Para a pesca, linhadas e varas de taquara. Em relação à coleta de alimentos na natureza, como bocaiúva, guavira, jabuticaba, bacuri, pitomba, mel, aguapomba, essa prática ainda existe entre os Kinikinau como fonte de provimento de alimentos para a mesa, porém não com a mesma intensidade e importância que antigamente. Em grau decrescente de importância, podemos estabelecer a seguinte ordem de fontes de provimento da mesa Kinikinau: produtos da roça > produtos adquiridos nos mercados ou que vêm na cesta básica > caça e pesca > coleta na natureza. Os produtos que eles mais adquirem nos mercados da cidade, visto eles não conseguem produzir, e que para eles são indispensáveis, são o óleo de soja, o sal e a farinha de trigo. Em relação aos produtos ultraprocessados, como bolachas, molhos de tomate pronto, sucos em pó, os Kinikinau são bastante resistentes em utilizá-los, visto que esses produtos acabam adoecendo suas crianças, que estão acostumadas a uma alimentação baseada praticamente em produtos orgânicos de suas roças.

Saúde

A doença que mais ataca os Kinikinau é a diabetes. Isso talvez se deva à alimentação deles rica em carboidratos. No café-da-manhã, é comum entre eles comer mandioca frita ou

²³ O saraquá consiste em uma tora de madeira pontiaguda com a qual os Kinikinau fazem buracos de 5 a 7 cm de profundidade no solo para plantarem suas sementes, especialmente milho e arroz. Assim, as sementes são plantadas mais no fundo da terra, ficando protegida dos ventos da estação seca, o que poderia descobri-las e elas acabarem sendo devoradas por pássaros. Desse modo, elas passam protegidas dentro do solo durante toda a estação seca para germinarem logo nas primeiras chuvas.

cozida, arroz carreteiro com feijão de corda, arroz branco com ovo frito, peixe ou carne frita com mandioca cozida ou, mais raramente, pão de sal. No almoço, a mandioca não pode faltar, junto com o arroz. É muito comum entre eles fazer a carne, a opção proteica para o almoço, junto com macarrão, para “fazer render a mistura”. A janta repete o cardápio do almoço, na mesma quantidade. E as refeições são fartas. É difícil ver um Kinikinau que come com parcimônia.

Os remédios que eles mais usam para tratar suas enfermidades são os remédios naturais transmitidos a eles pelos seus antepassados. Eles têm uma certa resistência ao remédio dos *puxarara* (remédios industrializados), pois, segundo eles, não estão servindo, estão fazendo mais mal do que bem. Algumas das plantas utilizadas por eles como remédio são: sálvia, hortelã, folha de laranja, folha de limão, folha de abacate, cavalinha, unha-de-gato, fedegoso, boldo. Eles consomem o chá dessas plantas no mate, no tereré ou em forma de chá mesmo.

1.4 Considerações parciais

Os indígenas Kinikinau são um povo Aruák, de língua Aruák (AIKHENVALD, 1999), que atualmente residem no estado de Mato Grosso do Sul. São descendentes de uma parcialidade da nação Chané-Guaná, que residiu no Chaco Paraguai até meados do século XVIII e tanto impressionou ou europeus devido às suas enormes roças, à sua “noção de civilidade” e à complexa relação que eles cultivavam com os Mbayá-Guaicuru (CASTRO, 2011). Migraram para terras hoje reconhecidas como brasileiras entre o final do século XVIII e início do século XIX, fugindo das guerras de extermínio feitas pelos espanhóis e buscando novos parceiros para estabelecerem relações de solidariedade e reciprocidade, visto que desejavam desembaraçarem-se dos Mbayá-Guaicuru, parceiros antigos que agora haviam se tornado incômodos (*idem*).

Foram bem recebidos pelas autoridades portuguesas e muito ajudaram no desenvolvimento do sul da antiga província de Mato Grosso (CASTRO, 2011). Lutaram na

Guerra da Tríplice Aliança a favor do Brasil, ajudando os brasileiros, uruguaios e argentinos a derrotarem as tropas de Solano López. Contudo, mesmo lutando do lado dos vencedores, saíram derrotados da Guerra, pois findo o conflito, ao retornarem para suas aldeias, veem que elas haviam sido invadidas por pecuaristas ávidos por terra para engordarem seus bois (SOUZA, 2008).

Foram decretados extintos pelo Estado brasileiro em meados da década de 1940 (MASON, 1946; RIBEIRO, 1968; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976; TOVAR, 1984 *apud* SOUZA, 2008), pelo fato de sua aldeia ter sido destruída por um latifundiário uns vinte anos antes. São dispersos entre aldeias Terena e um pequeno grupo é enviado, a mando do SPI, para a RI Kadiwéu. Lá constroem a Aldeia São João, lugar onde conseguem se reagrupar e garantir a continuidade de sua identidade Kinikinau. Viveram mais de cinquenta anos em um período de silenciamento étnico, até que no início da década passada resolveram quebrar o silêncio e assumirem publicamente sua identidade Kinikinau, lutando por todos os direitos que tal fato pode lhes acarretar (JOSÉ DA SILVA & SOUZA, 2003).

Atualmente os indígenas Kinikinau se organizam para tentar reaver o seu território tradicional nas margens do córrego Agachi. Não há consenso entre eles sobre como eles vão conseguir recuperar a terra ancestral, se por retomada, se por negociação com o Governo. Contudo, com o que todos eles concordam é que, sem o território, não tem como eles viverem plenamente, não tem como eles serem “Kinikinau legítimo”.

CAPÍTULO 2

ESTADO DA ARTE DA LÍNGUA KINIKINAU

2.1 Trabalhos sobre a língua Kinikinau

Ao contrário do que se tem para a literatura histórica, sociológica, antropológica e etnográfica, há pouquíssimos estudos linguísticos acerca da língua Kinikinau, como ocorre com a maioria das línguas indígenas. Para a história do povo Kinikinau, temos os trabalhos de Alfredo D'Escragnolle Taunay (1940; 1948; 1997), Iara Castro (2005; 2010; 2011), Verone Silva (2011) e de Inácio Roberto (2017). Na literatura antropológica, temos os trabalhos de Giovani José da Silva e José Souza (2003; 2005; 2008; 2017), José da Silva (2007; 2014), Lucicleide Santos (2009) e de Rosaldo Souza (2012, 2017). Para a etnografia, temos os trabalhos de Karolinne Canazilles (2013), Canazilles et al. (2013; 2013; 2015) e de Lucicleide Santos (2011). Há também, no âmbito da Geografia Cultural, os trabalhos de João Dietrich (2012; 2014; 2015). Por fim, temos os relatos de viajantes naturalistas que durante o século XIX passaram no sul da então província de Mato Grosso e, de alguma forma, entraram em contato com os índios Kinikinau e registraram esses momentos: Laverger (1862), Moutinho (1869), Steinen (1940) e Castelnau (1949). Essa enumeração que fizemos, um recorte dos trabalhos que julgamos principais, nós podemos considerá-la extensa, visto que os Kinikinau foram considerados extintos por quase um século, o que, por muito tempo, não suscitou o interesse de pesquisadores em estudá-los.

Agora, por outro lado, a literatura linguística sobre a língua desse povo é bastante escassa, se compararmos com outros povos contatados mais recentemente. Dentre essa parca bibliografia, podemos fazer o seguinte recorte dos trabalhos que julgamos principais: Severiano da Fonseca (1899)²⁴, Mason (1946)²⁵, Loukotka (1968), Payne (1991)²⁶, Campbell

²⁴ Fonseca (1899) não é exatamente um trabalho sobre a língua Kinikinau, pois trata-se, na verdade, de um trabalho sobre a língua Kadiwéu, como veremos adiante. Decidimos mantê-la, porém, entre os trabalhos da língua Kinikinau devido à importância que ela teve ao o seu estudo, servindo como base para a hipótese de que a

(1997), Aikhenvald (1999), Couto (2006, 2017), Ilda de Souza (2007; 2008; 2009; 2015; 2017), Carvalho (2016) e Fabre (2017).

O trabalho de Severiano da Fonseca consiste numa lista de palavras (Kadiwéu). Os de Couto são uma dissertação de mestrado e um capítulo de livro, que é um recorte de sua dissertação. Os trabalhos de Ilda de Souza consistem em sua tese de doutorado (2008), três artigos (2007; 2009; 2015) e um capítulo de livro (2017), todos recortes de capítulos de sua tese. Eles são o que temos de estudo descritivo sobre a língua Kinikinau. Os trabalhos de Mason, Loukotka, Payne, Campbell, Aikhenvald e Carvalho são estudos histórico-comparativos, que discutem a posição da língua Kinikinau dentro da família Aruák²⁷. Já o de Fabre consiste em um verbete de seu dicionário etnolinguístico e guia bibliográfico de povos indígenas sul-americanos.

Propomos, neste capítulo, avaliar o recorte acima proposto da literatura linguística da língua Kinikinau, para tentativamente estabelecermos seu estado-da-arte.

2.2 O que se pensava ser o único estudo linguístico da língua Kinikinau no século XIX - Fonseca (1899)

O estudo do coronel Severiano da Fonseca consiste em um livro memorialístico, escrito em virtude da permanência do autor na então província de Mato Grosso, devido à sua participação na Guerra do Paraguai e na Comissão de Limites com a Bolívia. Ele realiza importantes descrições de Mato Grosso e de tribos indígenas, com as quais teve contato durante esse período.

Fonseca coleta uma lista de 150 palavras que ele acredita ser da língua Kinikinau. Contudo, os dados lexicais coletados foram da língua Kadiwéu (família linguística

língua Kinikinau havia sido extinta e seus antigos falantes haviam provavelmente passado a falar Kadiwéu (veja Mason, 1946 adiante).

²⁵ Infelizmente não tivemos acesso a esse trabalho durante nossa pesquisa de mestrado.

²⁶ Este é outro trabalho que também não tivemos acesso.

²⁷ Realizamos um recorte dos trabalhos histórico-comparativos que, de alguma forma, glosam sobre a língua Kinikinau. Elegemos apenas os trabalhos considerados por nós como os mais representativos. Mostraremos quais são as teses que os autores defendem sobre a posição da língua Kinikinau dentro da família Aruák. Não entraremos em nenhuma discussão aprofundada a respeito, o que pretendemos fazer no futuro, quando mais dados linguísticos sobre a língua Kinikinau, por meio de uma maior descrição dessa língua, estiver disponível.

Guaicurus), como demonstrado por Souza (2008, p. 13-14). Este trabalho serviu como base para a hipótese de alguns estudiosos, segundo os quais a língua Kinikinau teria morrido e seus falantes passaram a falar uma língua Guaicuru, provavelmente Kadiwéu (veja Mason, 1946). Testamos a lista de Fonseca com falantes Kinikinau e Terena em trabalhos de campo no ano de 2016 e nenhum deles reconheceu as formas que Fonseca traz.

Vale lembrar que Severiano da Fonseca não era linguista, naquela época sequer existia a Linguística como nós a concebemos hoje. Ele também não possuía nenhuma formação específica para trabalhar com populações indígenas (era médico de formação), o que também não existia naquela época. Ademais, durante suas estadias em Mato Grosso, a função de descrever a província e as populações indígenas que nela viviam foi totalmente secundária, o que lhe impossibilitava de gastar muito tempo em pesquisas de campo. Isso, porém, não diminui nem um pouco a genialidade e relevância de sua obra.

2.3 Estudos linguísticos da língua Kinikinau no século XX

Loukotka (1968)

Uma das principais obras classificatórias sobre as línguas indígenas sul-americanas, fruto de mais de trinta anos de trabalho é de Chestmir Loukotka. Seu livro surgiu por dois motivos. Primeiro, devido à insatisfação por parte de Loukotka com as classificações impressionísticas das línguas sul-americanas realizadas por seus predecessores. Segundo, pelo reconhecimento do autor em questão de uma nova abordagem metodológica iniciada por Brinton (1891). Para realizar as classificações contidas em seu livro, Loukotka se baseou numa lista de 45 palavras (possíveis cognatos). Ele colocava lado-a-lado as 45 palavras de línguas supostamente irmãs, comparava-as a fim de saber se tais palavras eram cognatas entre essas línguas e, de acordo com a porcentagem de possíveis cognatos compartilhados entre as mesmas, o autor as classificava como pertencendo a uma mesma família ou não. Estando as línguas já classificadas como pertencentes a uma mesma unidade genética, também se apoiando na contagem de palavras, o autor ainda as rotulava como “línguas puras”, “línguas

com vestígios estranhos”, “línguas com intrusões estranhas” e “línguas mistas”. As classificações de Loukotka são, portanto, baseadas em critérios lexicais e não em gramaticais.

O livro se encontra dividido em cinco partes: **(1)** Introdução, onde Loukotka expõe as razões que o levaram a realizar a quarta edição (atual livro) do seu trabalho; **(2)** Classificação, que é um catálogo de 117 troncos linguísticos, línguas ou dialetos; **(3)** Bibliografia, com mais de 2.200 referências; **(4)** Index, organizado por ordem alfabética e com todos os nomes tribais e sinônimos usados neste livro e no mapa; e, finalmente, **(5)** Mapa, que representa 1.492 línguas, de acordo com troncos linguísticos, línguas isoladas e não-classificadas.

Em relação à língua Kinikinau (Quiniquinao/Equiniquinao), Loukotka a classifica como uma língua Aruák, pertencente ao Grupo Chané. Ele informa que a língua foi falada nas proximidades da região de Albuquerque, mas que agora é falada apenas por poucas famílias no Posto Cachoeirinha em Miranda-MT (atualmente MS). Loukotka também coloca no grupo Chané as línguas Echoaladí/Chorana (extinta), Terena, faladas entre os rios Miranda e Jitui, Guaná/Layano, uma vez falada nos rios Yacaré, Galván e Paraguai, agora falada apenas no rio Miranda, e Chané/Izoceño, falada antigamente no rio Itiyuro, Província de Salta, Argentina, mas agora a tribo fala apenas uma língua do tronco Tupí, e a língua Aruák ancestral serve apenas para cerimônias religiosas.

Campbell (1997)²⁸

Este livro consiste em um apanhado geral sobre o que existia de conhecimento sobre as línguas nativas americanas até aquele momento. Com um objetivo tão amplo como esse, de reunir em uma única obra o que se tinha de conhecimento histórico sobre um quarto das línguas do mundo, o próprio Campbell coloca no prefácio do livro que a obra poderia apresentar lacunas e que ela não deveria ser vista como um argumento de autoridade, uma proposição estabelecida em questão de propostas de relacionamentos genéticos de línguas americanas, como se ela fosse a voz do juízo final da Linguística Histórica-Comparativa das línguas do nosso continente. Pelo contrário, ela deveria ser vista como um “(...) modelo em

²⁸ Campbell (2012), em seu trabalho classificatório das línguas indígenas sul-americanas mais recente, mantém a mesma posição em relação a língua Kinikinau encontrada aqui. Este o motivo por não termos incluído este seu trabalho mais recente no recorte por nós realizado.

construção, um projeto passível de alterações e em progresso” (Campbell, 2001, p. 8, tradução nossa), que não deveria contradizer os especialistas, mas sim estimular pesquisas mais aprofundadas dos mesmos. Apesar de algumas lacunas e inexatidões, naturais devido ao seu enorme escopo, esta obra é um trabalho de referência da linguística histórica das línguas americanas, e todo linguista histórico sério e comprometido em estudar a história das línguas da América deve lê-la.

Em relação à língua Kinikinau, Campbell segue a classificação de Kaufman (1994) para a família Aruák, que a coloca como um dialeto da língua Terena, a qual forma sozinha um ramo meridional externo dessa unidade genética. Assim, para Campbell (*apud* Kaufman, 1994), a língua Kinikinau é um dialeto que, junto com os dialetos Terena, Guaná e Chané, forma a língua Terena. Para essa classificação interna, o autor não explica se ela se deve a um critério puramente geográfico ou linguístico (o que não o faz também o próprio Kaufman em seu trabalho). As inexatidões apresentadas por Campbell são as seguintes: ele coloca a língua Kinikinau como dialeto da língua Terena, e não faz nenhuma menção que tal classificação é uma hipótese em andamento que precisa ser melhor investigada; não indica que os dialetos/as línguas Chané e Guaná (também conhecida como Echoaladí) já estão extintas; não faz nenhuma menção da língua/do dialeto Layana; e coloca que a língua Terena, por ele entendida como um grande *cluster* contendo vários dialetos, é falada na Argentina e no Paraguai (já tem mais de 150 anos que nenhuma língua Aruák é falada nesses dois países).

Aikhenvald (1999)

É um capítulo do livro *The Amazonian Languages*, organizado pelos linguistas Alexandra Aikhenvald e Robert Dixon, obra-prima de referência para o estudo das línguas indígenas sul-americanas. É o trabalho comparativo mais importante que se tem sobre a família Aruák. Nele, Aikhenvald compara dados gramaticais de aproximadamente quarenta línguas da família, sendo que, para três línguas – Tariana, Baré e Baniwa – ela usa dados de primeira mão, a fim de mostrar a unidade genética dessa família e suas características. Ela apresenta uma classificação interna da família Aruák baseada no princípio geográfico. A autora justifica que não utilizou o Método Histórico-Comparativo para realizar a classificação

interna porque muito ainda tem de ser feito no âmbito descritivo para que isso se torne possível (até aquele momento, apenas duas línguas da família Aruák possuíam uma descrição gramatical feita por um linguista). Ela indica quais são as línguas que estão mais ameaçadas de morrerem, muitas dessas sem contar com uma gramática, um dicionário e uma coletânea de textos, e apresenta vários problemas, no âmbito descritivo e comparativo, que deveriam ser trabalhados por outros linguistas, a fim de que se chegasse a um maior conhecimento das línguas da família Aruák.

Pouca informação Aikhenvald traz sobre a língua Kinikinau. Afinal, o único trabalho descritivo que há para essa língua (Souza, 2008) ainda não havia sido escrito. Ela classifica a língua Kinikinau dentro sub-ramo Aruák Meridional, juntamente com as línguas Terena, Guané/Layana, Chané/Izoceño, Bauré, Ignaciano, Trinitario, Paiconeca, Pauna, Apolista e Salumã (Enawenê-nawê) e menciona, baseada no trabalho de Bendor-Samuel (1966), que a língua Kinikinau, bem como a língua Terena, Guaná e Chané, usa os processos de nasalização e harmonia vocálica para marcar as primeiras e segundas pessoas respectivamente. Uma lacuna no trabalho de Aikhenvald é que ela não faz nenhuma menção à língua/ao dialeto Guaná/Echoaladí.

2.4 Estudos linguísticos da língua Kinikinau no século XXI

Couto (2006)

Trata-se de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas. Foi um dos primeiros trabalhos com os Kinikinau e constitui-se em um estudo sociolinguístico da língua ancestral desse povo. Entre os resultados dessa pesquisa, destacam-se: o levantamento da realidade sociolinguística da comunidade Kinikinau na aldeia São João à época do trabalho de campo da autora; concisa descrição da gramática da língua Kinikinau; e o estudo comparativo entre Kinikinau e Terena.

Sem dúvida alguma o trabalho de Couto possui um mérito e importância inegáveis no estudo da língua e do povo Kinikinau. Até mesmo pelo fato de ter sido o primeiro trabalho linguístico voltado exclusivamente para a língua Kinikinau. Contudo, ele apresenta algumas inconsistências, como número superestimado de falantes, mesmo para a época em que o trabalho foi feito; e problemas nos resultados da comparação realizada, uma vez que alguns dos princípios básicos do Método Histórico-Comparativo não tenham sido levados em consideração no estudo.

Souza (2007)

Este trabalho consiste em um artigo publicado na revista *Tellus*, revista esta vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI) da Universidade Católica Dom Bosco. Trata-se do texto que Ilda de Souza apresentou para o seu exame de Qualificação de Área, durante seu doutorado na Pós-Graduação do IEL/UNICAMP. Desse modo, este artigo se constitui em um recorte da sua tese, não apresentando nenhuma informação ou fato novo em relação ao que está expresso sobre a língua e cultura Kinikinau em seu trabalho de doutoramento.

A autora traz informações históricas e etnográficas sobre o povo Kinikinau – deslocamentos territoriais, tipos de contatos com as forças colonizadoras e com outras sociedades indígenas, participação na Guerra do Paraguai, contexto político atual, tipos de produção artesanal –, faz uma pequena discussão sobre o processo de morte da língua Kinikinau (capítulo 1 de sua tese), compara a lista de palavras de Severiano da Fonseca com dados coletadas por ela mesma em trabalho de campo com colaboradores Kinikinau e com dados de Filomena Sândalo do Kadiwéu, e aponta algumas diferenças fonético-fonológicas, lexicais e sintáticas (capítulos 2 e 4 de sua tese) entre a língua Kinikinau e Terena: Kinikinau /w/ : Terena /v/; as vogais médias do Kinikinau são pronunciadas mais abertas que em terena; algumas diferenças no uso da oclusiva glotal; algumas diferenças lexicais; e o uso de determinantes (Terena usa, Kinikinau não).

Souza (2008)

Trata-se de uma tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Este trabalho da professora Ilda é o mais importante nos estudos sobre o povo e a língua Kinikinau, seguido do trabalho da professora Iara Castro (2010). É o primeiro estudo descritivo que temos sobre essa língua indígena. A autora descreveu vários aspectos da gramática da língua Kinikinau – fonologia, morfologia e sintaxe –, além de se dedicar também ao estudo de aspectos sociolinguísticos e etnográficos deste povo.

A tese encontra-se dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, Souza reúne informações históricas e etnográficas sobre o povo Kinikinau que se encontram esparsas em fontes coloniais, além de apresentar vários dados etnohistóricos de primeira mão. Com isso, a professora Ilda não quis apenas situar o seu leitor diante do povo com o qual trabalhou, mas sobretudo buscar respostas para a seguinte pergunta: por que a língua Kinikinau encontra-se à beira da extinção? No segundo capítulo, a autora descreve aspectos do sistema fonológico da língua Kinikinau, focando-se especialmente na fonologia segmental. A prosódia da língua, que é o que há de mais complexo em sua gramática, quase não foi descrita pela professora Ilda. Contudo, indica vários problemas a serem investigados em futuras pesquisas, como a questão do alongamento das vogais, a questão do tom e a mudança do acento dentro de uma palavra, que é motivada por regras ainda desconhecidas. O capítulo três versa sobre a morfologia do nome e do verbo. Souza identifica os morfemas que compõem o nome e o verbo em Kinikinau, bem como descreve alguns processos morfofonológicos operantes nessa língua. Muitos aspectos da morfologia nominal e verbal do Kinikinau, como a questão dos classificadores e dos verbos auxiliares negativos, precisam ser estudados mais profundamente em pesquisas futuras, como indica a professora Ilda. Uma lacuna nesse capítulo é o fato de ela estabelecer apenas um critério sintático para identificar a categoria nome em Kinikinau (palavras que exercem a função de núcleo do sintagma nominal) e nenhum critério para estabelecer a categoria verbo. Também não faz nenhuma discussão em relação à distinção entre nome e verbo nessa língua. Por fim, no quarto capítulo, a autora descreve aspectos da sintaxe do Kinikinau, descrevendo sua ordem de constituintes, tipos de predicado, de sentenças e a distinção entre sentenças simples e complexas.

Ilda de Souza nos traz ainda, nos anexos, uma lista de palavras Kinikinau-Português (com as respectivas transcrições fonéticas), resultado de seu intenso trabalho de campo, a lista de palavras de Severiano da Fonseca, comparando-a com dados da língua Kadiwéu e com dados da língua Kinikinau, e uma coletânea de textos em Kinikinau-Português. Todos estes textos são traduções feitas pela comunidade Kinikinau de histórias da literatura infantil brasileira. O objetivo da autora em tais traduções foi motivar a comunidade Kinikinau a usar mais a língua ancestral no cotidiano.

Souza (2009)

Este trabalho se constitui de um artigo publicado por Ilda de Souza na revista *Guavira Letras*, um periódico eletrônico ligado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do *campus* de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que tem como objetivo promover e divulgar pesquisas produzidas nos campos dos estudos linguísticos e literários. É um recorte da tese de doutorado da referida autora (capítulo 1), que, conforme exposto acima, foi defendida no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP.

A professora Ilda traz informações históricas e etnográficas sobre os Kinikinau. Discute sobre o avançado processo de morte desse idioma indígena e chama a atenção para a atual situação crítica dos Kinikinau: ainda invisibilizados pelo Estado, desprovidos de suas terras tradicionais, obrigados a sofrerem os abusos de parte dos Kadiwéu residentes na aldeia São João, passivos ao verem sua língua ancestral e sua cultura tradicional caírem no esquecimento.

Souza (2015)

Trata-se de um artigo publicado na *Web Revista Sociodialeto*, um periódico do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (NUPESDD-UEMS), ligado ao Mestrado em Letras de Campo Grande dessa mesma universidade. Trata-se de outro recorte da tese de doutorado de

Ilda de Souza (capítulos 3 e 4). A análise aqui apresentada não difere da análise feita pela professora Ilda em sua tese.

A autora descreve neste trabalho o processo de marcação de concordância de pessoa e número em nomes e verbos na língua Kinikinau, os morfemas de marcação de concordância com o objeto e os morfemas reflexivos. Ambos os nomes e verbos são marcados da mesma forma para pessoa e número: a terceira pessoa é não-marcada; a primeira pessoa do singular é marcada por um traço [+ nasal]; a primeira pessoa do plural é marcada pela prefixação de {w-} à raiz verbal e nominal; e a segunda pessoa (singular e plural) é marcada pela prefixação de {y-}. Os morfemas de marcação de concordância com o objeto: 1ª pessoa do singular {-nu}; 2ª pessoa do singular {-pi}; 2ª pessoa do plural {pi-} + hiko; 3ª pessoa do singular {a-}; 3ª pessoa do plural {a-} + hiko; e 1ª pessoa do plural {-owi}. E os morfemas reflexivos e recíprocos são estes: morfema reflexivo afirmativo {-wo}; morfema reflexivo negativo {-pu}; e morfema recíproco {-koko}.

Carvalho (2016)

Artigo publicado na revista LIAMES, um periódico semestral, editado pela área de Linguística Antropológica (Línguas Indígenas) / Centro de Estudos de Línguas e Culturas Ameríndias (CELCAM) do Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem / UNICAMP. Trata-se de um trabalho histórico-comparativo que tem como objetivo confirmar a hipótese de que as línguas Chané-Guaná (Terena, Kinikinau, Layana e Guaná) são na verdade uma só língua, a qual o autor sugere chamar simplesmente de Terena. Desse modo, segundo Fernando de Carvalho, erradicando os rótulos Chané, Guaná e Kinikinau das classificações linguísticas da região Chaco-Pantanal, evitaríamos muitos problemas de análise que nos induziriam a ter um entendimento errado da história dos índios dessa localidade.

Mais especificamente em relação à língua Kinikinau, o autor em tela dedica uma subseção do artigo especialmente para este idioma indígena, onde ele o compara (usando dados da tese da professora Ilda) com a língua Terena (dados dos missionários Nancy Butler e Muriel Ekdahl e da linguista Andréa Rosa). A comparação conta com poucos dados linguísticos. Mesmo já estando disponível vocabulários da língua Kinikinau, como o que consta nos anexos da tese de Souza (2008), e bons dicionários da língua Terena (veja Silva,

2013), Carvalho não realiza nenhuma comparação lexical entre essas duas línguas. Ele apresenta apenas uma evidência gramatical (os pluralizadores) que corrobora sua hipótese de que Terena e Kinikinau são a mesma coisa. O autor também critica algumas evidências propostas pela professora Ilda para defender sua hipótese de que Kinikinau e Terena são línguas diferentes: a equivalência Kinikinau /w/: Terena /v/; algumas diferenças lexicais entre essas duas línguas, como Kinikinau *kali poinu* x Terena *âti*.

Analisando a comparação feita por Fernando a luz do Método Histórico-Comparativo, não podemos considerá-la como uma evidência forte para a hipótese de que Kinikinau é igual Terena (defendida por ele) ou para a hipótese de que Kinikinau é diferente de Terena (defendida por Aikhenvald). Um trabalho histórico-comparativo sólido e consistente se faz urgente para resolver essa questão. Contudo, isso é esperado somente após o aprofundamento de estudos descritivos, sobretudo, das línguas Kinikinau e Terena, o que resultará em um conjunto de dados mais substancial e análises mais consistentes para dar prosseguimento aos estudos histórico-comparativos envolvendo essas línguas. Antes disso, ficar especulando sobre o estatuto da língua Kinikinau na família Aruák parece não ser muito produtivo.

Couto (2017)

É um capítulo publicado no livro *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*, organizado por Giovani José da Silva, Aila Vilela Bolzan e Rosaldo de Albuquerque Souza. Trata-se de uma obra que visa reunir um verdadeiro inventário investigativo sobre a sociedade indígena Kinikinau e que foi pensado para a celebração dos vinte anos da publicação de uma notícia de jornal (Tribuna Popular, Bonito, 10 de maio de 1996), que relatava a “descoberta” dos Kinikinau. Para a consecução de tal obra, foram convidados diversos pesquisadores indígenas e não-indígenas que, de uma forma ou de outra, vem estudando o povo Kinikinau nos últimos 15 anos.

A autora faz um recorte da sua dissertação de mestrado (Couto, 2006), mostrando os resultados de sua pesquisa sociolinguística e o seu “vocabulário comparativo” entre Kinikinau e Terena. Não há nada de novo aqui em relação ao que foi apresentado em 2006.

Fabre (2017)

Trata-se do mais completo e atualizado dicionário etnolinguístico e guia bibliográfico dos povos indígenas sul-americanos. Há um capítulo dedicado exclusivamente ao tronco Arawák(-Maipure), onde o autor reúne o que há de mais recente em pesquisas linguísticas envolvendo as línguas Aruák ainda faladas.

Em relação à língua Kinikinau, Fabre a coloca dentro do verbete da língua Terena. Ele vê a língua Kinikinau como uma variante (dialeto) da língua Terena, que por muito tempo foi considerada extinta, mas que hoje se sabe que continua sendo falada por alguns anciãos Kinikinau.

Souza (2017)

Assim como o trabalho de Couto (2017), esse também é um capítulo publicado no livro *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*. Nele, Ilda de Souza, a principal pesquisadora do povo Kinikinau, faz outro recorte de sua tese de doutorado (capítulo 1), porém, acrescentando várias novas informações acerca da história recente deste povo e de sua realidade, frutos de mais pesquisa e mais trabalhos de campo da autora com os Kinikinau. Ela chama a atenção para o nível de vitalidade crítico da língua Kinikinau (menos de 10 falantes) e para os vários problemas que esse povo atualmente enfrenta para reverter esse diagnóstico terrível: novas migrações dos Kinikinau para diversas localidades, entre terras de outras etnias e centros urbanos, o que faz com que se torne cada vez mais difícil o estabelecimento de uma comunidade de fala e coloca os pouquíssimos falantes da língua Kinikinau em contato com outros idiomas indígenas e com a língua portuguesa; falta de um território próprio; escassas políticas públicas voltadas para as populações indígenas. Por fim, ela clama que cabe agora aos Kinikinau, principalmente aqueles que já se formaram em um curso superior, que lutem para o fortalecimento e revitalização de seu idioma ancestral, pois há muito a ser feito para que ela não deixe de ser falada.

2.5 Considerações parciais

A literatura linguística do povo Kinikinau é bastante escassa. Se a língua não estivesse na beira da extinção, este fato não acarretaria grande preocupação por parte dos linguistas. Porém, levando em conta o estado crítico em que ela se encontra (nos próximos 20 anos ela deixará de ser falada), ele toma contornos dramáticos.

De trabalhos descritivos, com dados de primeira mão, frutos de trabalho de campo, disponíveis para o público especialista e para a comunidade Kinikinau, há apenas a tese de doutorado da professora Ilda e os artigos-recorte que ela publicou. Não computamos os trabalhos de Couto, por eles serem de difícil acesso e acrescentarem bem pouco para o conhecimento da língua Kinikinau. Esta língua também não conta com listas de palavras coletadas por viajantes, visto a lista coletada por Severiano da Fonseca ser na verdade da língua Kadiwéu; tão pouco em documentações coloniais, visto que os missionários da época da Colônia estavam mais preocupados e dispostos a descreverem as línguas e costumes dos povos Guaicuru.

Os trabalhos históricos que, de alguma forma, fazem menção à língua Kinikinau são também problemáticos. Muitos não contemplam a verdadeira realidade da língua Kinikinau, dando-a como extinta (Mason, 1946; Loukotka, 1968; Payne, 1991; Campbell, 1997). Outros, baseados em poucas evidências e realizando comparações frágeis, tentam estabelecer uma realidade para a língua Kinikinau que parece não condizer com o seu verdadeiro *status* dentro da família Aruák (Campbell, 1997; Carvalho, 2016; Fabre, 2017). O trabalho histórico-comparativo que acreditamos ainda melhor refletir a realidade e natureza da língua Kinikinau, assim como a da própria família Aruák, é o trabalho de Aikhenvald (1999).

CAPÍTULO 3

ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DA LÍNGUA KINIKINAU

3.1 A língua Kinikinau

A língua Kinikinau é uma língua da família Aruák (AIKHENVALD, 1999), localizada atualmente em terras brasileiras, no pantanal sul-matogrossense. Embora hoje, no meio acadêmico, não haja dúvida de que ela se trata de uma língua Aruák²⁹, sua posição dentro dessa família não está clara, havendo divergência entre vários autores sobre se o Kinikinau é uma língua independente (a exemplo do Português e do Espanhol na família Românica) ou se é um dialeto da língua Terena (a exemplo do dialeto carioca e dialeto gaúcho do Português Brasileiro). Entre os autores que colocam a língua Kinikinau como uma língua independente, destacamos: Loukotka (1968), Payne (1991), Campbell (1997), Aikhenvald (1999) e Souza (2008). Já entre os autores que a colocam como um dialeto da língua Terena, destacamos: Carvalho (2016) e Fabre (2017).

Nenhum desses estudos fez uma comparação rigorosa alicerçada nos princípios do Método Histórico-Comparativo (a exemplo do que Rodrigues & Cabral (2002) fizeram para a família Tupí-Guaraní) entre a língua Kinikinau e a língua Terena (com também outras línguas Aruák). Loukotka (1968) realizou sua comparação com base em uma lista de 45 palavras. Payne (1991) utiliza o critério de retenções lexicais para classificar as línguas Aruák. Campbell (1997) segue a classificação de Kaufman (1994) que, por sua vez, muito se beneficia da classificação de Loukotka (1968). Aikhenvald (1999) classifica as línguas Aruák com base em critérios geográficos. Por fim, Souza (2008) se vale de critérios impressionísticos (*look-alike*) para afirmar que Kinikinau é uma língua independente dentro

²⁹ Por muito tempo, entre os estudiosos das línguas indígenas sul-americanas, a língua Kinikinau foi considerada extinta e se pensou que seus falantes teriam passado a falar uma língua Guaicuru. Isso se deve ao equívoco cometido por Fonseca (1899), que tomou um falante de Kadiwéu como falante de Kinikinau. Essa posição foi seguida por Mason (1946) em seus estudos classificatórios sobre as línguas indígenas sul-americanas.

da família Aruák, não sendo Terena, embora geneticamente muito próxima dessa. Já Fabre (2017) e Carvalho (2016) estabelecem o Kinikinau como um dialeto da língua Terena. O primeiro, apenas estipula isso, mas não realiza nenhuma comparação em seu trabalho. O segundo, realiza uma comparação de caráter inicial. Ele não faz comparações lexicais entre Kinikinau e Terena e apresenta apenas uma evidência gramatical (os pluralizadores) para corroborar sua hipótese que Kinikinau e Terena são a mesma língua.

A posição assumida por nós nesta dissertação é de que a língua Kinikinau é uma língua independente dentro da família Aruák, geneticamente muito próxima da língua Terena, embora não seja um dialeto desta. Nossa posição se aproxima da de Aikehnvald (1999), eminente especialista em línguas Aruák. Confesso que não realizamos ainda um trabalho comparativo com a língua Kinikinau, pautado nos princípios do Método Histórico-Comparativo, o único método capaz de identificar parentesco genético entre línguas, pois, ao nosso ver, muito tem de ser feito no âmbito descritivo, tanto com Kinikinau quanto com Terena, para que tal comparação possa ser feita³⁰. Contudo, com base em nossa vivência com a língua Kinikinau e com a língua Terena, fruto de nossa estadia com esses índios na TI Cachoeirinha, acreditamos, dizendo outra vez, que a língua Kinikinau se trata de uma língua distinta da língua Terena. Soma-se à nossa percepção a vontade política dos Kinikinau, que desejam ver sua língua na condição de língua diferente da dos Terena, e não dialeto desta. E como a literatura linguística nos mostra, muitas vezes a vontade política dos falantes é necessária para alçar uma variedade linguística ao estatuto de língua e não de dialeto de uma língua com mais poder econômico e político. Por exemplo, é só observar alguns casos que a família românica nos traz, como os casos do Aragonês com o Espanhol, do Galego com o Português, do Sérvio com o Croata, entre outros (Posner, 1996).

3.2 Vitalidade da língua Kinikinau

A língua Kinikinau atualmente é uma língua moribunda³¹, a ponto de deixar de ser falada. Possui menos de sete falantes³², que, todavia, encontram-se divididos, uns morando na

³⁰ Esperamos conseguir realizar em breve esse estudo.

³¹ Entendemos aqui como moribunda uma língua que conta com menos de 10 falantes (CAMPBELL, 1997).

aldeia Mãe Terra, município de Miranda-MS, e outros morando na aldeia São João, Porto Murtinho-MS. Esse número de falantes é estimado, pois devido ao atual espalhamento dos Kinikinau, que estão morando em diferentes aldeias (Mãe Terra, Lalima, São João, Buriti, Cabeceira, Marçal de Souza) e em diferentes municípios do estado de Mato Grosso do Sul (Bonito, Jardim, Campo Grande), um trabalho sociolinguístico quantitativo com esses índios demandaria elevado recurso financeiro, o que infelizmente não pudemos contar durante nossa pesquisa de mestrado. O número de semi-falantes (fortes ou fracos) também é reduzido, não indo além de 20, na mais otimista das estimativas. O número de lembradores já é um pouco maior, aproximadamente entre 50 e 150. Aqui também temos uma estimativa.

A escola da aldeia São João tem um papel preponderante para esse alto número de lembradores, comparado com o baixíssimo número de falantes e semi-falantes. Lá ocorrem aulas de Kinikinau, com um professor que é semi-falante forte da língua. Assim, muitas crianças acabam aprendendo um pouco de seu idioma ancestral, como nomes de partes do corpo, termos de parentesco, nomes de elementos da natureza, de plantas, animais, alimentos e expressões de cumprimento. Sem a escola, essas crianças não teriam aprendido nem uma palavra sequer da língua Kinikinau, pois muitas delas são filhas de lembradores e semi-falantes fracos, que não transmitem o pouco que sabem de Kinikinau para as gerações mais novas, e possuem pouco ou nenhum contato com os anciãos que falam o idioma. A escola da aldeia São João, indubitavelmente, não conseguiu formar nenhum falante de Kinikinau como segunda língua. Contudo, sua atuação em relação a língua Kinikinau é positiva, pois ela propiciou que muitos jovens Kinikinau, que sem a escola não saberiam uma palavra sequer do seu idioma ancestral, sejam pelo menos lembradores.

De acordo com os nossos colaboradores e com o que pudemos observar *in situ*, todos os menos de sete falantes possuem mais de 80 anos de idade, com exceção de uma senhora, Dona Ágda Roberto, a qual no corrente ano de 2017 tem 65 anos. Chamamos essa parcela da população Kinikinau de Geração 1. Todos os membros da Geração 1 são falantes de

³² Seguimos aqui Campbell & Muntzel (1989) para classificar os falantes da língua Kinikinau em: a) falantes, aqueles que falam e entendem a língua Kinikinau; b) semi-falantes fortes, aqueles que não falam a língua, mas entendem tudo o que um falante fala no idioma; c) semi-falantes fracos, que também não falam a língua, mas entendem um pouco do que um falante fala no idioma; e d) lembradores, aqueles que sabem uma ou outra palavra e algumas frases do idioma Kinikinau, mas não entendem nada que um falante fala no idioma.

Kinikinau. Em seguida, temos os filhos da Geração 1, a qual chamamos de Geração 2³³. A faixa etária da Geração 2 varia entre 40 e 65 anos. Em sua grande maioria, os membros da Geração 2 são semi-falantes fortes da língua Kinikinau, isto é, eles entendem tudo o que a Geração 1 fala no idioma ancestral, contudo não conseguem falá-lo. Há também na geração 2, uma minoria diminuta, semi-falantes fracos, ou seja, pessoas que, como os semi-falantes fortes, também não falam Kinikinau, todavia não conseguem entender tudo que um falante da Geração 1 fala, apenas algumas orações simples contextualizadas, algumas perguntas, além de possuírem total domínio do vocabulário básico da língua Kinikinau³⁴. A Geração 3, filhos da Geração 2 e netos da Geração 1, possuem faixa etária entre 15 e 40 anos e se dividem entre semi-falantes fracos e lembradores (quem conhece uma ou outra palavra ou frase Kinikinau e não entende nada que um falante fala), com maioria esmagadora destes sobre aqueles nessa parcela da população Kinikinau. A Geração 3 representa a parcela mais escolarizada da população Kinikinau. Por fim, temos a Geração 4, os bisnetos da Geração 1, todos abaixo de 15 anos. Aqui, no máximo, temos lembradores da língua Kinikinau, que aprenderam o pouco que sabem do idioma ancestral na escola da Aldeia São João, com um professor semi-falante forte da Geração 2. Pode-se facilmente perceber, com o exposto acima no parágrafo, o nível de vitalidade crítico que se encontra a língua Kinikinau, em situação moribunda, prestes a se tornar *nolens volens* uma língua morta³⁵.

Verificar o nível frágil de vitalidade em que se encontra a língua Kinikinau hoje, seja pelos pesquisadores, seja pelos próprios indígenas, é tarefa fácil. Agora, o que teria levado a língua Kinikinau a esse estágio? Pensando com os Kinikinau e a partir deles, podemos responder a essa pergunta dizendo que foi a questão fundiária desse povo, privados do território tradicional, que conduziu a língua Kinikinau para essa situação moribunda. Após a

³³ Com exceção dos filhos de Dona Ágda Roberto, que é filha de uma anciã da Geração 1, Dona Zeferina Moreira. Como Dona Ágda é falante de Kinikinau, nós a inserimos na Geração 1. Seus filhos, entretanto, são incluídos na Geração 3.

³⁴ Entendemos aqui vocabulário básico no sentido como esse termo é entendido na Linguística Histórica, por linguistas como Campbell (2013), Antilla (1972), Hock (1991), entre outros: um domínio do léxico menos suscetível a ser tomado por empréstimo entre as línguas, como nomes de partes do corpo, termos de parentesco, verbos básicos, nomes de cores e nomes de elementos da natureza.

³⁵ A partir de Hinton (2013) e Hinton & Hale (2001), entendemos aqui nesse trabalho que uma língua, ao deixar de ser falada, pode entrar em duas categorias: 1) a das línguas adormecidas, ou seja, línguas não mais faladas, mas que possuem registros e descrições consideráveis, o que possibilita futuras empreitadas de revitalização, a partir desses trabalhos. Um exemplo que podemos dar para ilustrar o que chamamos aqui de língua adormecida é o Latim; 2) línguas mortas, ou seja, línguas não mais faladas e com poucos ou inexistentes registros e descrições, o que impossibilita sua revitalização futura. Um exemplo são as línguas charruanas (Charrua, Balomar, Chaná e Güenoa). Se nada for feito, principalmente pela comunidade Kinikinau, a língua Kinikinau deixará de ser falada e, pior ainda, entrará no rol das línguas mortas, sequer no das línguas adormecidas.

Guerra do Paraguai, os Kinikinau foram expulsos do território tradicional que eles ocupavam na beira do córrego Agaxi. Essa remoção forçada se iniciou imediatamente após o referido conflito platino (1870) e se concretizou no início da década de 1940. Entre os períodos de meados do século XIX e XX, a língua Kinikinau era falada por 100% da comunidade Kinikinau bilíngue Português-Kinikinau, conforme nós podemos depreender de cronistas que tiveram com os Kinikinau no século passado (TAUNAY, 1940; LEVERGER, 1845; entre outros) e de dados nosso de campo. Ademais, a língua Kinikinau era tida em alto prestígio por eles. Porém, concluído o roubo de suas terras por agentes do Estado brasileiro, destruída a última aldeia Kinikinau, com a expulsão da Geração 0 (os pais e avós da Geração 1) das margens do Agachi, começa o início do “fim”³⁶ da língua Kinikinau. Essa Geração 0 transmitiu o idioma ancestral para a Geração 1, mesmo sendo obrigados agora a morarem em outras comunidades de fala, seja elas Terena, Kadiwéu ou não-indígena. A partir disso a língua Kinikinau passa a perder a função social para a comunidade Kinikinau. Mas o que isso quer dizer? Quer dizer que a partir de 1940 a língua Kinikinau passa a ser vista pelo próprio povo como uma coisa sem sentido de continuar existindo e sem função prática. Um fardo, uma coisa inútil, que mais atrapalha que ajuda. Vamos imaginar um exemplo para tentar ilustrar o pensamento dos Kinikinau exposto acima. Suponhamos que nós somos, de um dia para o outro, capturados pelas forças policiais do Estado brasileiro e deportados para o Japão. Chegando no Japão, onde só se fala Japonês, algum de nós continuará usando o Português para se comunicar? Óbvio que não, a não ser que queiramos xingar algum japonês. Aprenderemos o Japonês, nem que seja imperfeitamente. Se tivermos filhos, conversaremos com eles em japonês, afinal, qual vai ser a utilidade de ensinar a eles o Português? Muito pouca ou nenhuma. Podemos até pensar em ensinar os nossos filhos nossa língua materna portuguesa, para não deixar nossa identidade brasileira morrer. Porém, qual a vantagem, o que nossos filhos ganharão afirmando uma identidade étnica brasileira no Japão? Também muito pouca ou nenhuma. Isso pode inclusive até prejudicá-los. Eles ganharão mais, se beneficiarão mais assumindo uma identidade japonesa. Sofrerão menos com os preconceitos da sociedade nipônica, terão mais oportunidades que nós, que não conseguimos aprender perfeitamente o

³⁶ Não adotamos uma posição pessimista sobre o futuro da língua Kinikinau, mas realista. Novamente, pensando com os Kinikinau e a partir deles, se nenhuma política linguística for implantada nessa comunidade imediatamente, no sentido de reatribuir uma função social-comunicativa à língua Kinikinau e de gerar novos falantes nativos e de segunda língua, e principalmente sendo essa política respaldada pelo Estado brasileiro, o que parece cada vez mais difícil de ocorrer, a língua Kinikinau fatalmente morrerá. Entre adotar uma visão romantizada, praxe em trabalhos sociolinguísticos que tratam sobre línguas na condição da língua Kinikinau, e uma visão realista, preferimos a visão realista.

Japonês e nem conseguimos nos desvencilhar de nossa identidade étnica brasileira. Rapidamente perceberemos numa situação dessa que a língua de sobrevivência é o Japonês. E como nós iremos querer sobreviver e principalmente iremos querer que nossos filhos sobrevivam, falaremos, ensinaremos e incentivaremos nossos filhos a falar Japonês.

A situação descrita acima parece insólita de ocorrer na vida real. Porém, *mutatis mutandis*, foi exatamente o que aconteceu com os Kinikinau em ocasião do roubo de suas terras. Ao serem deportados para outras terras (Kadiwéu, Terena ou brasileiras), eles rapidamente perceberam que a língua Kinikinau não teria mais uma função comunicativa para eles, pois é impossível uma língua ter uma função comunicativa sem uma comunidade de fala, da qual os Kinikinau foram brutalmente surrupiados a partir de 1940, e nem uma função social, visto que uma sociedade Kinikinau passa a não existir mais, o que passa a existir então são grupos familiares Kinikinau, que apenas se afirmam Kinikinau endogamicamente, inseridos em sociedades Terena, Kadiwéu e brasileira. Como resposta imediata a essa situação adversa na qual foram inseridos, os Kinikinau adotaram o Português como língua de sobrevivência. A língua Kinikinau, embora seus falantes tenham adquirido a língua portuguesa como língua de sobrevivência, não morreu ou entrou em dormência, apesar de que seu “fim” pareça estar anunciado. Ela ainda é falada e a comunidade Kinikinau, em um grande esforço coletivo, pode adotar medidas para reverter essa situação sociolinguística. O momento é agora para se adotar essas medidas, que serão tratadas por nós mais abaixo (item 3.6). Caso contrário, o “fim” já anunciado da língua Kinikinau se concretizará, e sua morte radical (CAMPBELL & MUNTZEL, 1989)³⁷ não será apenas uma questão de adotar uma visão realista sobre o Kinikinau, pessimista para alguns, mas um fato incontestável.

Somente no final da década de 1990, os Kinikinau acordaram sua identidade étnica adormecida (JOSÉ DA SILVA & SOUZA, 2003). Melhor dizendo, fizeram gritar sua identidade silenciada pelo Estado. A partir daí surge o interesse e uma opinião favorável sobre a língua Kinikinau, embora ela continue destituída de uma função social-comunicativa. A partir disso, a língua Kinikinau passa a não ser considerada mais um peso, algo prejudicial e sem função. Ela passa a ser vista como uma ferramenta muitíssimo importante para auxiliar na luta política deles, por facilmente acentuar sua diferença em relação ao Outro (lembrando que os Kinikinau buscam se autoafirmar dentro do cenário multiétnico sul-matogrossense) e

³⁷ Campbell & Muntzel (1989) definem como morte radical quando uma língua deixa de ser falada rapidamente, entre uma geração e outra, devido a repressões políticas.

afirmar sua indianidade Kinikinau para os *puxarara* (a qual é toda hora posta à prova e deve ser reafirmada incessantemente, pela força das circunstâncias). Contudo, já era tarde, os falantes já eram bem poucos e espalhados. Uma comunidade de fala já não existia mais. E o território tradicional estava, e ainda está, para ser retomado. E lutar pelo território concomitantemente ou *posteriori* à luta pela revitalização da língua ancestral é impossível para os Kinikinau, conforme eles à exaustão nos disseram em um ano e meio de convivência. Primeiro o território, o sagrado, o sonhado, o necessário. Depois, a língua, se der.

Recentemente, uma das últimas falantes do Kinikinau, Dona Ágda Roberto, mudou-se da São João para a aldeia Mãe Terra, lá encontrando-se com sua mãe, Dona Zeferina Moreira, a principal falante da língua Kinikinau. Esse fato pode acalentar um fio de esperança para o futuro da língua Kinikinau, visto que as duas só interagem entre si no idioma ancestral. Quiçá alguma criança Kinikinau, ouvindo as duas conversarem e interagindo entre elas, não adquira também a língua Kinikinau³⁸.

3.3 Transmissão da língua Kinikinau

A língua Kinikinau não é mais transmitida às gerações mais novas há pelo menos 60 anos, o que corresponde a três gerações desse povo, conforme vimos na seção acima. O motivo da interrupção da transmissão do idioma ancestral foi o roubo de seu território por agentes do Estado brasileiro, o que obrigou esses índios a irem morar em comunidades de falas Terena, Kadiwéu ou brasileira. Essa deportação forçada fez com que a língua Kinikinau perdesse totalmente sua função social-comunicativa, o que fez com que os Kinikinau tivessem que adotar uma língua de sobrevivência: o Português. Roubado o território e decretado pelo Estado como extintos, assumir uma identidade Kinikinau era extremamente perigoso para esses índios, pois, na prática, eles não existiam mais como índios, apenas como remanescentes. Então alguém se assumindo como Kinikinau perderia de imediato seu status de índio, o que acarretaria perder os direitos que eles usufruíam à época na condição de

³⁸ Dona Ágda adquiriu a língua Kinikinau por intermédio de seus avós maternos. Quando pequena, ela convivia muito com eles, especialmente a sua avó, Dona Francisca Pereira. Ouvindo os dois anciãos conversarem e conversando com a sua avó, Dona Ágda aprendeu o idioma Kinikinau. Sem os seus avós maternos, ela o não teria aprendido, visto que sua mãe não lhe ensinou o idioma ancestral.

indígenas: direito de morar em alguma terra indígena e de receber eventuais benefícios sociais do Governo. Desse modo, a identidade Kinikinau precisava ser silenciada. E há fator mais forte de identidade que a língua? Que melhor maneira, por exemplo, de eu me afirmar como brasileiro que falando o meu Português brasileiro, minha língua materna, a qual aprendi com os meus pais e com a minha tia Dulcinéia? Nesse sentido, uma das primeiras estratégias de sobrevivência adotada pelos Kinikinau foi silenciar a língua Kinikinau, pois, sendo falada, ela poderia lhes conferir uma identidade étnica que naquele momento seria muito perigosa.

No final da década de 1990, começa um ambiente favorável aos Kinikinau para eles assumirem sua identidade étnica que foi mantida por muito tempo silenciada como estratégia de sobrevivência (JOSÉ DA SILVA & SOUZA, 2003). E é exatamente isso o que eles fazem. Assumem-se como Kinikinau perante outros povos indígenas e, principalmente, perante o Estado brasileiro. Com isso, começam a lutar pelos seus direitos garantidos por nossa Carta Magna, como o direito de usufruir seu território Kinikinau. Então, a língua Kinikinau ganha um alto prestígio, volta a ter valor. Ela passa a ser vista como uma ferramenta para a luta política³⁹ bastante eficiente, por “provar”, por assim dizer, principalmente aos olhos dos brancos, a indianidade desse povo e sua identidade étnica Kinikinau. Contudo, a língua Kinikinau não passa disso, de uma ferramenta para a luta política, de importância análoga a outras ferramentas, como a Dança Kinikinau e a confecção de cerâmica. Ela não volta a ter uma função social-comunicativa. Afinal, os Kinikinau continuam imersos em comunidades de fala Terena, Kadiwéu ou brasileira e não conseguem se organizar enquanto sociedade por não conseguirem se territorializar. Daí o motivo de ela não voltar a ser transmitida pelos falantes às gerações mais novas, apesar de agora ser muitíssimo valorizada.

3.4 Língua Kinikinau x território tradicional

A hipótese levantada por nós nas duas seções acima, de que o roubo do território tradicional Kinikinau na beira do córrego Agachi por agentes do Estado brasileiro foi a causa primária do nível de vitalidade crítico que a língua Kinikinau se encontra hoje, não foi um *deus ex machina* usado por nós para responder à pergunta do porquê a língua Kinikinau está

³⁹ Entende-se aqui luta política como luta para retomar o território tradicional.

quase deixando de ser falada. Poderíamos, ao deparar com esse complexo problema que é a morte da língua Kinikinau, buscar respostas na influência da televisão, cada vez mais popular nas aldeias por causa dos jogos de futebol e das novelas da Rede Globo, ou nas idas cada vez mais frequentes dos indígenas às cidades, idas essas as quais os indígenas estão cada vez mais obrigados a fazerem, por força da situação socioeconômica em que eles se encontram. Talvez vissemos a solução para a problemática elencada na influência das músicas altas tocadas por sons automotivos dentro das aldeias ou a influência maléfica do celular (que índio hoje em dia que não tem um *smartphone*?). Essas respostas são as mais usadas nos trabalhos sociolinguísticos sobre línguas indígenas brasileiras para explicar o porquê de as línguas estarem deixando de ser faladas. Talvez, no contexto dos povos indígenas nos quais esses trabalhos foram feitos, esses motivos sejam plausíveis, o que nós duvidamos muito que sejam, mas aceitamos. Contudo, no caso Kinikinau, esses motivos não se aplicam. O que se aplica para explicar a situação sociolinguística é a falta do território. Ignorar isso é incorrer em superficialidades e ignorar por completo a história e a lógica dos Kinikinau. Ater-se a esses fatores é concentrar-se na casca do problema e negligenciar o seu cerne.

A expulsão do território tradicional colocou os Kinikinau em situação bastante incômoda, obrigando-os a morarem em terras de outras etnias ou em cidades. Além disso, eles foram completa e deliberadamente invisibilizados pelo Estado brasileiro que, propositalmente, os declarou extintos. Assim, os Kinikinau, por estratégia de sobrevivência, visto estarem cientes de que foram declarados extintos pelo Estado e por temerem alguma represália do grupo étnico dono da terra na qual foram morar, começaram a silenciar sua identidade étnica (JOSÉ DA SILVA & SOUZA, 2003). Para lograr tal *desideratum*, a primeira atitude adotada por esses indígenas foi silenciar a língua Kinikinau. De acordo com eles, se eles estavam morando em terras estrangeiras, por que ensinar a língua ancestral aos seus filhos? O que só atrapalharia a integração das crianças na nova comunidade. E se o Estado lhes falava que não existiam mais, por que ensinar seus filhos a falarem Kinikinau, sob o risco de o Estado expulsá-los da terra da outra etnia em que eles moravam, por não serem da referida etnia? Ou pior ainda, deportá-los para a periferia de alguma cidade, pois se assumindo como Kinikinau automaticamente lhes imputaria uma condição de não-indígena perante o Estado, pois se os Kinikinau estavam extintos, não tinha como alguém ser índio Kinikinau, pois esses agora ex-índios haviam perdido sua indianidade, e a indianidade não era algo que se perdia e depois a achava. Só se deixava de ser índio e nunca o voltava a sê-lo. Além disso, a expulsão do

território no Agachi foi muito violenta, causando traumas a Geração 0 e Geração 1, que fez com que eles associassem o fato de terem sido expulsos de lá por serem Kinikinau, então nada melhor que ensinar os filhos silenciarem a “Kinikinauidade” deles, e o primeiro passo para ensinar esse silenciamento é não ensinar a língua.

Alguém, glosando sobre a relação entre língua x terra dos Kinikinau, poderá falar que a perda do território não foi o fator determinante para a perda linguística desses indígenas, afinal eles conseguiram se reterritorializar, de alguma forma pelo menos, na aldeia São João. Eles poderiam, e tinham todas as condições para o fazê-lo, ter construído uma comunidade de fala na aldeia São João, e assim transmitir a língua Kinikinau para as gerações mais novas. O fato é que os Kinikinau nunca se territorializaram na aldeia São João. Eles nunca a viram como um lugar deles, onde eles pudessem (re)fundar suas famílias-tronco⁴⁰, ou seja, construir um lugar de socialidade Kinikinau. A aldeia São João sempre foi vista como um lugar provisório, um lugar em que eles pudessem se reorganizar, se recuperar da estocada quase mortal do Estado brasileiro. Recuperados, fortalecidos, a intenção dos Kinikinau sempre foi voltar para o território tradicional nas margens do córrego Agachi. Um exemplo do que acabamos de expor temos na fala de Dona Flaviana Roberto: “Casa de Kinikinau é um barraco, porque Kinikinau não tem território e nós não “pretende” fazer uma casa boa. Nós não “tem” previsão de ficar aqui não” (F. ROBERTO, 2016). Deste modo, enquanto não recuperarem o território tradicional, para se reterritorializarem, refundarem suas famílias-tronco, enfim, construir um lugar de socialidade Kinikinau, a língua Kinikinau não voltará a ter uma função social-comunicativa para os indígenas Kinikinau.

Um último contra-argumento para refutar nossa tese de que a perda do território tradicional foi a causa primária da situação sociolinguística crítica que se encontra hoje a língua Kinikinau pode ser que há muitos povos indígenas no Brasil com o território tradicional demarcado, como os Apiká no Mato Grosso, e que mesmo assim viram suas línguas morrerem, ficando apenas o Português no lugar delas. No entanto, o que nós afirmamos foi que a perda do território tradicional foi a causa primária, e não a causa única, da situação atual da língua Kinikinau. Esse foi o motivo principal, o cerne da questão. Outros fatores, como o preconceito generalizado em relação ao índio e a imposição da escola em área indígena, entre outros, podem ter corroborado sim para a situação de vitalidade crítica do

⁴⁰ Para a noção de “fundação” e “famílias-tronco” que utilizamos aqui com os Kinikinau, veja Pereira (2009).

Kinikinau, mas em pequenas proporções. Eles são as causas secundárias, a casca da questão. O que não acreditamos é que a apropriação dos indígenas de aparatos tecnológicos (TV, celular, computador, tablete. Rádio etc) possa ter contribuído para a situação sociolinguística crítica da língua Kinikinau, ou de qualquer outra língua. Desde antes da invenção da energia elétrica ou da internet, as línguas indígenas daqui do Brasil têm morrido em uma velocidade absurda. Antes sequer do rádio existir, o Português tem tomado o lugar de várias línguas indígenas em várias comunidades. Antes do celular ser criado, muitos indígenas já tinham feito a “escolha” de não transmitir seu idioma ancestral para os seus filhos. Logo, esses fatores não são os motivos para a morte de nenhuma língua indígena. Acreditar nisso é até uma atitude tola e preconceituosa (os índios usarem essas coisas de “branco” só os prejudica, faz com que eles deixem de falar suas línguas, de transmitir seu conhecimento tradicional, ou seja, faz com que eles deixem de ser índios, ou os torna índios de segunda categoria). Ademais, há muitos povos altamente tecnologizados no Brasil, como os Guarani Kaiowá e Guarani Nãndéva, e que possuem um nível de vitalidade alto de suas línguas ancestrais. Voltando a questão do contra-argumento apresentado neste parágrafo, para encerrarmos essa discussão, também acreditamos que cada povo indígena no Brasil é um povo peculiar, com sua história própria, com seu conjunto de tendências e disposições *sui generis*. O que vale para os Kinikinau não precisa necessariamente valer para os Asuriní do Tocantins nem para os Apiaká e vice-versa. Cada povo é um povo, e apenas dialogando com ele, sabendo de sua história, estudando seu *ethos*, buscando pensar com e a partir dele, e não já indo armado de clichês de uma determinada sub-área da Linguística, é que conseguimos responder uma questão tão complexa como o porquê os indígenas Kinikinau pararam de falar e transmitir sua língua ancestral.

3.5 Perspectivas sobre a revitalização da língua Kinikinau

Que os Kinikinau têm bem claro hoje em dia a importância de sua língua ancestral, não há dúvida. Que no final da década de 1990 a língua Kinikinau passou a ter um grande valor entre esses indígenas, principalmente pelo fato de ela ser vista como uma eficiente ferramenta para sua luta política, também não há dúvida. Que a retomada do território tradicional é questão prioritária para esse povo, expomos isso à exaustão no decorrer desta

dissertação. Que eles pretendem primeiro recuperar suas terras nas margens do Agachi para apenas depois se preocuparem com a revitalização da língua Kinikinau, acho que deixamos isso bem claro aqui.

Entretanto, uma coisa não impede a outra, ou seja, para lutar pela recuperação do território, não é necessário negligenciar a questão da língua Kinikinau. Essas duas questões não são excludentes, é perfeitamente possível encarar as duas concomitantemente. Não há nada que diga o contrário. A língua Kinikinau caminha a passos largos para entrar no rol de línguas mortas. Os falantes plenos já não passam de sete, todos com idades avançadíssimas. Uma política linguística, respaldada pelo Estado brasileiro (os Kinikinau precisariam lutar por isso), precisa ser colocada em prática pelos Kinikinau, isso, é claro, se eles quiserem manter sua língua ancestral viva. Esperar estar dentro do território tradicional para depois encarar a questão da morte linguística pode ser muito tarde para a língua Kinikinau, pois não há dia nem hora marcada para os Kinikinau terem novamente suas terras. É claro que sem o território tradicional é difícil fazer com que a língua Kinikinau volte a ter uma função social-comunicativa para o povo Kinikinau. É difícil, mas não impossível. O mais adequado seria conseguir o território primeiro para depois pensar a questão da língua. Contudo, como anda a situação política do nosso país, principalmente no tocante aos povos indígenas, parece pouco provável que os Kinikinau consigam o território tradicional a curto prazo. Esse processo levará tempo, um tempo que a língua Kinikinau não possui. Esperar será decretar o fim da língua Kinikinau que foi anunciado no início da década de 1940.

Se é possível fazer com que a língua volte a ser falada em toda a sua potencialidade comunicativa, que ela seja revitalizada, fortalecida, é perfeitamente possível. Afinal, a língua ainda conta com falantes plenos e possui um número considerável de semi-falantes (a língua Kinikinau já está interiorizada de alguma forma na cabeça deles). As gerações mais jovens, principalmente os nascidos depois de 2000, atribuem um grande valor à língua Kinikinau, têm orgulho dela, têm vontade de aprendê-la. Agora, colocar em prática uma política de revitalização da língua Kinikinau, levando em considerações a situação do povo Kinikinau, não é uma tarefa fácil. Mas os Kinikinau já demonstraram ser um povo guerreiro e que gostam de contrariar todas as expectativas. O fato de eles ainda existirem é mais do que prova disso.

3.6 Provoações para se pensar uma política linguística voltada para revitalização da língua Kinikinau⁴¹

Conforme discutimos na seção acima, caso os Kinikinau decidam por manter sua língua ancestral viva, uma política linguística voltada para a revitalização da língua precisa ser colocada em prática de imediato. Não se pode esperar a retomada do território tradicional para somente depois se ocupar em políticas linguísticas que fortaleçam a língua Kinikinau. Para lutar pela revitalização da língua Kinikinau não é necessário negligenciar a luta pelo território tradicional. Essas duas não são excludentes, uma ajuda a outra.

Na atual situação em que os Kinikinau se encontram, admitimos que é difícil colocar em prática uma política linguística que foque a revitalização da língua ancestral desses indígenas. É difícil, mas não impossível. E para provocar os Kinikinau, de forma que eles comecem a discutir seriamente a questão da morte da língua Kinikinau e comecem a pensar ações que revertam esse processo, apresentamos algumas propostas de políticas linguísticas para a revitalização da língua Kinikinau que esses indígenas podem colocá-las em prática, mesmo na situação social extremamente vulnerável em que se encontram:

- Realizar reuniões com a comunidade envolvendo pesquisadores indígenas e não-indígenas para discutir o real papel da escola no processo de fortalecimento/revitalização de uma língua indígena;
- Criar um comitê, composto de linguistas, falantes e lideranças indígenas, para se discutir a criação de neologismos em Kinikinau⁴²;

⁴¹ Atualmente os indígenas Terena da Aldeia Buriti, TI Buriti, Dois Irmãos do Buriti-MS, estão lutando para tentar revitalizar a língua Terena em sua comunidade (MAMEDE, 2017). A situação não é a mesma dos Kinikinau, mas a investida por revitalização é semelhante. Sendo assim, uma leitura atenta por parte dos Kinikinau da dissertação de Genildo Mamede (2017), onde é narrada a experiência de elaboração de propostas de políticas linguísticas realizadas pelos Terena da Aldeia Buriti, como parâmetro para se pensar suas próprias políticas, torna-se extremamente relevante.

⁴² A criação de neologismos ajuda (e muito) a fortalecer uma língua, possibilitando que ela passe a ocupar novas situações comunicativas que até então era de domínio exclusivo da língua dominante. Por exemplo, a língua Kinikinau não é mais falada em base diária há pelo menos 60 anos. Quando era falada, os Kinikinau não jogavam futebol, esporte que atualmente é tão popular entre esses indígenas. Assim, ela não possui termos específicos para o esporte, como uma palavra para zagueiro, meio-de-campo, passe, cruzamento, etc. Desse modo, o Português é de domínio exclusivo nessa situação comunicativa (uma partida de futebol). Com a criação de neologismos nesse campo, criando uma palavra Kinikinau para zagueiro, meio-de-campo, passe, cruzamento, etc, a língua Kinikinau poderá ocupar mais confortavelmente essa situação comunicativa, fortalecendo o seu uso no seio da comunidade Kinikinau.

- Cobrar dos órgãos governamentais competentes apoio a políticas linguísticas que visem a revitalização da língua Kinikinau (os povos indígenas do Brasil possuem amparo legal nesse sentido, contudo eles têm de fazer valer a lei na prática, não podem esperar que o Estado faça isso por eles);
- Dialogar com os mais velhos falantes de Kinikinau e estimulá-los para que eles comecem a transmitir a língua ancestral às crianças;
- Estabelecer reuniões periódicas nas comunidades Kinikinau envolvendo pelo menos um falante para provocar a comunicação oral na língua Kinikinau;
- Buscar viabilizar encontros regulares entre os falantes da língua Kinikinau, de forma que eles interajam entre si na língua indígena e que toda a comunidade Kinikinau acompanhe esses encontros;
- Registrar o máximo possível, por meio de recursos audiovisuais, a língua Kinikinau;
- Elaborar materiais didáticos e/ou paradidáticos para serem acessados pela comunidade Kinikinau;
- Incentivar a prática de leitura e escrita na língua Kinikinau;
- Criar uma situação comunicativa com periodicidade mensal onde os Kinikinau se reúnam por pelo menos 4 horas e que durante essa situação eles só interajam entre si em Kinikinau (o Português fica proibido!).

3.7 Diagnóstico sociolinguístico

Nesta seção, apresentamos um diagnóstico sociolinguístico da língua Kinikinau. Como suporte teórico para a realização desse diagnóstico, apoiamos-nos nos trabalhos de Labov (1994), Thomason (2001), Maher (1996, 2007, 2008), Aquino (2010) e Viegas (2014). Utilizamos um questionário sociolinguístico elaborado por nós mesmos, baseado nos trabalhos de Maher (2007) para os povos indígenas do Acre, Aquino (2010) para os Asuriní do Tocantins e Viegas (2014) para os Kokáma. Esse questionário privilegia uma amostragem representativa e qualitativa, ou seja, não probabilística e não quantitativa, de forma que não foi aplicado em toda a população Kinikinau residente na Aldeia Mãe Terra e São João. Seu

foco é a dinâmica social das línguas em convívio nas comunidades Mãe Terra e São João e tem os seguintes objetivos: a) observar quais línguas – Português, Kinikinau, Terena ou Kadiwéu – é utilizada pelos índios Kinikinau em diferentes situações comunicativas ocorridas dentro e fora da área indígena; b) realizar um levantamento das práticas de letramento que ocorrem na aldeia; c) entrevistar diferentes membros da comunidade, de diferentes faixas etárias e de ambos os sexos, para avaliar as competências orais e escritas, bem como sua atitude em relação às línguas Português, Kinikinau, Terena ou Kadiwéu; d) observar pelo menos 5 famílias com crianças pequenas da comunidade, para observar qual língua está sendo transmitida para as gerações mais novas.

A aplicação dos questionários⁴³ referentes a esse diagnóstico linguístico foi feita por um dos autores dessa pesquisa durante os meses de outubro de 2016 e março de 2017. Pudemos entrevistar líderes Kinikinau, anciãos falantes da língua, jovens engajados na luta política desse povo e profissionais da área de saúde. Infelizmente não conseguimos aplicar o questionário para nenhum professor Kinikinau que trabalhe na aldeia São João. Objetivamos durante a aplicação desses questionários envolver a comunidade Kinikinau em nossa pesquisa, de forma a estimular uma reflexão metalinguística entre esses indígenas, sobre questões como a atual situação da língua Kinikinau, seu uso e transmissão, se essa língua pode deixar de ser falada, entre outras. Gravamos todas as entrevistas feitas por nós. Buscamos, além da aplicação pura do questionário e da realização de entrevistas, valer-nos da observação direta para a realização do diagnóstico que apresentamos nesta seção. Mas não utilizamos a observação direta de forma de por meio dela tentar chegar aos resultados de nosso diagnóstico sociolinguístico, e apenas depois entrevistar os índios para buscar na fala deles evidências que corroborem nossas conclusões. Valemo-nos da observação direta, de forma que pudéssemos confrontar a nossa percepção com a percepção do indígena, para, a partir daí, chegarmos nas respostas de nossas perguntas, nas conclusões de nosso diagnóstico. E o peso da observação direta por nossa parte e das respostas dos indígenas nas entrevistas onde eles respondem o questionário foi igual, caso contrário poderíamos incorrer no erro de menosprezar o pensamento dos indígenas ou de aceitar tudo o que eles dissessem como verdade incontestável.

⁴³ Os questionários encontram-se em anexo.

O diagnóstico é dividido em oito etapas. A primeira trata das atitudes linguísticas dos Kinikinau. A segunda, sobre as práticas de leitura e escrita entre os Kinikinau. A terceira, sobre a aprendizagem da língua Kinikinau. A quarta, sobre as aulas de língua Kinikinau na aldeia São João. A sexta, sobre os usos linguísticos dos Kinikinau nas mais variadas situações comunicativas. A sétima, sobre os usos linguísticos no âmbito das famílias Kinikinau. Por fim, a oitava, sobre os lugares que os Kinikinau acham que poderiam usar a língua Kinikinau.

Sobre as atitudes linguísticas dos Kinikinau

Conforme já dissemos neste capítulo, hoje em dia a língua Kinikinau goza de bastante prestígio entre os Kinikinau. Desse modo, não há nenhum indígena dessa etnia não-falante da língua ancestral que não gostaria de ter adquirido o idioma indígena. Em relação à qual língua é a mais bonita, aproximadamente metade dos nossos entrevistados acreditam que o idioma indígena é o mais bonito; a outra metade acredita que a língua Kinikinau é tão bonita quanto a Portuguesa. Podemos ver que os Kinikinau não acham que o Português seja mais bonito que a língua ancestral deles. Pode ser bonito tanto quanto, mas não mais. Sobre se a língua Kinikinau pode desaparecer ou não, nossos entrevistados responderam que não a veem desaparecendo, embora admitam que ela se encontra em perigo e que precisa ser alvo de uma política linguística voltada para a sua revitalização/fortalecimento. O cerne dessa política é a Educação Escolar Indígena, é colocar a língua Kinikinau em um domínio (o da escola) onde ela se encontra incipientemente inserida. Contudo, para implantar essa política linguística, que na visão dos Kinikinau salvaguardará a língua Kinikinau, é necessário antes o acesso ao território tradicional que lhes foi roubado.

Não há nada na cultura indígena (material e espiritual) que os Kinikinau gostariam de mudar. Para eles, há de preservar, pois a cultura deles “veio dos antigos” (A. ROBERTO, 2017). O que eles gostariam de preservar para as próximas gerações são a produção de cerâmica, a Dança Kinikinau e a língua. Esses três itens culturais, conforme já dissemos neste capítulo, são as três principais ferramentas utilizadas pelos Kinikinau para lutar sua luta política.

Para encerrar essa parte do diagnóstico, apresentamos alguns pensamentos dos nossos entrevistados que representam o povo Kinikinau:

- “Eno kaliwôno akoti poke’exa” (Dona Flaviana Roberto);
- “É, nós semos um povo que nós tava extinto, mas a gente, hoje, tá em pé. Que nós saímos dentro dum rio que nós chama "Wakaxu". É isso que nós somos. E nós nos escondemo dentro do rio, baía, aí a gente nasceu, porque se escondeu quando veio adversário a gente se escondeu nesse rio. Quando a gente nasceu, já nasceu dentro da água, nós escondimos e já nascimos. Pode dizer que nós semos wakaxu é capivara, né, então nós entramos na água e saímos da água, nós escondimo dentro d'água, aí por isso que não foi extinto essa nossa etnia. O nosso forte foi a água.” (Sr. Manoel Roberto);
- “Eu acho que essa frase é de nós: Ser guerreiro e vencedor, porque com a nossa resistência, nós conseguimos voltar e estamos aí.” (Sr. Nicolau Flores).

Sobre as práticas de leitura e escrita entre os Kinikinau

As práticas de leitura e escrita existentes entre os Kinikinau são: cartas, bilhetes, jornais, revistas, cartazes, avisos, materiais religiosos (Bíblias, panfletos, hinários), histórias, mitos, anotações pessoais, relatórios de viagem e de reuniões, atas de reuniões, notícias, tarefas escolares, letras de música e livros. As cartas, os bilhetes, os cartazes, os avisos, as histórias, os mitos, as anotações pessoais, as tarefas escolares e os livros ocorrem em sua esmagadora maioria em Português. Os jornais, as revistas, os materiais religiosos, os relatórios de viagens e de reuniões, as atas de reuniões, as notícias e as letras de música ocorrem apenas em Português. Não há uma só prática de leitura ou de escrita que ocorra mais, igualmente ou apenas em Kinikinau

Sobre a aprendizagem da língua Kinikinau

A língua Kinikinau não é mais transmitida no âmbito familiar há pelo menos três gerações, ou seja, os mais velhos não ensinam os mais jovens o idioma ancestral dentro de casa há mais de 60 anos. O que se tem de aprendizagem da língua Kinikinau são as aulas semanais de língua Kinikinau na escola da aldeia São João, que são ministradas por um professor que não é falante. A escola é o único lugar, segundo os próprios Kinikinau, onde se tem, de alguma forma, o aprendizado da língua Kinikinau. E é somente a escola da São João. Nas escolas das outras aldeias onde há Kinikinau morando, como a aldeia Cabeceira ou aldeia Mãe Terra, não há a presença da língua Kinikinau. Vale ressaltar que as aulas de Kinikinau na escola da São João são bem recentes (menos de 15 anos).

Os Kinikinau não contam com nenhum material ou estratégia de revitalização da língua Kinikinau. Não há, segundo eles, nenhuma medida sendo feita para evitar a morte do idioma ancestral. Nem discutir medidas para salvar a língua Kinikinau eles não discutem nas reuniões internas da comunidade, conforme nossos entrevistados nos relataram, embora seja consenso entre eles da importância da língua Kinikinau e nenhum deles desejarem que a língua de seus antepassados deixe de ser falada.

Usos linguísticos dos Kinikinau no âmbito de várias situações comunicativas

O Português aparece exclusivamente nas seguintes situações comunicativas no seio da comunidade Kinikinau: nas cerimônias religiosas, nas pescarias, nas caçadas, nas brincadeiras das crianças, nas atividades da roça. A língua portuguesa aparece sozinha nas cerimônias religiosas porque os Kinikinau não contam com nenhum pastor falante de idioma e porque o padre que de vez em quando ia na São João era *puxarara* (obviamente não falava idioma). Nas pescarias e nas caçadas, a língua Kinikinau não aparece devido ao fato de essas atividades serem tarefas masculinas e hoje em dia não há nenhum falante de Kinikinau do sexo masculino. Nas atividades da roça, a ausência do idioma indígena se explica porque, como falamos na seção 3.1, todos os falantes de Kinikinau atualmente contam com idade bastante avançada (mais de 63 anos), o que lhes impossibilita o árduo trabalho nas roças, trabalho esse relegado aos mais jovens, que já não falam mais a língua Kinikinau.

Nas seguintes situações comunicativas, o Português aparece em concomitância com o Kinikinau, sendo a língua indo-europeia muitíssimo mais usada que a língua indígena: reuniões internas, reuniões com a participação de membros alienígenas à comunidade Kinikinau, nas festas tradicionais, na confecção de artesanato/cerâmica e nas rodas de mate e tereré. O idioma ancestral somente aparece nas situações descritas aqui se algum dos falantes estiver presente, e mesmo assim sua presença é muito tímida em relação à língua portuguesa.

Um fato interessante que nós temos para relatar é que todos os Kinikinau que nós entrevistamos, incluindo os semi-falantes fortes, fracos, lembradores e pessoas que desconhecem por completo a língua ancestral, todos admitiram já ter sonhado em Kinikinau, com eles falando no idioma indígena no sonho. Os falantes tendem a sonhar mais em Kinikinau, conforme eles nos disseram. Já o restante do povo tende a sonhar mesmo na língua portuguesa, mas não deixa de sonhar.

Os falantes que nós entrevistamos costumavam contar muitas histórias na língua Kinikinau para as gerações mais jovens, mas atualmente eles não contam mais. Hoje em dia os jovens não têm mais paciência para ouvi-los, conforme eles nos disseram. Quando eles começam a contar uma história, a juventude começa a rir deles. Por isso eles decidiram parar de contar histórias na língua ancestral para os jovens.

Usos linguísticos no âmbito das famílias Kinikinau

Apresentamos aqui uma tabela contendo todos os usos linguísticos descritos a partir da observação de cinco famílias Kinikinau: a família da Dona Flaviana Roberto (semi-falante forte), do Sr. Manoel Roberto (semi-falante fraco), da Dona Ágda Roberto (falante), do Sr. Naldemir Flores (lembrador) e do Sr. Nicolau Flores (desconhece totalmente a língua Kinikinau). Acreditamos que os usos linguísticos no âmbito dessas cinco famílias representem a realidade das famílias Kinikinau. Percebe-se claramente o quão tímida é a presença da língua Kinikinau no ambiente familiar e o quão forte é a presença do Português. Não há um só momento, mesmo nas famílias dos falantes, em que se usa somente ou com mais frequência a língua indígena.

TABELA 1 – USOS LINGUÍSTICOS NO ÂMBITO DAS FAMÍLIAS KINIKINAU

	SÓ LI	SÓ LP	LI = LP	MAIS LI	MAIS LP
Língua de interação entre marido e mulher					X
Língua de interação entre mãe e filhos			X		X
Língua de interação entre pai e filhos		X			X
Língua de interação entre avô e netos		X			
Língua de interação entre avó e netos					X
Língua utilizada durante as refeições					X
Língua utilizada nas brincadeiras infantis		X			
Língua utilizada nas brincadeiras tradicionais					X
Há alguma outra situação no âmbito de sua família que você deseje relatar?	NÃO.				

Fonte: dados do autor da dissertação.

Lugares onde os Kinikinau acham que poderiam usar a língua Kinikinau

Os Kinikinau acreditam que a língua Kinikinau poderia ser usada na escola, no lar, nos jogos de futebol, nas reuniões da comunidade (com ou sem presença de não-indígenas ou indígenas de outras etnias), nas idas à cidade (ex. Campo Grande, Miranda, Bonito), nas brincadeiras (tradicionais e não-tradicionais) das crianças, nas festas da comunidade (como o Dia do Índio), na igreja, nos trabalhos da roça, nas pescarias, nas caçadas, na confecção de artesanato, nas rodas de mate ou tereré, no comércio (para comunicarem entre si) e nas instituições do Governo. Hoje como a língua Kinikinau goza de grande prestígio e é vista com bons olhos por esses indígenas, não há nenhum ambiente específico onde eles achem que a língua ancestral não poderia ser usada. Aqui temos fio alentador para se pensar em uma política linguística voltada para a revitalização da língua Kinikinau.

Com quem os Kinikinau gostariam de conversar em Kinikinau

Segundo os nossos colaboradores, eles gostariam de conversar no idioma ancestral, tanto os falantes como os não-falantes, se o soubessem, com os professores da comunidade, com sua família de modo geral – pai, mãe, irmãos, irmãs, primos, marido, esposa, filhos – com os colegas da escola, com os amigos em geral e com outros Kinikinau que eles não conhecessem. Os falantes que nós entrevistamos nos disseram que hoje em dia eles não conversam com mais frequência em Kinikinau porque é difícil encontrar um outro falante ou uma pessoa que entenda tudo o que eles falam no idioma (semi-falante forte). Já os não-falantes nos disseram que se eles soubessem ou aprendessem a falar o idioma, só conversariam em Kinikinau com qualquer outra pessoa que também falasse ou entendesse a língua ancestral. Essa informação é outro fio alentador para se pensar em uma política linguística voltada para a revitalização da língua Kinikinau.

3.8 Considerações parciais

A língua Kinikinau é uma língua da família Aruák (AIKHENVALD, 1999), geneticamente muito próxima da língua Terena, porém constituindo-se como uma língua independente, e não como dialeto desta.

A língua Kinikinau é uma língua moribunda, a ponto de deixar de ser falada. Possui atualmente menos de sete falantes, que, todavia, se encontram divididos, morando em aldeias diferentes. Além desses falantes, a língua Kinikinau conta com aproximadamente 20 semi-falantes (fortes ou fracos) e entre 50 e 150 lembradores.

A língua Kinikinau encontra-se atualmente em um nível crítico de vitalidade (estágio moribundo), e o que ocasionou tal situação foi o roubo do território tradicional desses indígenas nas margens do córrego Agachi por agentes do Estado brasileiro. A partir desse momento, a língua Kinikinau perde sua função social e comunicativa para esses indígenas, pois então eles foram expulsos de seu território tradicional e deportados para territórios de

outras etnias indígenas (Terena e Kadiwéu) ou para centros urbanos ou colônias agrícolas. Desse modo, eles tiveram que adotar uma língua de sobrevivência, que no caso foi a língua portuguesa. A língua Kinikinau teve que ficar silenciada, até que o momento propício surgisse, e ela pudesse voltar a ser falada. Esse momento propício surgiu (final de década de 1990), contudo os Kinikinau haviam tido que negociar muitas perdas para continuarem resistindo e existindo enquanto povo. A língua Kinikinau segue sendo falada, segue existindo, mas para que ele volte a ser falada em toda sua potencialidade comunicativa, é necessário que os Kinikinau adotem uma política linguística voltada para a revitalização da língua Kinikinau. Caso contrário, a língua indígena constará como mais um item na longa lista de perdas negociadas pelos Kinikinau para continuarem existindo enquanto povo indígena.

A língua Kinikinau tem de tudo para passar por um processo de revitalização e voltar a ser falada em sua total potencialidade comunicativa e ocupar ambientes de uso que eram ocupados no passado como ambientes novos que a modernidade trouxe. Contudo, os Kinikinau, embora se apresentem dispostos para pensar e pôr em prática tal política linguística, colocam a questão do território tradicional na frente da questão linguística, no sentido de que é preciso resolver primeiro a questão fundiária para enfrentar o problema da revitalização do idioma ancestral. Contudo, trata-se de duas problemáticas conectadas, elas não são excludentes. É perfeitamente possível sim os Kinikinau encararem a questão da língua Kinikinau antes ou concomitantemente a questão do território. Uma questão não anula ou enfraquece a outra. E caso os Kinikinau queiram manter sua língua ancestral viva, sendo falada, urge que eles encarem para já a questão da língua com o mesmo vigor que encaram a questão do território, caso contrário a língua Kinikinau morrerá.

CAPÍTULO 4

PROPOSTA DE REVISÃO DA FONOLOGIA DA LÍNGUA KINIKINAU

4.1 Considerações iniciais

A tese de doutorado da professora Ilda de Souza (2008) é o primeiro trabalho, e até agora único, a abordar de forma preliminar a organização dos sons da língua Kinikinau, isto é, seu sistema fonológico. Para lograr tal desiderato, Souza segue uma orientação *pikeana*⁴⁴. O trabalho apresenta algumas lacunas, apontadas pela própria autora, como a descrição do acento nessa língua, o qual ela suspeita ser tonal. Outros fenômenos produtivos na fonologia da língua Kinikinau, como ensurdecimento de sílabas pós-tônicas, “rinoglotofilia”⁴⁵, sonorização de consoantes em contexto intervocálico (*e.g.* [k] > [g] / V_V), sonorização da fricativa glotal surda [h] em início de palavra, redução vocálica, silabificação de consoantes, entre outros, não foram abordados em sua tese, talvez por conta da metodologia adotada na ocasião, o que impediu que tais fenômenos pudessem ser percebidos, descritos e interpretados⁴⁶.

Neste capítulo, propomos uma revisão da proposta de descrição da fonologia da língua Kinikinau feita por Souza (2008). Por revisão entende-se que concordamos com aspectos da proposta da autora, porém acreditamos que alguns pontos de sua análise são passíveis de

44 Esse tipo de análise produz explicações apenas no nível do segmento, pois é fundamentada numa visão estruturalista da língua. Sua principal consideração para a elaboração do quadro fonológico da língua é o reconhecimento do fonema como uma unidade mínima que distingue significados e passível de realizações fonéticas distintas dado ao ambiente em que ocorre, o que limita a interpretação fonológica de uma língua apenas ao que a Fonética Articulatória, a partir de um estudo de oitiva, é capaz de apresentar. Processos fonológicos que não são tão sensíveis ao ouvido humano, sobretudo quando se trata de uma língua para qual o pesquisador não produz intuição, não são postos em evidência nessa proposta metodológica para a compreensão mais aprofundada da organização dos sons de uma dada língua.

45 “Rinoglotofilia” é o nome dado ao fenômeno em que uma determinada vogal é pronunciada com véu palatino abaixado, devido a alguma motivação nasal provocada por uma consoante adjacente (*ex.* [ʔ] e [h]) (COUTO, 2016).

46 Pretendemos tratar desses fenômenos em Kinikinau em uma abordagem baseada na Fonética Acústica-Experimental e na Fonologia Métrica em trabalhos futuros.

reanálise, à luz de novos dados linguísticos e com outras abordagens teórico-metodológicas. Um dos pontos que concordamos com Souza (2008) é o inventário fonêmico levantado por ela para a língua Kinikinau. Concordamos que a língua Kinikinau tenha os seguintes fonemas (SOUZA, 2008): /p t k ʔ s ʃ h m n l r w j i e a o u/. Em relação aos pontos que pensamos que merecem uma abordagem alternativa, estão a descrição do acento (se se trata aqui de uma língua tonal ou não) e o papel do alongamento das vogais na fonologia da língua.

Buscamos empreender aqui uma discussão preliminar sobre o acento em Kinikinau, reunindo evidências de que não se trata de uma língua tonal, mas sim de uma língua entoacional cujo principal correlato acústico da proeminência silábica é a duração (alongamento) da vogal tônica. Para tal, valemo-nos da Fonética Acústica-Experimental, com o uso de espectros gerados pelo *software PRAAT* como recurso metodológico e técnico para a análise de dados, com vistas a tornar a nossa descrição mais clara e concreta. Como referencial teórico para nossa análise acústica, utilizamos os trabalhos de Couto (2016)⁴⁷ e Ladefoged (1995, 2005). Também foi de fundamental importância para a discussão preliminar que realizamos os conceitos da Fonologia Métrica, conforme exposto por Hayes (1981, 1991, 1995).

A análise preliminar de Souza (2008) é baseada numa hipótese resultante de uma escolha metodológica para a interpretação fonológica da língua que inviabilizou a percepção daquilo que o ouvido humano não consegue captar e o cérebro processar em um nível mais seguro e evidente, como se acreditou que fosse. Por isso, escolhemos usar o *PRAAT*, para que fosse possível um estudo mais detalhado das propriedades acústicas do som, algo que só com o conhecimento articulatorio dos sons não parece ser feito com um nível de segurança desejado. Nesse caso, as hipóteses formuladas por Souza (2008) com relação ao tom em Kinikinau podem ter se resultado da adoção de uma metodologia ainda muito convencional para os estudos de línguas naturais, mas que se constitui num passo necessário para o teste e a experimentação de outras possibilidades de interpretação a partir de um estudo acústico viabilizado pelo *PRAAT*, que é o que fazemos aqui.

Os dados linguísticos usados por nós foram gravados com a fundamental colaboração de Dona Zeferina Moreira, a principal falante da língua Kinikinau, que atualmente está com

47 A descrição da fonologia da língua Manxineru feita por Couto (2016) foi de fundamental importância para a elaboração deste capítulo.

mais de 80 anos. Os dados foram gravados durante nossos trabalhos de campo, na casa da colaboradora, em ambiente o mais controlado possível. Utilizamos um gravador digital Tascam DR-100MKII e um microfone *headworn* Audix HT5, e nos referenciamos em listas de palavras previamente elaboradas para a coleta de dados, quais sejam: lista do ASLIB de 216 palavras, lista do Museu Goeldi de 308 palavras, lista de Swadesh de 100 e 207 palavras, lista de Swadesh-Rowe de 373 palavras. Após gravar essas listas com Dona Zeferina, fizemos uma seleção dos dados que julgamos serem os mais adequados para a discussão preliminar sobre o acento em Kinikinau e os gravamos novamente em nossa última ida a campo (agosto de 2017). Seguimos a seguinte metodologia para a gravação dos dados: perguntávamos para a Dona Zeferina, na língua indígena, como se falava tal palavra em Kinikinau (*kutxi keha* _____ *koinokunaen?*⁴⁸), em seguida, perguntávamos novamente para ela como se dizia a palavra (*kutxia?*), de forma que pudéssemos obter no mínimo duas vezes o mesmo dado linguístico.

Neste capítulo, portanto, apresentamos um resumo da proposta de descrição da fonologia da língua Kinikinau de Souza (2008) e uma discussão acerca do acento na língua Kinikinau, após reunirmos evidências de que não se trata de uma língua tonal. Por fim, realizamos uma descrição da duração vocálica, à luz dos estudos de fonologia métrica, o que nos parece mais adequado para a compreensão deste fenômeno nessa língua.

4.2 A proposta de Souza (2008) para a fonologia da língua Kinikinau

Souza (2008) descreve os seguintes fones consonantais para a língua Kinikinau: [p], [mb], [m], [w], [v], [t], [s], [nd], [nz], [n], [l], [r], [tʃ], [ʃ], [nʒ], [ɲ], [j], [k], [ŋg], [ʔ] e [h]. Para uma melhor visualização, dispomos os fones consonantais no quadro 2, a seguir:

48 Neste capítulo usamos o sistema de ortografia Kinikinau para as palavras pertencentes à língua que aparecem em itálico no texto.

Quadro 2 – Fones consonantais da língua Kinikinau, segundo Souza (2008)

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p] [mb]		[t] [nd]		[k] [ŋg]	[ʔ]
Africada				[tʃ]		
Fricativa		[v]	[s] [nz]	[ʃ] [nʒ]		[h]
Nasal	[m]		[n]	[ɲ]		
Lateral			[l]			
Tepe			[r]			
Aproximante	[w]			[j]		

Em relação à distribuição dos fones, Souza (2008) aponta que [p], [t], [k], [v], [s], [ʃ], [h], [m], [n], [ɲ], [l] e [r] ocorrem em fronteira inicial de palavra e sílaba, antecedendo vocóide; [ʔ] ocorre em fronteira inicial de sílaba, principalmente no interior de palavra, em ambiente intervocálico; [tʃ] ocorre diante de vocóide [+ anterior, + alto]; [mb], [nd], [ŋg], [nz] e [nʒ] ocorrem em fronteira inicial de palavra e de sílaba, precedido silêncio ou por vocóide nasalizado. Por fim, [j] e [w] ocorrem em fronteira inicial e final de palavra e de sílaba, contíguo à vocóide.

Quanto aos fones vocálicos, Souza (2008) descreve os seguintes: [i], [ĩ], [e], [ẽ], [ɛ], [ɨ], [a], [ã], [u], [ũ], [o], [õ] e [õ], os quais podem ser visualizados no quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Fones vocálicos da língua Kinikinau segundo Souza (2008)

	Anterior		Central		Posterior	
	não-arredondado		não-arredondado		arredondado	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alto	[i]	[ĩ]	[ɨ]		[u]	[ũ]
Médio	[e]	[ẽ]			[o]	[õ]
Médio aberto	[ɛ]				[ɔ]	
Baixo			[a]	[ã]		

No tocante à distribuição dos fones vocálicos, Souza (2008) considera que os fones [i], [e], [ɛ], [a], [o], [ɔ], [u] ocorrem em núcleos silábicos, em posição inicial e não-inicial de palavra. Os fones [ĩ], [ũ], [ẽ], [õ] e [ã] ocorrem também em núcleos silábicos, mas contíguos à consoante nasal. Por fim, o fone [ɨ] ocorre em núcleo silábico, precedido ou procedido de [h].

Em sua interpretação fonológica, Souza (2008) descreve 13 fonemas consonantais: /p/, /m/, /w/, /t/, /s/, /n/, /l/, /r/, /ʃ/, /j/, /k/, /ʔ/ e /h/. Os fonemas /p/, /t/, /k/, /ʃ/ e /h/ possuem, respectivamente, os seguintes alofones, com os fones pré-nasalizados ocorrendo como epifenômeno na presença do morfema de concordância de primeira pessoa, que é um traço flutuante [+ nasal], e os fones orais ocorrendo nos demais ambientes (n.d.a): [p], [mb]; [t], [nd]; [k], [ŋg]; [ʃ], [nʒ]; [h], [nz]. O fonema /ʃ/, além dos alofones [ʃ] e [nʒ], e ainda [tʃ], que varia livremente com [ʃ]; /w/ possui dois alofones em variação livre, [w] e [v]. /j/ possui dois alofones distribuídos em distribuição complementar – [j] e [j̃] –, em que [j̃] ocorre em adjacência à [+ nasal] e [j] nos demais ambientes. Mostramos a seguir um quadro com os fonemas consonantais da língua Kinikinau, de acordo com Souza (2008):

Quadro 4 – Fonemas consonantais da língua Kinikinau segundo Souza (2008)

	Bilabial	Alveolar	Alv. Palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/			/k/	/ʔ/
Fricativa		/s/	/ʃ/			/h/
Nasal	/m/	/n/				
Lateral		/l/				
Tepe		/ɾ/				
Aproximante	/w/			/j/		

Souza (2008) descreve a estrutura silábica do Kinikinau como (C)V(C), em que é predominante o padrão CV. Apenas as consoantes /j/ e /w/ podem travar sílabas, e estas possuem baixíssima ocorrência na língua.

Souza (op. cit.) descreve 5 fonemas vocálicos para o Kinikinau, com a seguinte distribuição alofônica resultante de um processo morfológico: /i/ se realiza como [i] contíguo a /h/, [ĩ] contíguo ao morfema de primeira pessoa ou de consoante nasal e [i] n.d.a.; /e/ se realiza como [ê] quando contíguo ao morfema de primeira pessoa ou de consoante nasal e [e] ~ [ɛ] n.d.a.; /a/ possui o alofone [ã] contíguo ao morfema de primeira pessoa ou consoante nasal e [a] n.d.a.; /o/ possui o alofone [õ] quando contíguo ao morfema de primeira pessoa ou consoante nasal e [o] ~ [ɔ] n.d.a.; e /u/ possui [ũ] contíguo ao morfema de primeira pessoa ou consoante nasal e [u] n.d.a. A seguir, apresentamos no quadro 5 os fonemas vocálicos do Kinikinau segundo Souza (2008):

Quadro 5 – Fonemas vocálicos da língua Kinikinau segundo Souza (2008)

	Anterior	Central não-arredondado	Posterior arredondado
Alto	/i/		/u/
Médio	/e/		/o/
Baixo		/a/	

Em relação ao tom e ao alongamento, Souza (2008, p. 63) considera que “a língua Kinikinau apresenta variação tonal no nível lexical, mas ainda não se sabe se é ou não previsível”. Ela sugere que o tom não seja previsível e que há alongamento de vogais que evidencia uma língua tonal:

- (60) a. [i:ma] [ka- ima -ti]
marido verbz- marido imperf.
‘marido’ ‘ela é casada’ (SOUZA, 2008, p. 63)

Avançando em sua análise sobre um possível sistema tonal da língua Kinikinau, Souza (2008, p. 64) nos observa que:

a língua Kinikinau tem vogais alongadas que sempre carregam, quando presente, um contorno tonal. Se um prefixo é agregado, o contorno é desfeito e a vogal torna-se curta. Este fato indica uma língua tonal, com associação de tons da direita para a esquerda, sendo que se a quantidade de sílabas não for suficiente para a quantidade de tons presentes, a vogal mais à esquerda é alongada (SOUZA, 2008, p. 64).

Souza (2008) ainda observa que as vogais alongadas sempre ocorrem do lado esquerdo da palavra, o que constituiria mais uma evidência para sua análise de tom em Kinikinau. A seguir, apresentamos os exemplos dados por Souza para ilustrar sua análise:

- (61)
- | | | |
|----|---------|----------------------------------|
| a. | [ki:ri] | ‘nariz dele/a’ |
| b. | [hɛ:wɛ] | ‘pé dele/a’ |
| c. | [tu:ti] | ‘cabeça dele’ |
| d. | [hu:ra] | ‘barriga dele’ |
| e. | [ɛ:ka] | ‘bebida dele’ |
| f. | [ka:mɛ] | ‘abóbora’ |
| g. | [i:hɛ] | ‘o nome dele’ |
| h. | [i:ti] | ‘você’ |
| i. | [u:ti] | ‘nós’ |
| j. | [pi:kɔ] | ‘ele tem medo’ |
| k. | [mo:mi] | ‘ele está cansado’ (2008, p. 64) |

Contudo, há casos em que o alongamento é deslocado para a direita, devido ao acréscimo de certos sufixos, mas a interpretação fonológica da língua proposta por Souza a impede de explicar a ocorrência desse fenômeno. Os exemplos que ela apresenta são os seguintes:

- (62)
- | | | |
|----|----------------|---------------------|
| a. | [ki:ri] | [kiri:ti] |
| | ‘nariz dele/a’ | ‘nariz de alguém’ |
| b. | [hɛ:wɛ] | [hɛwɛ:ti] |
| | ‘pé dele/a’ | ‘pé de alguém’ |
| c. | [mu:jɔ] | [mujɔ:ti] |
| | ‘corpo dele’ | ‘corpo de alguém’ |
| d. | [hu:ra] | [hura:ti] |
| | ‘barriga dele’ | ‘barriga de alguém’ |
| e. | [ka:kɛ] | [kake:ti] |
| | ‘brinco dela’ | ‘brinco de alguém’ |
| f. | [ɛ:ka] | [ɛka:ti] |

‘bebida dele’ ‘bebida de alguém’ (Souza, 2008, p. 64-65)

Souza (2008) ainda nos mostra, em sua análise apoiada na hipótese da existência de um sistema tonal na língua Kinikinau, que há alguns contrastes com relação às vogais longas, o que em sua visão poderia sugerir um contraste tonal e não de vogais longas. Porém, a autora não analisa esses contrastes como contrastes entre vogais longas; pois, para ela, o alongamento não é uma propriedade intrínseca da vogal. Ele se desloca pela palavra carregando um contorno tonal. Os exemplos que ela dá são os seguintes:

(63)	a.	[hipə]	[hi:pə]
		‘cigarro’	‘unha’
	b.	[iti]	[i:ti]
		‘sangue’	‘você’
	c.	[nənɛti]	[nɔnɛ:ti]
		‘planta’	‘rosto’
	d.	[ɛnɔ]	[ɛ:nɔ]
		‘mãe’	‘bastante’
	e.	[nɛnɛ]	[nɛ:nɛ]
		‘mentira’	‘língua’
	f.	[jɛnɔti]	[jɛnɔ:ti]
		‘tua esposa’	‘você vai viajar?’ (Souza, 2008, p. 65)

Souza (2008) também descreve o processo de harmonia vocálica em Kinikinau, mostrando as várias regras de assimilação vocálica regressiva que não estão presentes no Terena. Por exemplo, uma vogal qualquer pode tornar-se [i] antes de /i/, e a vogal /u/ torna-se [o] quando for seguida de /o/. Souza (idem) afirma ainda que há uma regra categórica de assimilação regressiva de /o/ em [a]. Ela acredita que esses processos de assimilação vocálicas presentes no Kinikinau, e que parecem não estar presente no Terena, sejam influências da língua Kadiwéu.

Por último, findando sua análise sobre o sistema fonológico da língua Kinikinau, Souza (2008) traz uma nota sobre a ortografia dessa língua, esclarecendo que ela é baseada na ortografia da língua Terena, com exceção do grafema Terena <v> que no alfabeto Kinikinau é representado por <w>.

No capítulo sobre a morfologia (capítulo 3 de sua tese), Souza (2008) descreve um processo morfofonológico extremamente produtivo e importante para a língua Kinikinau. Trata-se do processo de marcação de pessoa e número em nomes e verbos, que segue exatamente a mesma regra do Terena. Segundo Souza (2008), em Kinikinau:

A terceira pessoa é não-marcada, a primeira pessoa do singular é marcada por um traço [+ nasal], a primeira pessoa do plural é marcada pela prefixação de {w-} à raiz verbal e a segunda pessoa (singular e plural) é marcada pela prefixação de {y-} à raiz verbal. (SOUZA, 2008, p. 102).

Desse modo, a primeira pessoa é marcada pela nasalização de todas as vogais e semivogais da esquerda para a direita das formas verbais e nominais, até que seja bloqueada por uma consoante oclusiva ou fricativa. Alguns exemplos dados por Souza (2008, p. 102-104) para ilustrar sua descrição são:

(118)	Forma não-marcada	Primeira Pessoa Sg.
c.	ni- -k -o -ti comer -ct -ind -imperf 'ele está comendo'	ni- -ng -o -ti comer -1sg.ct -ind -imperf 'eu estou comendo'
(119)	Forma não-marcada	Primeira Pessoa Sg.
b.	omo -ne trazer -pont 'ele trouxe'	õmõ -nẽ 1sg.trazer -pont 'eu trouxe'
(120)	Forma não-marcada	Primeira Pessoa Sg. Glosa

a.	ûke	ûnge	‘meu olho’
b.	hêwe	njêwe	‘meu pé’
c.	poynu	mboynu	‘meu irmão/irmã’
d.	ha’a	nza’a	‘meu pai’

A primeira pessoa do plural é marcada pelo morfema {w-}. Se a raiz nominal/verbal for iniciada por consoantes, há uma regra que apaga o fonema /w/, visto que a língua Kinikinau não admite encontros consonantais. Nesses casos, quando ocorre o apagamento de /w/, há uma preferência para não se omitir o argumento pronominal *ûti*. Alguns exemplos dados por Souza (2008, p. 104-105) são:

(121)	Forma não-marcada	Primeira Pessoa Pl.
a.	imo-k-o-ti kaliwôno	w-imo-k-o-ti
	dormir-ct-ind-imperf criança	1pl-dormir-ct-ind-imperf
	‘a criança está dormindo’	‘nós estamos dormindo’

(122) a.	koepe	-k	-o	-a	ûti	koexo’oketi
	matar	-ct	-ind	-obj	1pl	barata
	‘nós matamos a barata’					

O morfema de segunda pessoa é {j-}. Como no caso do morfema de primeira pessoa plural, há um processo fonológico de apagamento de um segmento consonantal antes de outro segmento consonantal, visto que, como já mencionamos anteriormente, a língua Kinikinau não aceita encontros consonantais. Porém, o segmento /j/ é apagado, mas seus traços [-posterior] e [+alto] permanecem e causam alternância vocálica na primeira vogal da raiz nominal ou verbal. Note-se que se a primeira vogal da raiz for /i/, já possuidora dos traços [-posterior] e [+alto], é a segunda vogal da raiz que sofrerá o processo de alternância vocálica. Souza (2008, p. 105) oferece o seguinte esquema para sintetizar a marcação de segunda pessoa descrita acima:

Se V1 [+ post] → [- post]

Se V1 [- post, - alta] → [+ alta]

Se V1 [-post, + alta] → traços se espalham para V2

Alguns exemplos dados por Souza (2008, p. 106-107) são:

(123)	Forma não-marcada	Segunda Pessoa Sg.
b.	ore -k -o -ti beber -ct -ind -imperf 'ele está bebendo'	y- ore -k -o -ti 2sg- beber -ct -ind -imperf 'você está bebendo'

(124)	Forma não-marcada	Segunda Pessoa Sg.
a.	sim -o -ne chegar -ind -pont 'ele já chegou'	sime -ne chegar.2sg -pont 'você já chegou'

c.	imo -k -o dormir -ct -ind 'ele dormiu'	ime -k -o dormir.2sg -ct -pont 'você dormiu'
----	--	--

(125)	Forma não-marcada	Segunda Pessoa	Glosa
a.	ûke	y-ûke	'teu olho'
b.	owoku	y-owoku	'tua casa'
c.	amori	y-amori	'teu neto'

(126)	Forma não-marcada	Segunda Pessoa Sg	Glosa
a.	kenôti	kinôti	'tua orelha'

constituiria em um argumento a favor para analisar a língua Kinikinau como tonal. Os exemplos que ela dá são os seguintes:

- (61)
- | | | |
|----|---------|----------------------------------|
| a. | [ki:ri] | ‘nariz dele/a’ |
| b. | [hɛ:wɛ] | ‘pé dele/a’ |
| c. | [tu:ti] | ‘cabeça dele’ |
| d. | [hu:ra] | ‘barriga dele’ |
| e. | [ɛ:ka] | ‘bebida dele’ |
| f. | [ka:mɛ] | ‘abóbora’ |
| g. | [i:hɛ] | ‘o nome dele’ |
| h. | [i:ti] | ‘você’ |
| i. | [u:ti] | ‘nós’ |
| j. | [pi:kɔ] | ‘ele tem medo’ |
| k. | [mo:mi] | ‘ele está cansado’ (2008, p. 64) |

Para nós, aqui temos outro ponto passível de revisão, pois em nossa visão alongamento vocálico, independentemente da posição da sílaba alongada no interior da palavra, não implica necessariamente em um sistema tonal, ou seja, o fato de uma língua possuir vogais alongadas não quer dizer que ela seja tonal. Uma coisa não leva necessariamente à outra. Por exemplo, há línguas tonais, como o Tikuna, que não apresentam alongamento vocálico (SOARES, 1984, 2000); como há línguas que apresentam alongamento vocálico e que não são tonais, como o Manxineru. (COUTO, 2016).

Outro ponto passível de revisão nesses exemplos dados por Souza (2008) é que analisando-os no *PRAAT*, podemos ver que a vogal alongada não carrega um contorno tonal como postulado por Souza, assim como nós entendemos contorno tonal, um termo muito utilizado na Fonologia Suprasegmental para designar tons em línguas tonais cuja principal característica é a direção do movimento tonal em vez do nível relativo do tom. O Tailandês é o exemplo clássico de uma língua com contorno tonal. Desse modo, temos uma divisão dentro

das línguas tonais entre línguas de contornos tonais x línguas de tons de registro⁴⁹ (CRYSTAL, 2009).

Apresentamos o espectrograma da palavra *hewe* ‘pé dele/a’:

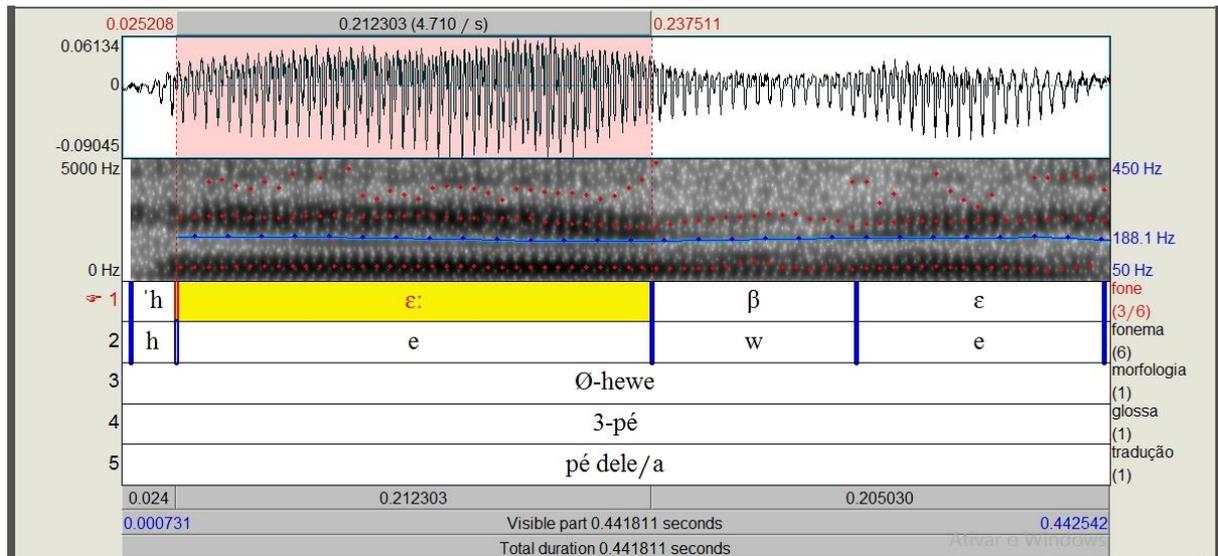


Figura 1 – espectrograma e forma de onda de banda larga da pala *hewe* ‘pé dele/a’.

Como podemos observar no espectrograma, Souza (2008) acertou em sua transcrição baseada somente em oitiva em marcar a primeira vogal de *hewe* como longa⁵⁰. A duração que o *PRAAT* dá para a vogal [ε:]⁵¹ é 0,212 segundos⁵². Apenas por didatismo, para não termos dúvidas de que essa vogal é alongada, basta compararmos sua duração com a duração da vogal [ε], de duração de 0,110 segundos. Contudo, se Souza (2008) conseguiu apenas de oitiva perceber uma vogal longa na penúltima sílaba dessa palavra, ela parece ter se equivocado ao sugerir que essa vogal foneticamente longa carregue consigo um contorno tonal. O *pitch* médio que o *PRAAT* dá para [ε:] é de 188,105 Hz. O *pitch* máximo é de 195.181 Hz e o mínimo é de 179.097 Hz. Isso representa uma variação de 16,085 Hz, o que, em nossa visão, não se constituiria em um contorno tonal (decrecente). A seguir

⁴⁹ *Register tone language* no original.

⁵⁰ A fricativa bilabial sonora [β] não aparece na transcrição de Souza (2008), pois ela não conseguiu identificar de oitiva esse fone.

⁵¹ Altura dos formantes de [ε:]: F1 = 545,003 Hz, F2 = 2506,006 Hz. Intensidade: 64,010 dB.

⁵² Nos valores fornecidos pelo *PRAAT* para duração, *pitch*, intensidade e para os formantes, nós selecionamos apenas as três primeiras casas decimais.

apresentamos o contorno de *pitch* da palavra *hewe*, também dado pelo *PRAAT* para ilustrar melhor a nossa posição aqui de que os exemplos dados por Souza (2008) não possuem um contorno tonal. A parte seleccionada corresponde a vogal [ɛ:]:

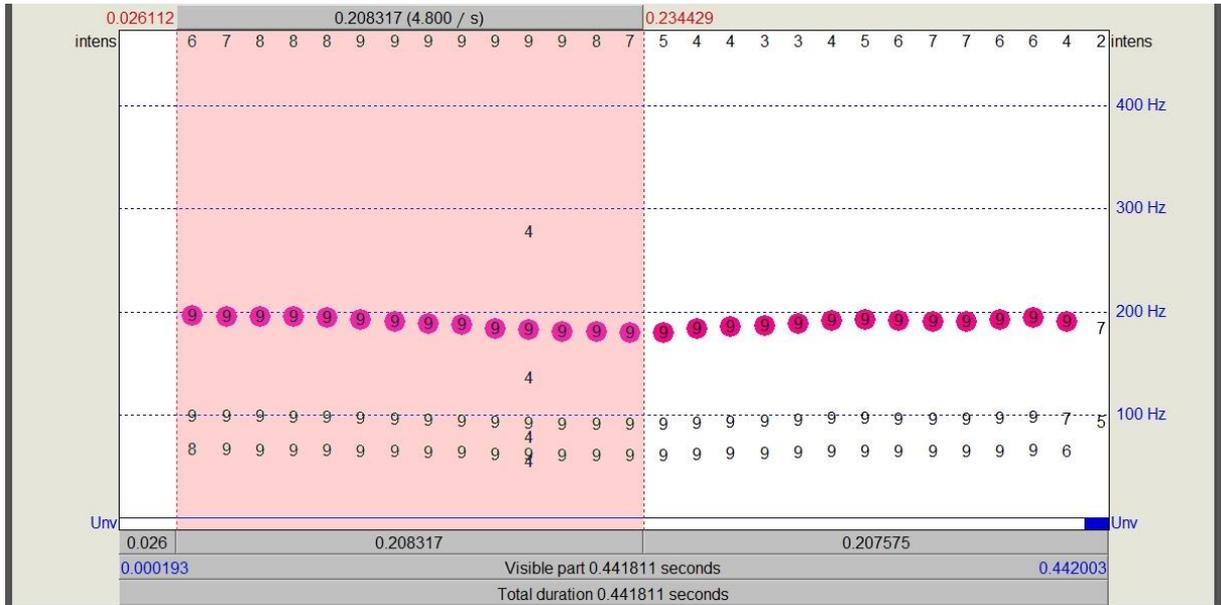


Figura 2 – contorno de *pitch* da palavra *hewe* ‘pé dele/a’.

Outro exemplo dado por Souza (2008) que, segundo ela, possuiria um contorno tonal é a palavra *ûti* ‘nós’. Apresentamos a seguir o espectrograma da referida palavra:

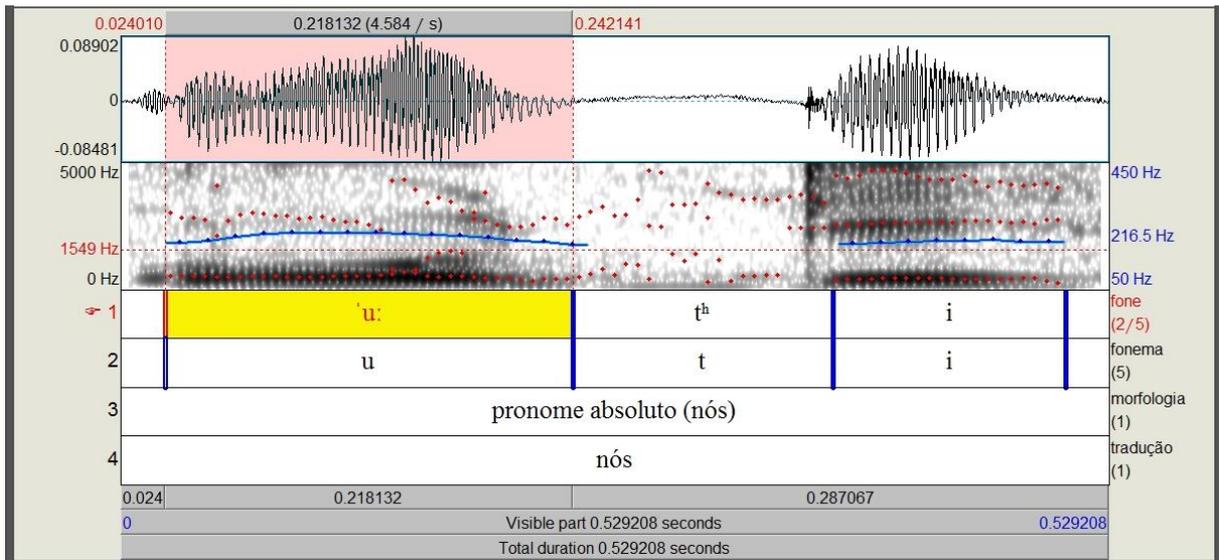


Figura 3 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ûti* ‘nós’.

Aqui nós destacamos novamente o fato de que Souza conseguiu, baseada apenas em oitiva, perceber as vogais foneticamente longas do Kinikinau, conforme a transcrição que ela dá para essa palavra: [u:ti]⁵³. A duração da vogal [u:]⁵⁴ é de 0,218 segundos, ao passo que a da vogal [i] é de 0,124 segundos. Contudo, não conseguimos perceber, baseados não apenas em oitiva, mas também nos espectrogramas do *PRAAT*, o contorno tonal que Souza afirma que essa palavra possui. O *pitch* médio [u:] é de 216,470 Hz. O *pitch* máximo é de 229,024 Hz e o *pitch* mínimo é de 192,734Hz. Isso representa uma variação de 36,290 Hz, o que, em nossa visão, não se constituiria em um contorno tonal (crescente). Vale destacar que no exemplo anterior, *hewe*, a curva de *pitch* da vogal longa é decrescente e que aqui ela é crescente, continuando a não se constituir, para nós, um contorno tonal. A seguir, apresentamos o contorno de *pitch* da palavra *ûti*, também extraído pelo *PRAAT*, para ilustrar melhor a nossa posição aqui de que os exemplos dados por Souza (2008) não possuem um contorno tonal. A parte selecionada corresponde a vogal [u:]

⁵³ Souza (2008), em suas transcrições de oitiva, não percebeu o fone aspirado [tʰ].

⁵⁴ Altura dos formantes de [u:]: F1 = 485,935 Hz, F2 = 2329,709 Hz. Intensidade: 63,734 dB.

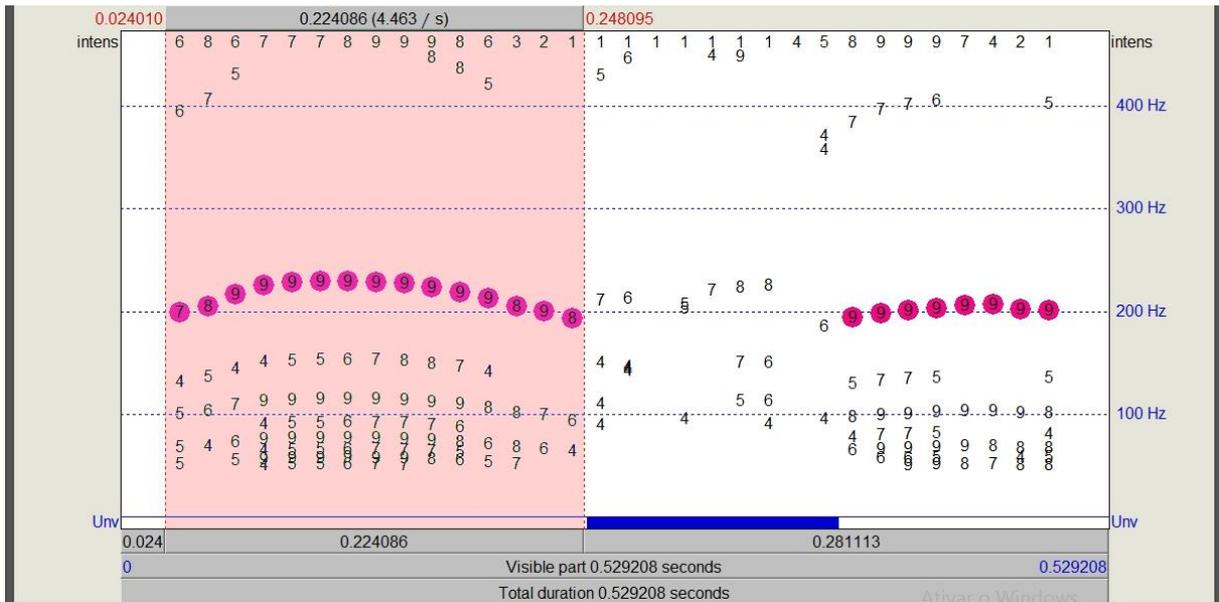


Figura 4 – contorno de *pitch* da palavra *úti* ‘*nós*’.

Souza (2008), prosseguindo em sua análise, assume que há casos em que o alongamento da vogal é deslocado para a direita, devido ao acréscimo de certos sufixos, e que ela não pode explicar ainda esse fenômeno. Esse deslocamento do alongamento será melhor tratado por nós na próxima seção deste capítulo, onde discutimos o papel do alongamento vocálico na fonologia da língua Kinikinau e o sistema de acento da língua, respectivamente. Aqui, contudo, mostramos, até para reforçar a nossa hipótese de que a língua Kinikinau não é tonal, que mesmo nesses casos em que o alongamento é deslocado, a vogal alongada continua sem carregar um contorno tonal. A seguir, apresentamos o espectrograma da palavra *hurati* ‘*barriga de alguém*’:

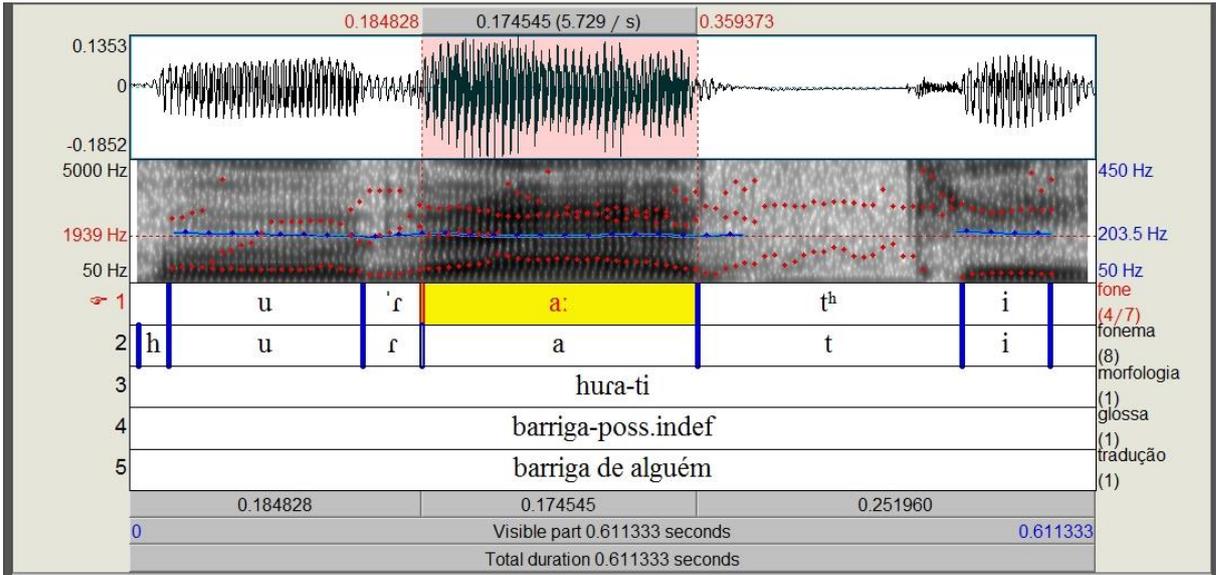


Figura 5 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hurati* ‘barriga de alguém’.

A vogal [a:]⁵⁵ realmente é longa, como Souza a transcreveu, baseada apenas em oitava: [hu.ra.ti]. Sua duração é de 0,174 segundos, o que lhe caracteriza como longa (as durações de [u] e [i] são, respectivamente, 0,122 e 0,055 segundos). O *pitch* médio é de 203,473 Hz, sendo o *pitch* máximo 209,024 Hz e o mínimo 200,344 Hz, o que dá uma variação de 8,680 Hz. Isso, em nossa visão, não se constitui um contorno tonal. A seguir, para dar maior peso à nossa posição, mostramos a curva de *pitch* da palavra *hurati* extraída no *PRAAT*. A parte selecionada sinaliza a vogal [a:]

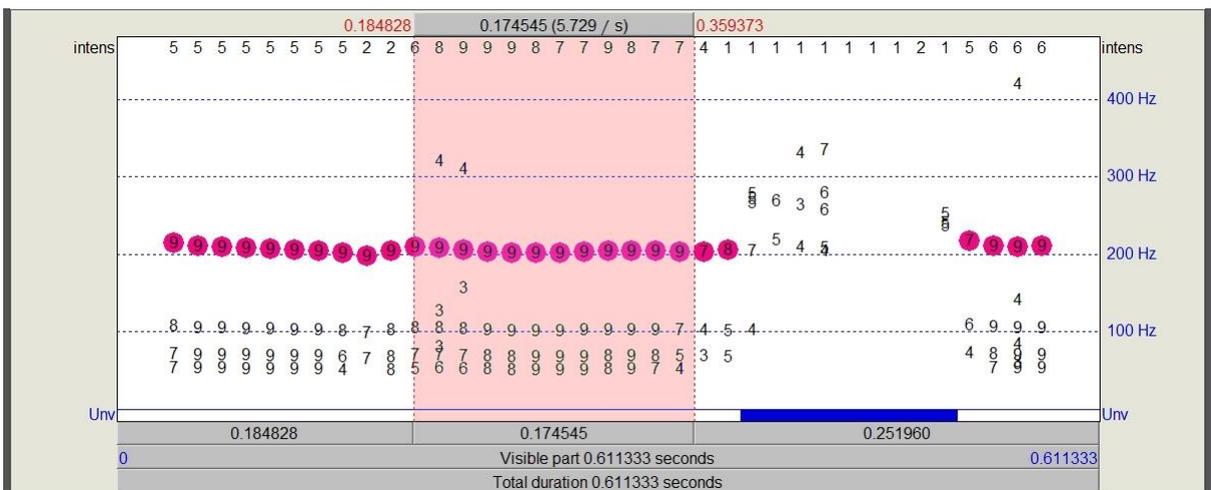


Figura 6 – contorno de *pitch* da palavra *hurati* ‘barriga de alguém’.

⁵⁵ Altura dos formantes de [a:]: F1 = 849,396 Hz, F2 = 2447,596 Hz. Intensidade: 68,558 dB.

Por fim, concluindo sua análise em favor da proposta de um sistema tonal em Kinikinau, Souza (2008) oferece uma série de pares mínimos contendo vogais longas e breves que, segundo ela, se constituiria não em pares mínimos vogal alongada x vogal curta, mas em pares mínimos tonais, com contornos tonais se opondo a tons nível. Reproduzimos novamente esses possíveis pares mínimos tonais:

(63)	a.	[hipə]	[hi:pə]
		‘cigarro’	‘unha’
	b.	[iti]	[i:ti]
		‘sangue’	‘você’
	c.	[nɔneti]	[nɔnɛ:ti]
		‘planta’	‘rosto’
	d.	[ɛnɔ]	[ɛ:nɔ]
		‘mãe’	‘bastante’
	e.	[nɛnɛ]	[nɛ:nɛ]
		‘mentira’	‘língua’
	f.	[jɛnɔti]	[jɛnɔ:ti]
		‘tua esposa’	‘você vai viajar?’ (Souza, 2008, p. 65)

Aqui novamente propomos alguns pontos passíveis de revisão. Dessas 12 formas, 3 não foram reconhecidas por Dona Zeferina: [hi:pə] ‘unha’, ela forneceu apenas a forma [hi'pɔ:ɛ]; [nɛnɛ] ‘mentira’, ela forneceu apenas a forma [nɛ'nɛtʰi] ‘ele está mentindo’; e [jɛnɔ:ti] ‘você vai viajar?’, que Dona Zeferina não reconheceu. Das formas reconhecidas pela nossa colaboradora, algumas possuem um significado um pouco distinto do que Souza ofereceu na glosa⁵⁶: [jɛnɔti] não significa ‘tua esposa’, mas ‘esposa de alguém’, aqui temos a palavra *yeno* ‘esposa’ mais o sufixo *-ti* ‘possuidor não-especificado’; [nɔnɛ:ti] não significa apenas ‘rosto’, mas ‘rosto de alguém’, *none* ‘rosto’ mais *-ti* ‘possuidor não-especificado’.

⁵⁶ Souza (2008), no capítulo de morfologia, descreve o significado e a forma dos morfemas, mas nas glosas não conseguiu identificá-los e se atentar às nuances de significado de seus pares mínimos.

Formas que não apresentam os problemas acima elencados, como [ɛnɔ] ‘mãe’ x [ɛ:nɔ] ‘bastante’, as quais pudemos analisar no *PRAAT*, parece que não ocorre a distinção entre vogal alongada vs vogal não-alongada percebida por Souza, sendo as duas vogais longas. A seguir, mostramos os espectrogramas para as palavras ‘mãe dele/a’ e ‘muito, bastante’:

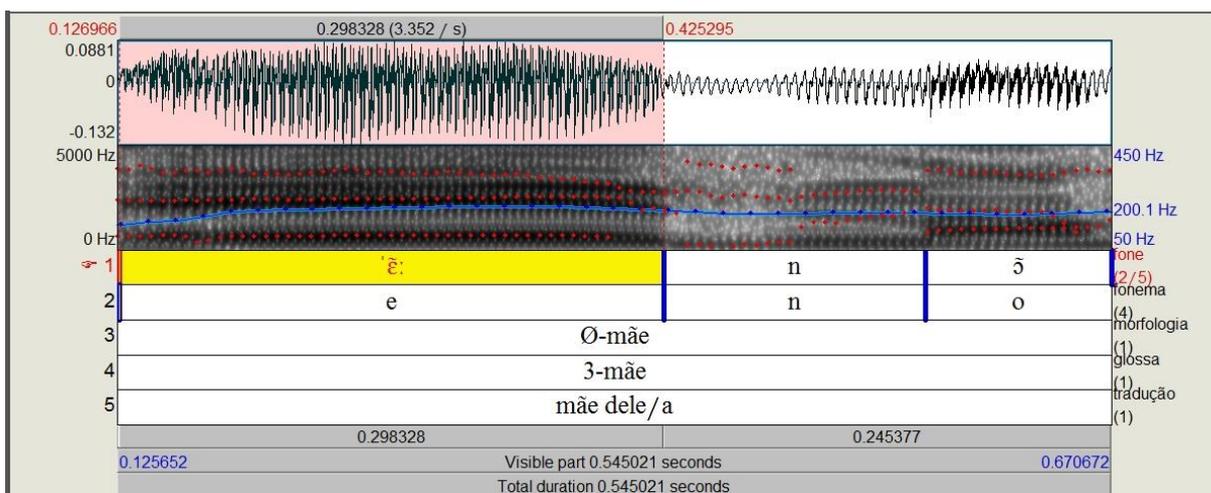


Figura 7 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *eno* ‘mãe dele/a’.

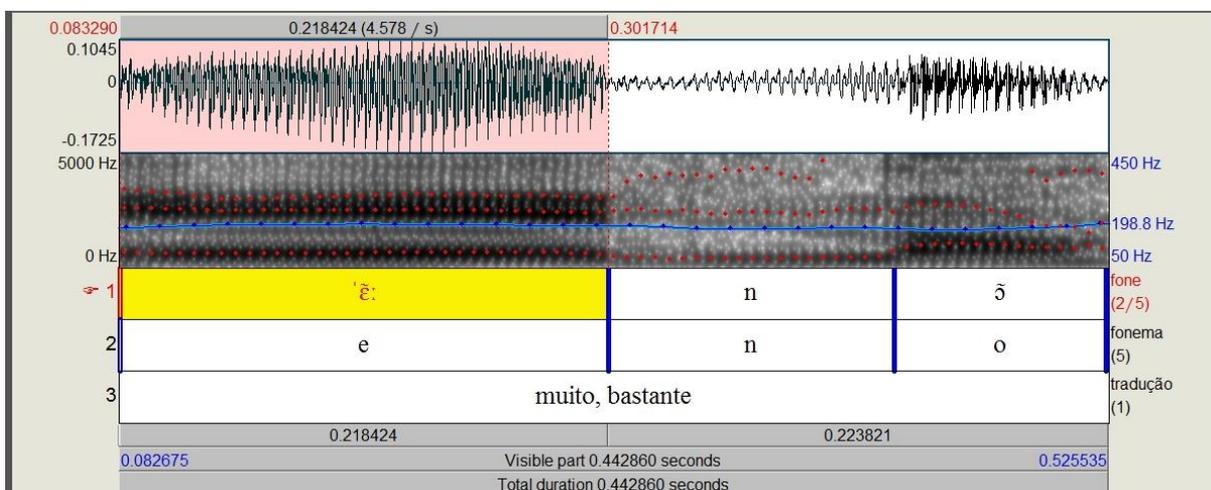


Figura 8 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *eno* ‘muito, bastante’.

Como podemos perceber nos espectrogramas, temos aqui duas vogais alongadas, e não uma vogal curta para ‘mãe dele/a’ e outra alongada para ‘muito, bastante’. A duração da vogal

[ɛ:]⁵⁷ de ‘mãe dele/a’ é de 0,298 segundos e a vogal [ẽ:]⁵⁸ de ‘muito, bastante’ é de 0,218 segundos, o que caracteriza ambas como alongadas. Além disso, podemos perceber no espectrograma que a palavra *eno* ‘muito, bastante’ não possui um contorno tonal como sugere Souza. O *pitch* médio de [ɛ:] é 198,798 Hz, sendo o *pitch* máximo 202,379 Hz e o mínimo 191,430 Hz, o que dá uma variação de *pitch* de 10,949 Hz. Isso, em nossa visão, não se configura um contorno tonal (crescente ou decrescente). A seguir, mostramos o contorno de *pitch* da palavra *eno* ‘muito, bastante’ extraído no Praat, para melhor ilustrar nosso ponto de vista. A parte seleccionada corresponde a vogal [ɛ:]:

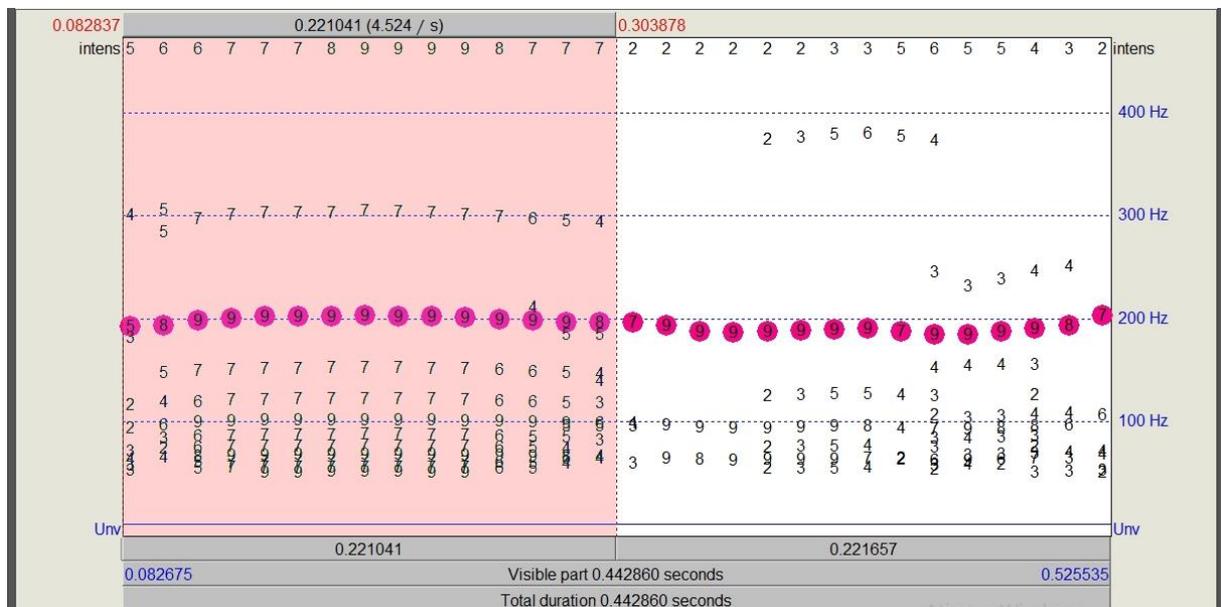


Figura 9 – contorno de *pitch* da palavra *eno* ‘muito, bastante’.

Tampouco a vogal [ɛ:] de *eno* ‘mãe dele/a’ possui um tom alto. Seu *pitch* médio é 200,103 Hz, sendo seu *pitch* máximo 216,102 Hz. O *pitch* médio da vogal pós-tônica [ɔ] é 188,938 Hz, sendo seu *pitch* máximo 196,589 Hz. Percebemos que os valores de *pitch* de [ɛ:] são maiores que os de [ɔ]. Contudo, isso não é o suficiente, para nós, para lhe imputar um tom nível alto, porque: a) [ɛ:] está na sílaba tônica da palavra, geralmente sílabas tônicas tem *pitch* mais alto; b) não temos um contraste na língua entre uma sílaba tônica com *pitch* mais alto e

⁵⁷ Altura dos formantes de [ɛ:]: F1 = 760,666 Hz, F2 = 2442,170 Hz. Intensidade: 65,642 dB.

⁵⁸ Altura dos formantes de [ẽ:]: F1 = 614,655 Hz, F2 = 2492,304 Hz. Intensidade: 67,279 dB.

outra com *pitch* mais baixo (tom alto x tom baixo), geralmente as sílabas tônicas possuem *pitch* maior. A seguir, apresentamos o contorno de *pitch* da palavra *eno* ‘mãe dele/a’ extraído no PRAAT:

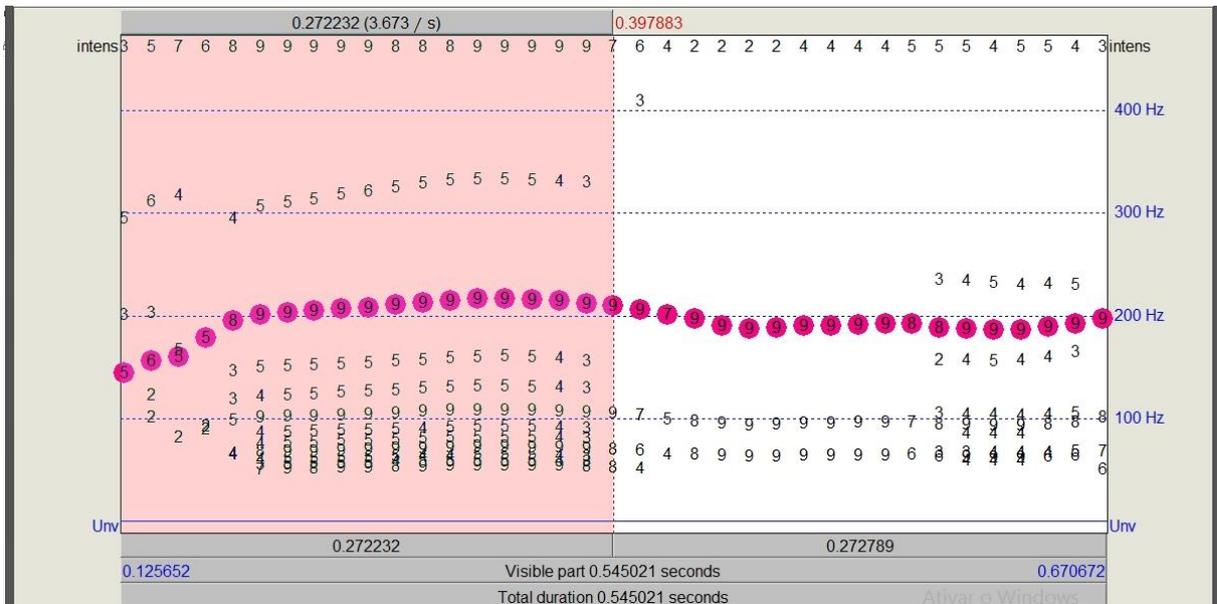


Figura 10 – contorno de *pitch* da palavra *eno* ‘mãe dele/a’

Nesse sentido, consideramos esse par de palavras como homônimas, uma vez que as propriedades acústicas e a pronúncia se assemelham coincidentemente, mas possuem significados distintos. Enfim, se a língua Kinikinau não é tonal, como sugeriu Souza, o que ela seria então? Se as vogais alongadas não carregam um contorno tonal, qual o papel do alongamento vocálico na fonologia da língua? São essas duas perguntas que tentamos responder, de forma preliminar, adiante.

4.4 Alguns princípios importantes da Fonologia Métrica

A Fonologia Métrica se caracteriza por ter como um de seus pressupostos teóricos de que o acento é o resultado de uma relação de proeminência entre sílabas. Desse modo, o acento não é mais caracterizado como uma propriedade intrinsecamente ligada ao segmento,

ele passa a ser descrito, a partir de Liberman e Prince (1977), de forma não-linear, resultado da estruturação hierárquica dos constituintes prosódicos, cujas unidades básicas são a sílaba, o pé e a palavra. Assim, o acento se constitui a partir de como as sílabas se organizam em pés métricos. O objetivo principal da Fonologia Métrica é determinar os tipos de pés possíveis nas línguas do mundo (RAMOS & TENANI, 2009).

Hayes (1995), com base nos pressupostos teóricos introduzidos por Liberman & Prince (1977), formula os princípios da Fonologia Métrica. Dois princípios básicos propostos por ele são: a) princípio da culminatividade, cada palavra ou frase só possui uma única sílaba portadora de de acento principal; b) princípio da distribuição rítmica, que diz respeito à alternância rítmica em que os acentos ocorrem em distâncias iguais (COUTO, 2016; RAMOS & TENANI, 2009). A teoria proposta por este autor privilegia a economia descritiva dos sistemas de acento das línguas do mundo. Para tal, Hayes (op. cit.) formula um pequeno conjunto de parâmetros para a construção do pé, unidade básica da Fonologia Métrica: i) parâmetro do tipo de pé; ii) parâmetro do pé degenerado; iii) direção da segmentação; iv) regra final; v) segmentação dos pés; vi) modo de segmentação; e vii) modo de construção da grade métrica (RAMOS & TENANI, 2009).

Outro princípio importante da Fonologia Métrica é a proposta de extrametricidade. A extrametricidade é um recurso utilizado para adequar a palavra prosódica ao domínio das regras gerais de atribuição de acento. Desse modo, um elemento periférico, marcado por colchetes angulados (< >), pode tornar-se temporariamente invisível para as regras de construção de constituintes, não exercendo nenhum papel na atribuição do acento (RAMOS & TENANI, 2009).

4.5 Discussão preliminar sobre acento em Kinikinau e sua relação com alongamento vocálico

Em Kinikinau, o alongamento vocálico é um efeito do acento. O acento é previsível, sempre ocorre na penúltima sílaba da palavra. Contudo, apesar de ser previsível, é um traço fonológico nessa língua, mesmo ele não sendo um traço distintivo de palavra. No caso da língua Kinikinau, o acento não é distintivo, mas é um acento fonológico previsível. O

alongamento vocálico pode ser visto como uma propriedade de manutenção de um ritmo próprio da língua, que ocorre em decorrência do acento (o acento que atrai o alongamento e não vice-versa). Daí o porquê de ele ser fonológico. Ele não distingue significado (não há pares mínimos vogais longas x vogais curtas), mas como ocorre em decorrência de algo fonológico, o acento fonologicamente previsível, para manter um padrão rítmico da língua, nós o consideramos como fonológico. Em palavras grandes, com quatro ou mais sílabas⁵⁹ devido à língua ser do tipo polissintética, o alongamento não vai ocorrer porque a palavra precisa ter um tamanho em consonância com seu ritmo natural. Sílabas mais curtas em palavras grandes, sobretudo as pretônicas, parece ser algo bastante natural em línguas sem preocupação com a questão rítmica necessariamente. Esse é o caso do Português, em que palavras com sílabas pretônicas bastante reduzidas ocorrem em vários dialetos.

Resumindo o que explanamos no parágrafo anterior: o acento em Kinikinau, que é previsível, sempre se dá na penúltima sílaba, causando o alongamento da vogal da sílaba tônica, sempre quando esse alongamento é possível de ocorrer sem violar as leis rítmicas naturais que a língua Kinikinau possui. Ambos são fonológicos.

Um argumento em favor da análise que fazemos da relação entre alongamento vocálico e acento em Kinikinau é o critério genético. Se compararmos línguas Aruák cujas respectivas fonologias foram estudadas de maneira aprofundada, como o Manxineru (vide COUTO, 2016), podemos ver que a relação entre alongamento vocálico e acento tende a ocorrer nos mesmos moldes em que ocorre em Kinikinau: o acento é fonologicamente previsível; quando o acento pode atrair alongamento vocálico, em palavras nas quais adicionar uma mora extra é possível sem ferir as leis rítmicas naturais da língua, a atração se dá, pois a duração é um correlato acústico bastante forte para marcar proeminência silábica.

Sobre nossa afirmação de que o alongamento em Kinikinau é fonológico, mas não distingue significado, nós já a exemplificamos no item anterior com os exemplos *eno* ‘mãe dele/a’ e *eno* ‘muito, bastante’ (Figuras 7 e 8). Nesses dois exemplos, duas palavras dissilábicas, também podemos perceber a posição fixa do acento (penúltima sílaba) e o próprio alongamento da sílaba tônica, que ocorreu como um efeito secundário do acento. A

⁵⁹ Em palavras com quatro sílabas, o alongamento pode ocorrer, mas sua ocorrência é muitíssimo baixa. Em palavras com cinco sílabas ou mais, o alongamento não ocorre.

seguir, mostramos o espectrograma da palavra *woso*⁶⁰ ‘cordão dele/a’, outra palavra dissilábica para ficar mais claro ainda nossa descrição sobre acento e alongamento vocálico em Kinikinau:

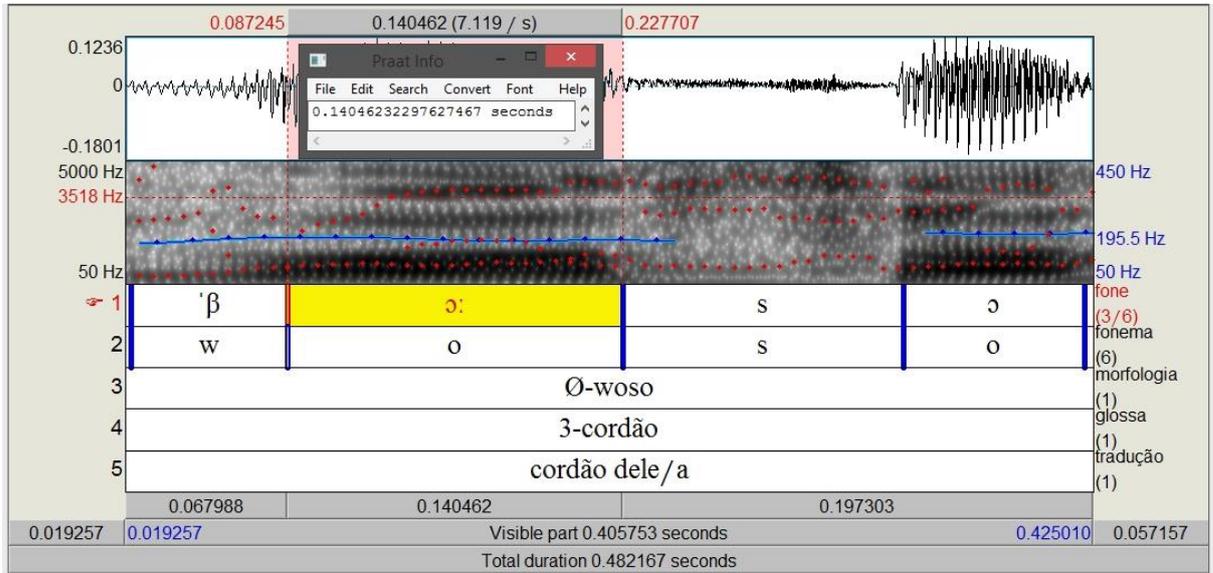


Figura 11 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *woso* ‘cordão dele/a’.

Aqui vemos o quanto o acento é previsível: sempre ocorre na penúltima sílaba. Quando possível, ele desencadeia o alongamento da vogal tônica. Desse modo, a duração se torna o correlato acústico mais importante da proeminência silábica. Contudo, se o acento é fonologicamente previsível, o alongamento também é fonológico, mas aparentemente imprevisível. O acento pode ou não desencadear o alongamento. Observemos o espectrograma da palavra *tuti* ‘cabelo dele/a’:

⁶⁰ Altura dos formantes de [ɔ:]: F1 = 830,922 Hz, F2 = 2002,806 Hz. Intensidade: 67,932 dB.

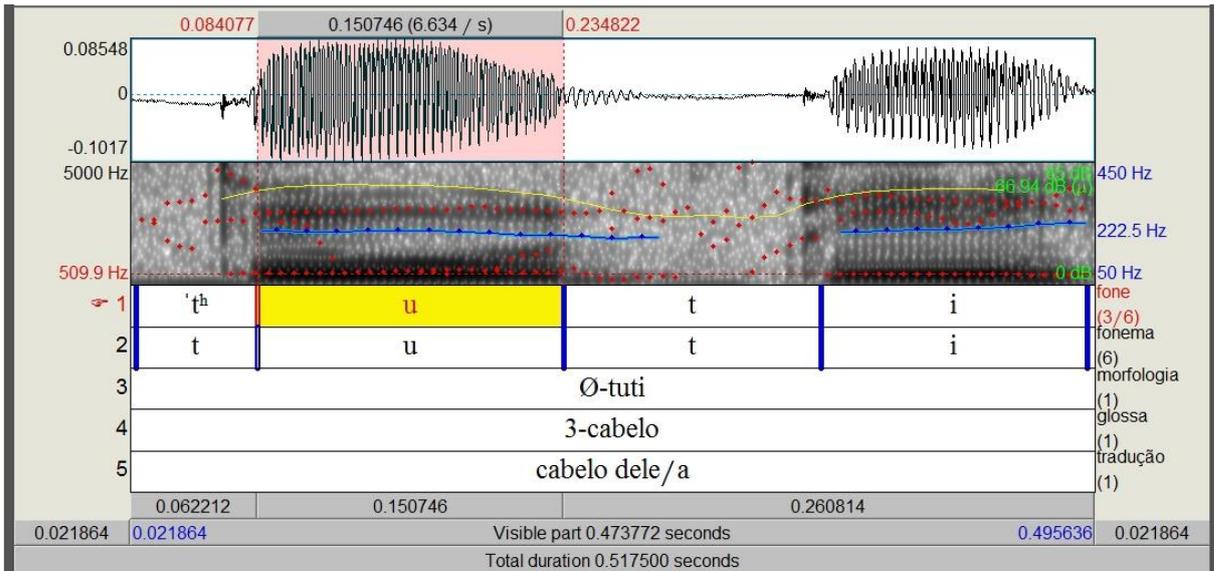


Figura 12 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tuti* ‘cabelo dele/a’.

O [u]⁶¹ obviamente é mais longo que o [i], por estar em sílaba tônica, mas não chega a ser alongado. A duração da vogal tônica é 0,150 segundos e da átona é 0,124 segundos. Aqui, é a intensidade que é o correlato acústico do acento. Para [u], temos uma intensidade média de 66,900 dB, com uma intensidade máxima de 69,127 dB. Para [i], a intensidade média é 65,346 dB, com a máxima sendo 66,593 dB. Desse modo, podemos analisar que quando o acento fonologicamente previsível do Kinikinau não aciona alongamento vocálico, a intensidade se torna seu correlato acústico. Também nesses dois exemplos (*woso* e *tuti*), temos duas palavras relativas flexionadas com o mesmo prefixo de terceira pessoa Ø-, sendo que em um ocorre o alongamento e em outro não, o que elimina a possibilidade de o alongamento vocálico poder ser visto como um processo morfofonológico.

Nas palavras trissilábicas, o alongamento é bastante comum na sílaba tônica, conforme vemos nos espectrogramas das palavras *maripa*⁶² ‘areia, terra’, *su’uso*⁶³ ‘carneiro’, *xikixi*⁶⁴ ‘gordura, banha dele/a’ (Figuras 13, 14, e 15). Nota-se também a posição absurdamente previsível do acento, na penúltima sílaba. Quando o alongamento ocorre, é a duração o correlato acústico principal da proeminência silábica:

⁶¹ Altura dos formantes de [u]: F1 = 550,557 Hz, F2 = 2135.133 Hz. *Pitch*: 222,524 Hz.

⁶² Altura dos formantes de [i:]: F1 = 467,091 Hz, F2 = 2723.115 Hz. Intensidade: 56,946 dB. *Pitch*: 191,976 Hz.

⁶³ Altura dos formantes de [u:]: F1 = 495,626 Hz, F2 = 3475,962 Hz. Intensidade: 61,327dB. *Pitch*: 200,666 Hz.

⁶⁴ Altura dos formantes de [i:]: F1 = 401,154 Hz, F2 = 2798,753 Hz. Intensidade: 62,242 dB. *Pitch*: 204,827 Hz.

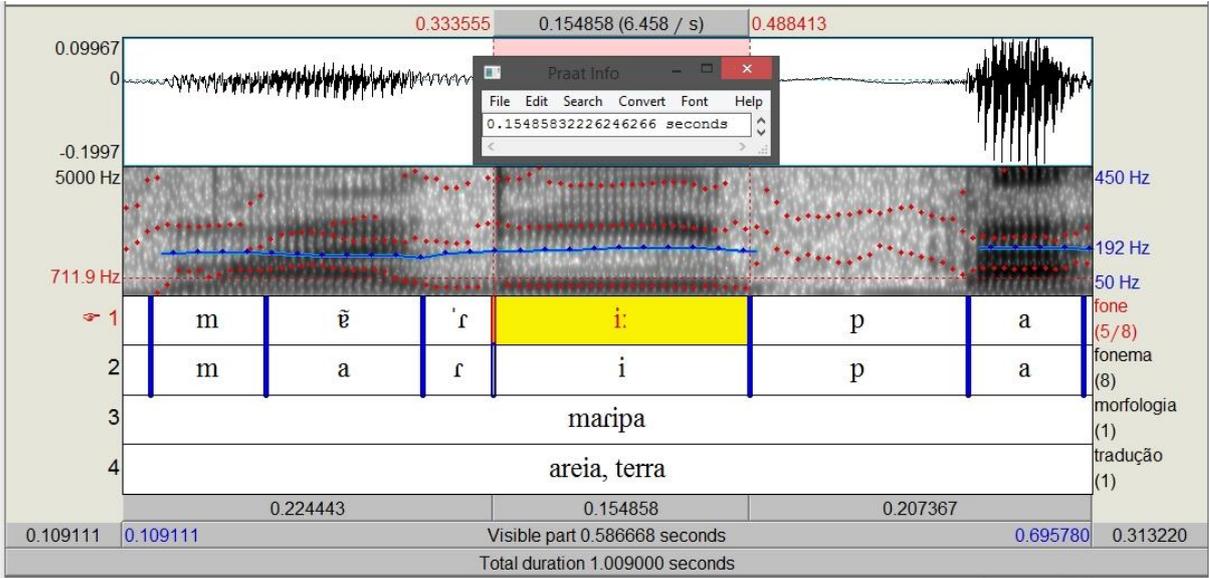


Figura 13 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *maripa* ‘areia, terra’.

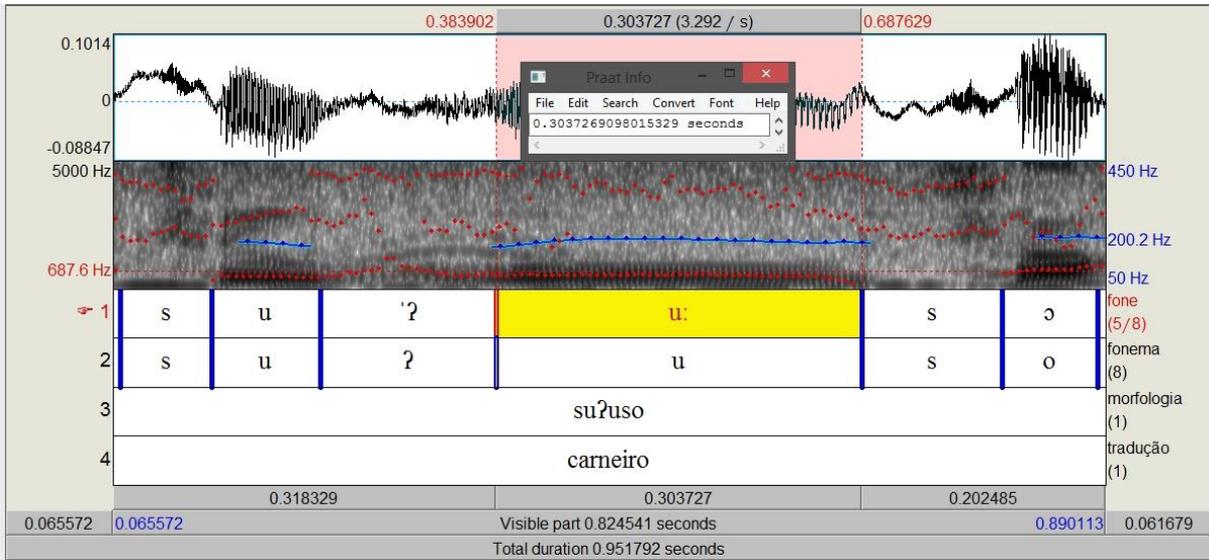


Figura 14 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *su?uso* ‘carneiro’.

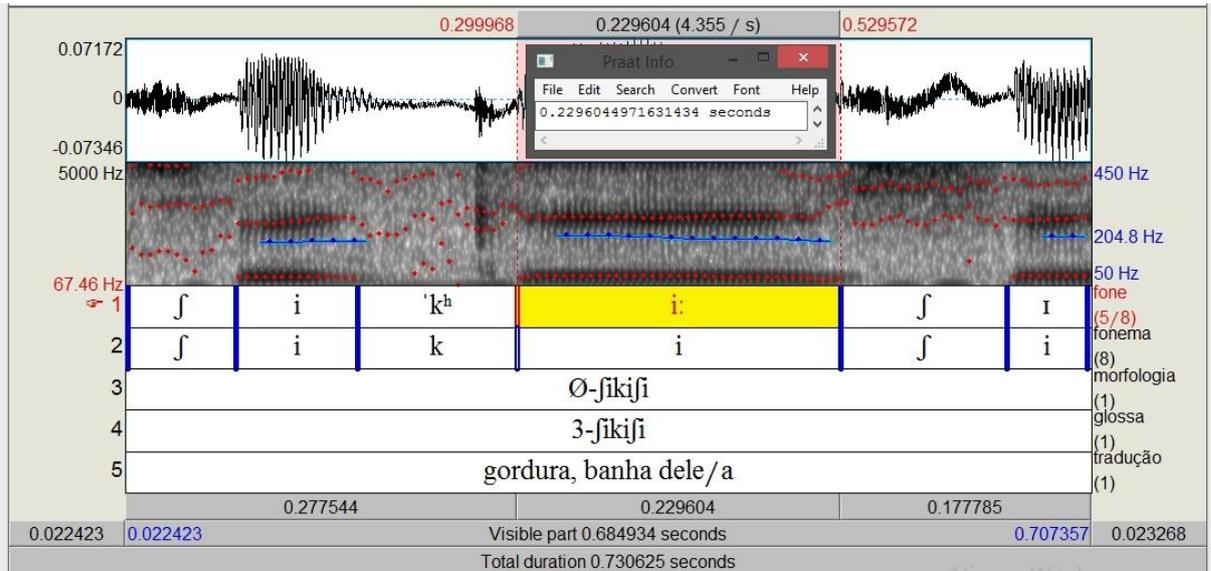


Figura 15 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *xikixi* ‘gordura, banha dele/a’.

Em palavras dissilábicas que recebem algum sufixo, tornando-se trissilábicas, o alongamento se desloca uma sílaba à direita, para manter seu lugar previsível e assim não infringir nenhuma lei rítmica da língua. Tal fato sugere uma hipótese de forte interação entre morfologia e fonologia na língua Kinikinau, que provoca uma mudança rítmica e fenômenos fonológicos diversos. A seguir, mostramos o espectrograma da palavra *enoti*⁶⁵ ‘mãe de alguém’, para ilustrar o que acabamos de afirmar (compare o espectrograma de *enoti* com o de *eno* ‘mãe’, Figura 7):

⁶⁵ Altura dos formantes de [ɔ:]: F1 = 729,829 Hz, F2 = 1435,238 Hz. Intensidade: 64,763 dB. *Pitch*: 177,720 Hz.

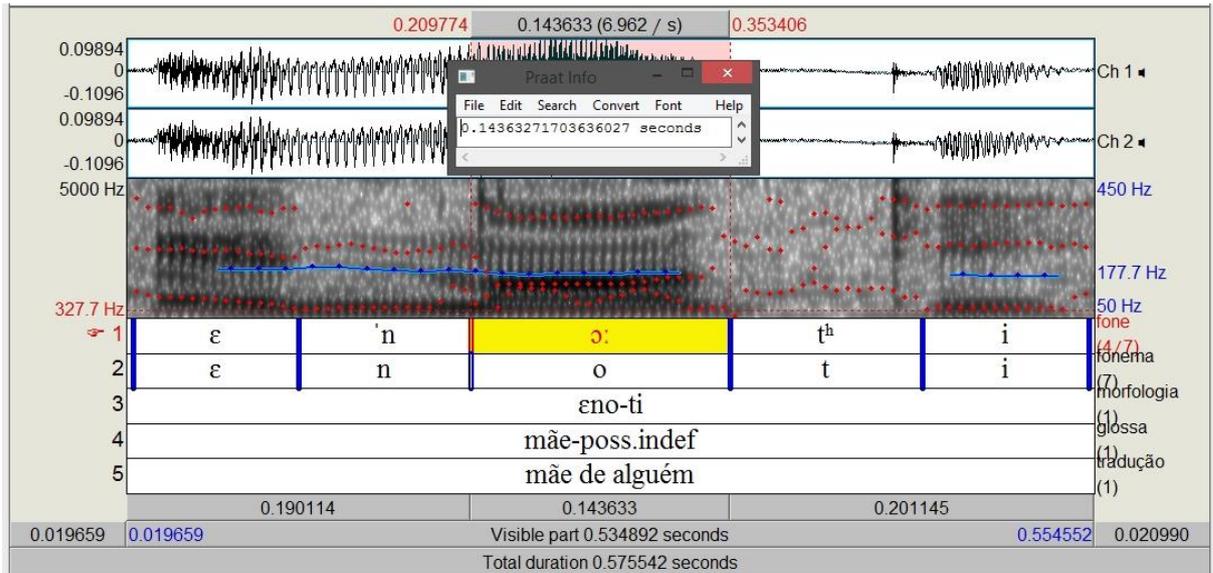


Figura 16 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *enoti* ‘mãe de alguém’.

O acento nas palavras tetrassilábicas pode ocasionar o alongamento vocálico, como vemos no exemplo *sewerena*⁶⁶ ‘chifre dele/a’ logo abaixo:

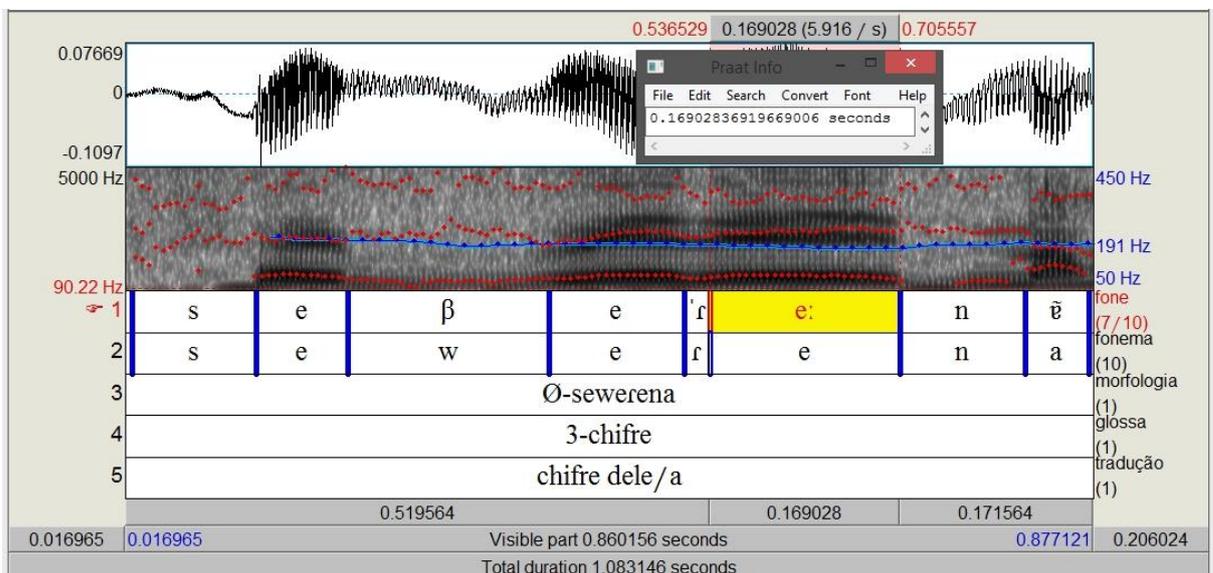


Figura 17 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *sewerena* ‘chifre dele/a’

⁶⁶ Altura dos formantes de [e:]: F1 = 561,834 Hz, F2 = 2370,094 Hz. Intensidade: 63,824 dB. Pitch: 192,333 Hz.

Contudo, isso é raro e quando ocorre a vogal pós-tônica é reduzida. O mais comum é palavras tetrassilábicas não apresentarem alongamento (Figuras 18-21)⁶⁷. Nesses casos, a intensidade é o correlato acústico da proeminência silábica, que ocorre em detrimento da duração:

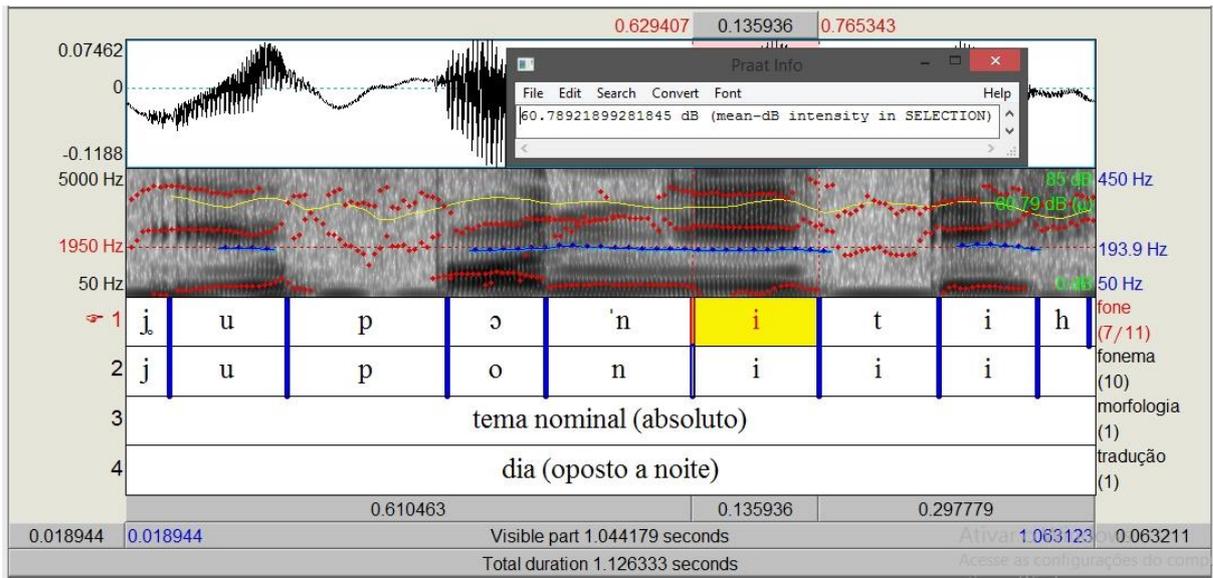


Figura 18 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *yuponiti* ‘dia (oposto a noite)’.

⁶⁷ Altura dos formantes de [i] de *yuponiti*: F1 = 836,226 Hz, F2 = 2997,537 Hz. *Pitch*: 193,880 Hz. Altura dos formantes de [ũ] de *xurokuno*: F1 = 474,460 Hz, F2 = 2624,279 Hz. *Pitch*: 209,179 Hz. Altura dos formantes de [ɔ] de *honowoti*: F1 = 849,521 Hz, F2 = 2634,728 Hz. *Pitch*: 198,384 Hz. Altura dos formantes de [ɔ] de *koypekoti*: F1 = 876,265 Hz, F2 = 2230,504 Hz. *Pitch*: 194,450 Hz. Altura dos formantes de [ɔ:] de *ho'openo*: F1 = 981,671 Hz, F2 = 2550,833 Hz. *Pitch*: 236,275 Hz. Intensidade: 66,371 dB.

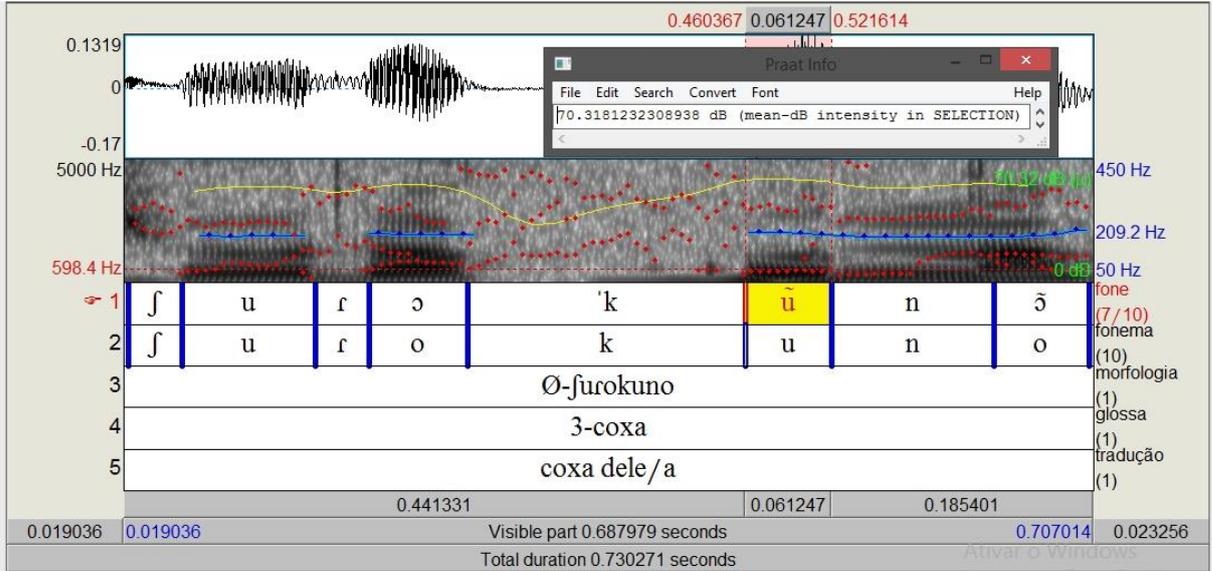


Figura 19 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *xurokuno* ‘coxa dele/a’.

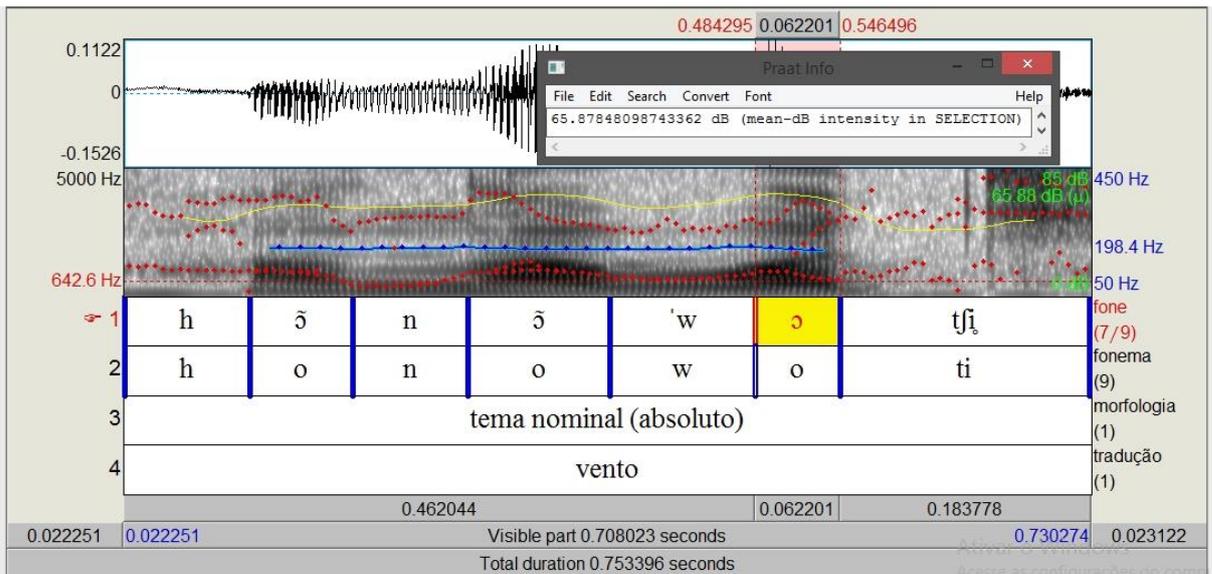


Figura 20 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *honowoti* ‘vento’.

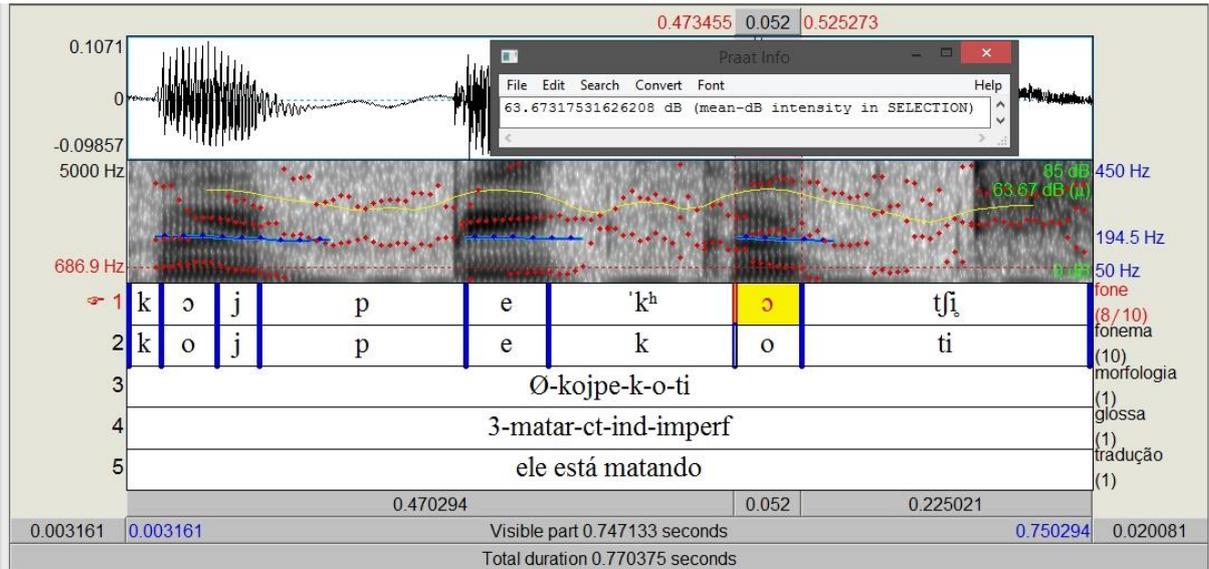


Figura 21 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *kojpekoti* ‘ele está matando’.

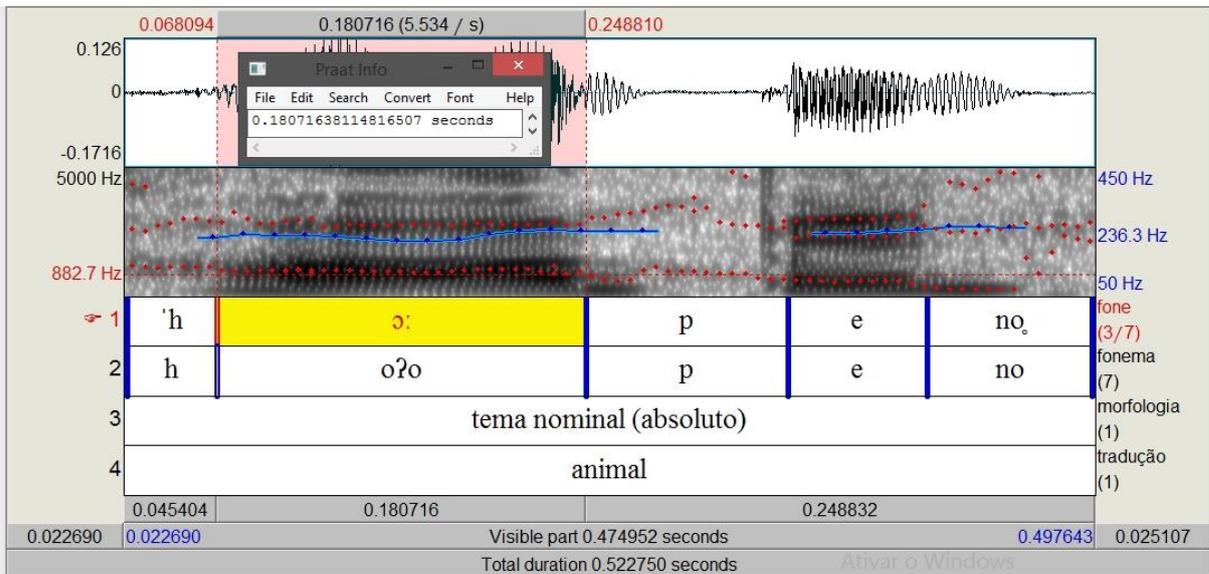


Figura 22 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ho* ‘openo’ ‘animal’.

Em palavras pentassilábicas (cuja grande maioria é constituída de verbos), dificilmente ocorre alongamento vocálico. O padrão é caracterizado pelas vogais da penúltima

sílaba terem uma intensidade/amplitude maior que as vogais das outras sílabas, como podemos ver no exemplo abaixo *heonowoti*⁶⁸⁶⁹ ‘ele está escondendo’ (Figura 23):

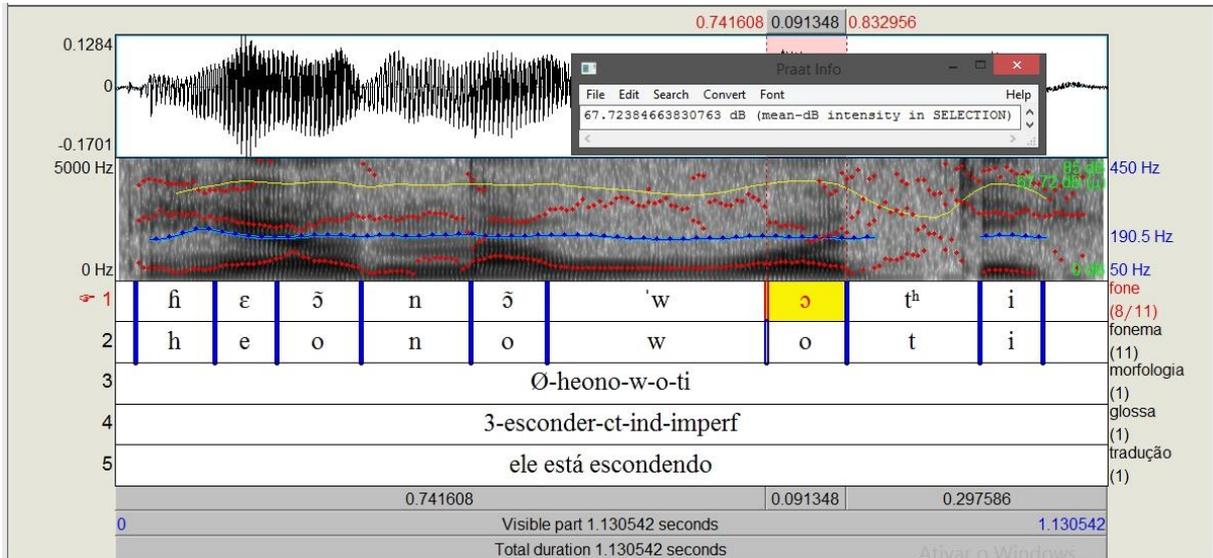


Figura 23 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *heonowoti* ‘ele está escondendo’.

Em *epewokope*⁷⁰ ‘sombra dele/a’ e *aruxukoti*⁷¹ ‘ele está mordendo’ (Figuras 24 e 25), podemos ver o processo de ensurdecimento da sílaba pós-tônica:

⁶⁸ A fricativa glotal sonora [f̥] não foi percebida por Souza (2008) em sua transcrição.

⁶⁹ Altura dos formantes de [ɔ] em *heonowoti*: F1 = 965,012 Hz, F2 = 2357,855 Hz. Pitch: 189,989 Hz.

⁷⁰ Altura dos formantes de [ɔ] em *epewokope*: F1 = 674,661 Hz, F2 = 2768,600 Hz. Pitch: 180,178 Hz.

⁷¹ Altura dos formantes de [ɔ] em *aruxukoti*: F1 = 774,641 Hz, F2 = 2780,955 Hz. Pitch: 197,245 Hz.

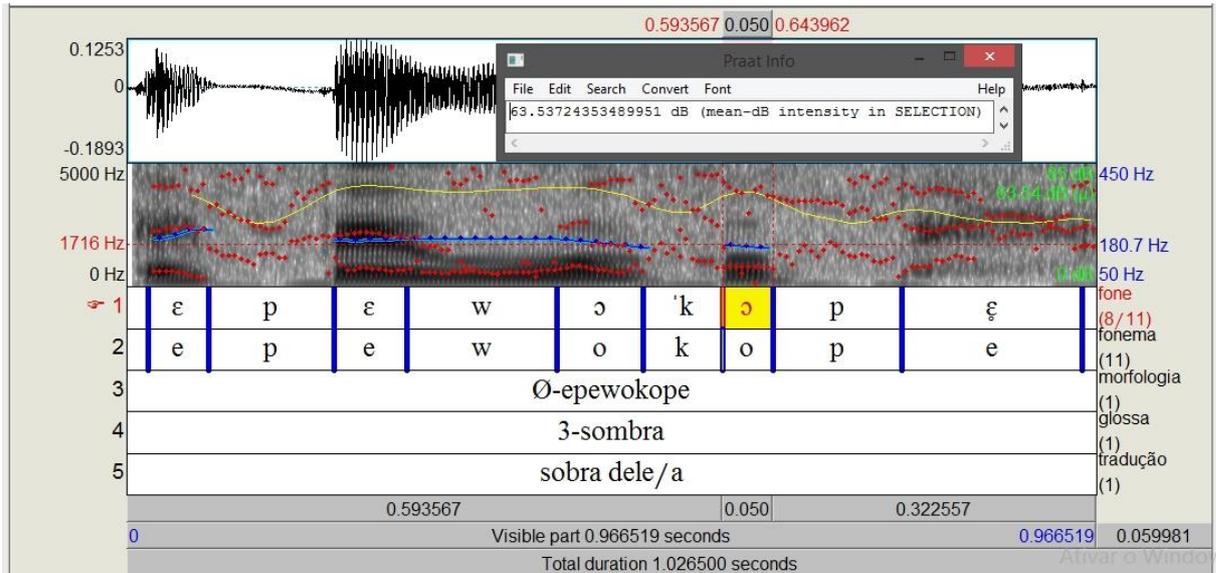


Figura 24 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *epewokope* ‘sombra dele/a’.

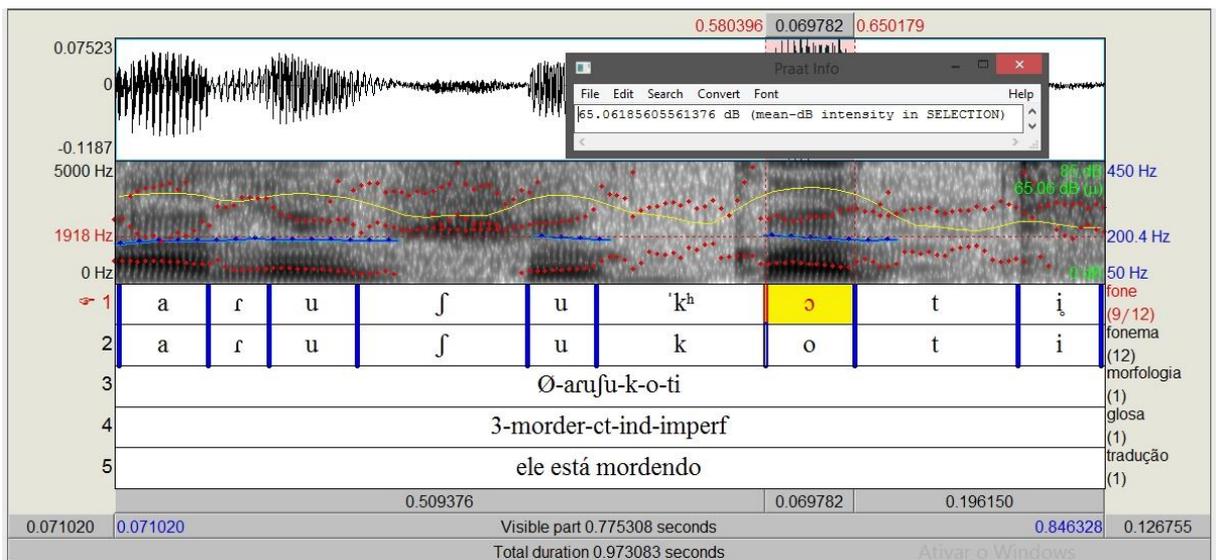


Figura 25 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *aruxukoti* ‘ele está mordendo’.

Também a vogal final pode não ocorrer, sendo que nesses casos a consoante final é silabificada, como vemos em *ohokexoti*⁷² ‘ele está tossindo’ (Figura 26):

⁷² Altura dos formantes de [ɔ] em *ohokexoti*: F1 = 656,353 Hz, F2 = 2069,730 Hz. Pitch: 199,870 Hz.

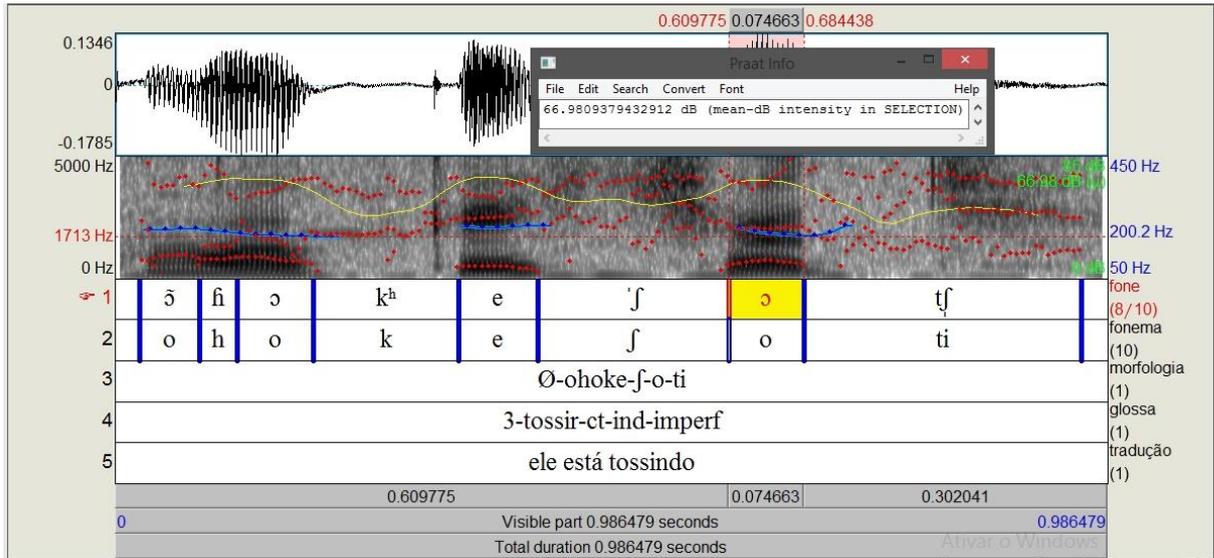


Figura 26 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ohokexoti* ‘ele está tossindo’.

Em palavras hexassilábicas (exclusiva de de verbos), o acento recai na penúltima sílaba, sendo sua posição fonologicamente previsível, caso em que não atrai alongamento vocálico nessas palavras, devido às leis rítmicas das línguas. Seu correlato acústico é a intensidade, conforme se vê nos exemplos abaixo *tunokuxowoti*⁷³ ‘ele está se deitando’ e *iuworokoti*⁷⁴ ‘ele está apunhalando’ (Figura 27 e 28):

⁷³ Altura dos formantes de [ɔ] em *tunokuxowoti*: F1 = 672,157 Hz, F2 = 2006,377 Hz. Pitch: 211,811 Hz.

⁷⁴ Altura dos formantes de [ɔ] em *iuworokoti*: F1 = 689,984 Hz, F2 = 2474,578 Hz. Pitch: 208,282 Hz.

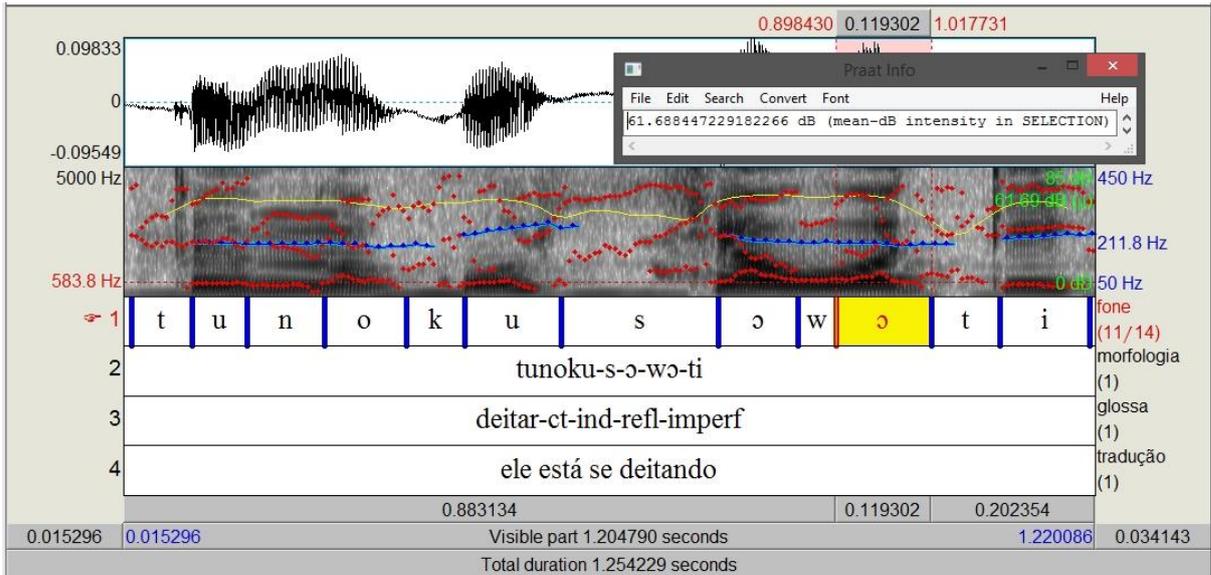


Figura 27 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *tunokuxowoti* ‘ele está se deitando’.

Também a vogal da sílaba pós-tônica pode ocorrer ensurdecida, como ocorre em palavras pentassilábicas:

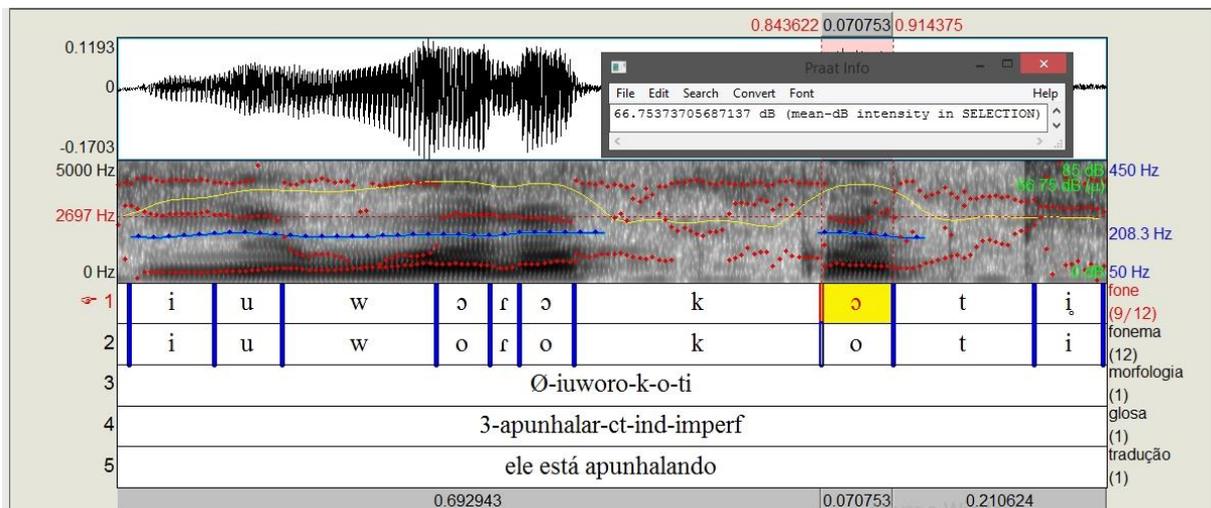


Figura 28 – espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *iuworokoti* ‘ele está apunhalando’.

4.6 Considerações parciais

Neste capítulo apresentamos uma discussão preliminar sobre o acento em Kinikinau, fundamentando ser essa língua entoacional, cujo principal correlato acústico da proeminência silábica é a duração (alongamento) da vogal tônica, sendo outro correlato importante, a intensidade. Os resultados da nossa análise aproximam mais a língua Kinikinau de outras línguas da família Aruák, como a língua Manxineru.

Mostramos também que a língua Kinikinau não é uma língua tonal, como postulado por Souza (2008), que escolheu uma abordagem metodológica distinta (fonêmica *pikeana*) para a interpretação fonológica da língua, o que inviabilizou a percepção daquilo que o ouvido humano não consegue captar e o cérebro processar em um nível mais seguro e evidente, como se acreditou que fosse. Talvez a hipótese mais plausível seria de que o Kinikinau trata-se de um língua que tenha pé métrico troqueado moráico⁷⁵, mas que isso não significa necessariamente que a língua seja tonal.

Demonstramos que o acento em Kinikinau é fonologicamente previsível e que sua ocorrência sempre se dá na penúltima sílaba, causando o alongamento da vogal da sílaba tônica, sempre quando esse alongamento é possível de ocorrer sem violar as leis rítmicas naturais que a língua Kinikinau possui. Tanto o acento quanto o alongamento vocálico são fonológicos nessa língua.

⁷⁵ Pé métrico troqueado moráico = consiste em um tipo de pé métrico que conta a alternância rítmica pela mora, e não pela alternância entre o peso das sílabas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo I, apresentamos um breve panorama da atual situação sócio-política do povo Kinikinau e realizamos uma concisa etnografia. Os indígenas Kinikinau são um povo Aruák, de língua Aruák (AIKHENVALD, 1999), que atualmente residem no estado de Mato Grosso do Sul. São descendentes de uma parcialidade da nação Chané-Guaná, que residiu no Chaco Paraguaio até meados do século XVIII e tanto impressionou os europeus devido às suas enormes roças, à sua “noção de civilidade” e à complexa relação que eles cultivavam com os Mbayá-Guaicuru (CASTRO, 2011). Migraram para terras hoje reconhecidas como brasileiras entre o final do século XVIII e início do século XIX, fugindo das guerras de extermínio feitas pelos espanhóis e buscando novos parceiros para estabelecerem relações de solidariedade e reciprocidade, visto que desejavam desembaraçarem-se dos Mbayá-Guaicuru, parceiros antigos que agora haviam se tornado incômodos (*idem*).

Foram bem recebidos pelas autoridades portuguesas e muito ajudaram no desenvolvimento do sul da antiga província de Mato Grosso (CASTRO, 2011). Lutaram na Guerra da Tríplice Aliança a favor do Brasil, ajudando os brasileiros, uruguaios e argentinos a derrotarem as tropas de Solano López. Contudo, mesmo lutando do lado dos vencedores, saíram derrotados da Guerra, pois findo o conflito, ao retornarem para suas aldeias, veem que elas haviam sido invadidas por pecuaristas ávidos por terra para engordarem seus bois (SOUZA, 2008).

Foram decretados extintos pelo Estado brasileiro em meados da década de 1940 (MASON, 1946; RIBEIRO, 1968; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976; TOVAR, 1984 *apud* SOUZA, 2008), pelo fato de sua aldeia ter sido destruída por um latifundiário uns vinte anos antes. São dispersos entre aldeias Terena e um pequeno grupo é enviado, a mando do SPI, para a RI Kadiwéu. Lá constroem a Aldeia São João, lugar onde conseguem se reagrupar e garantir a continuidade de sua identidade Kinikinau. Viveram mais de cinquenta anos em um período de silenciamento étnico, até que no início da década passada resolveram quebrar o silêncio e assumirem publicamente sua identidade Kinikinau, lutando por todos os direitos que tal fato pode lhes acarretar (JOSÉ DA SILVA & SOUZA, 2003).

Atualmente os indígenas Kinikinau se organizam para tentar reaver o seu território tradicional nas margens do córrego Agachi. Não há consenso entre eles sobre como eles vão conseguir recuperar a terra ancestral, se por retomada, se por negociação com o Governo. Contudo, com o que todos eles concordam é que, sem o território, não tem como eles viverem plenamente, não tem como eles serem “Kinikinau legítimo”.

No capítulo II, fizemos uma revisão descritiva e crítica da bibliografia da língua Kinikinau. A literatura linguística do povo Kinikinau é bastante escassa. Se a língua não estivesse à beira da extinção, este fato não acarretaria grande preocupação por parte dos linguistas. Porém, levando em conta o estado crítico em que ela se encontra (nos próximos 20 anos ela deixará de ser falada), ele toma contornos dramáticos.

De trabalhos descritivos, com dados de primeira mão, frutos de trabalho de campo, disponíveis para o público especialista e para a comunidade Kinikinau, há apenas a tese de doutorado da professora Ilda e os artigos-recorte que ela publicou. Não computamos os trabalhos de Couto, por eles serem de difícil acesso e acrescentarem pouco para o conhecimento da língua Kinikinau. Esta língua também não conta com listas de palavras coletadas por viajantes, visto a lista coletada por Severiano da Fonseca ser na verdade da língua Kadiwéu; tão pouco em documentações coloniais, visto que os missionários da época da Colônia estavam mais preocupados e dispostos a descreverem as línguas e costumes dos povos Guaicuru.

Os trabalhos históricos que, de alguma forma, fazem menção à língua Kinikinau são também problemáticos. Muitos não contemplam a verdadeira realidade da língua Kinikinau, dando-a como extinta (Mason, 1946; Loukotka, 1968; Payne, 1991; Campbell, 1997). Outros, baseados em poucas evidências e realizando comparações frágeis, tentam estabelecer uma realidade para a língua Kinikinau que parece não condizer com o seu verdadeiro status dentro da família Aruák (Campbell, 1997; Carvalho, 2016; Fabre, 2017). O trabalho histórico-comparativo que acreditamos ainda melhor refletir a realidade e natureza da língua Kinikinau, assim como a da própria família Aruák, é o trabalho de Aikhenvald (1999), mesmo propondo uma classificação considerando muito mais o critério geográfico, devido à escassez de dados linguísticos para um estudo mais substancial acerca da classificação genética.

No capítulo III, fizemos um estudo sociolinguístico da língua Kinikinau, com foco em uma abordagem qualitativa em detrimento de uma quantitativa. A língua Kinikinau é uma

língua da família Aruák (AIKHENVALD, 1999), geneticamente muito próxima da língua Terena, porém constituindo-se como uma língua independente, e não como dialeto desta.

É uma língua moribunda, a ponto de deixar de ser falada. Possui atualmente menos de sete falantes, que, todavia, se encontram divididos, morando em aldeias diferentes. Além desses falantes, a língua Kinikinau conta com aproximadamente 20 semi-falantes (fortes ou fracos) e entre 50 e 150 lembradores.

Encontra-se atualmente em um nível crítico de vitalidade (estágio moribundo), e o que ocasionou tal situação foi o roubo do território tradicional desses indígenas nas margens do córrego Agachi por agentes do Estado brasileiro. A partir desse momento, a língua Kinikinau perde sua função social e comunicativa para esses indígenas, pois então eles foram expulsos de seu território tradicional e deportados para territórios de outras etnias indígenas (Terena e Kadiwéu) ou para centros urbanos ou colônias agrícolas. Desse modo, eles tiveram que adotar uma língua de sobrevivência, que no caso foi a língua portuguesa. A língua Kinikinau teve que ficar silenciada, até que o momento propício surgisse, e ela pudesse voltar a ser falada. Esse momento propício surgiu (final de década de 1990), contudo os Kinikinau haviam tido que negociar muitas perdas para continuarem resistindo e existindo enquanto povo. A língua Kinikinau segue sendo falada, segue existindo, mas para que ele volte a ser falada em toda sua potencialidade comunicativa, é necessário que os Kinikinau adotem uma política linguística voltada para a revitalização da língua Kinikinau. Caso contrário, a língua indígena constará como mais um item na longa lista de perdas negociadas pelos Kinikinau para continuarem existindo enquanto povo indígena.

A língua Kinikinau tem de tudo para passar por um processo de revitalização e voltar a ser falada em sua total potencialidade comunicativa e ocupar ambientes de uso que eram ocupados no passado, como ambientes novos que a modernidade trouxe. Contudo, os Kinikinau, embora se apresentem dispostos para pensar e pôr em prática tal política linguística, colocam a questão do território tradicional na frente da questão linguística, no sentido de que é preciso resolver primeiro a questão fundiária para enfrentar o problema da revitalização do idioma ancestral. Contudo, trata-se de duas problemáticas conectadas, elas não são excludentes. É perfeitamente possível sim os Kinikinau encararem a questão da língua Kinikinau antes ou concomitantemente a questão do território. Uma questão não anula ou enfraquece a outra. E caso os Kinikinau queiram manter sua língua ancestral viva, sendo

falada, urge que eles encarem para já a questão da língua com o mesmo vigor que encaram a questão do território, caso contrário a língua Kinikinau morrerá.

Por fim, no capítulo IV, apresentamos uma discussão preliminar sobre o acento em Kinikinau, a qual nos possibilitou considerar essa língua como entoacional, cujo principal correlato acústico da proeminência silábica é a duração (alongamento) da vogal tônica, sendo outro correlato importante a intensidade. Os resultados da nossa análise aproximam mais a língua Kinikinau de outras línguas da família Aruák, como a língua Manxineru.

Mostramos também que a língua Kinikinau não é uma língua tonal, como postulado por Souza (2008), que escolheu uma abordagem metodológica distinta (fonêmica *pikeana*) para a interpretação fonológica da língua, o que inviabilizou a percepção daquilo que o ouvido humano não consegue captar e o cérebro processar em um nível mais seguro e evidente, como se acreditou que fosse. Talvez a hipótese mais plausível seria de que o Kinikinau trata-se de um língua que tenha pé métrico troqueou moráico, mas que isso não significa necessariamente que a língua seja tonal.

Demonstramos que o acento em Kinikinau é fonologicamente previsível e que sua ocorrência sempre se dá na penúltima sílaba, causando o alongamento da vogal da sílaba tônica, sempre quando esse alongamento é possível de ocorrer sem violar as leis rítmicas naturais que a língua Kinikinau possui. Tanto o acento quanto o alongamento vocálico são fonológicos nessa língua.

REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

ROBERTO, A. *Ágda Roberto*. Depoimento. [21 mar. 2017]. Entrevistador: Gabriel Barros Viana de Oliveira. Dourados, 2017. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedida no âmbito do projeto de mestrado desenvolvido por Gabriel Barros Viana de Oliveira junto à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados.

ROBERTO, F. *Flaviana Roberto*. Depoimento. [19 out. 2016]. Entrevistador: Gabriel Barros Viana de Oliveira. Dourados, 2016. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedida no âmbito do projeto de mestrado desenvolvido por Gabriel Barros Viana de Oliveira junto à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados.

ROBERTO, M. *Manoel Roberto*. Depoimento. [17 out. 2016]. Entrevistador: Gabriel Barros Viana de Oliveira. Dourados, 2016. Arquivo de áudio digital. Entrevista concedida no âmbito do projeto de mestrado desenvolvido por Gabriel Barros Viana de Oliveira junto à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABERCROMBIE, D. *Elements of General Phonetics*. Nova York: Aldine, 1967.

AIKHENVALD, A. Y. (1999). The Arawak language family. In: *The Amazonian Languages*. R.M.W. Dixon; A. Y. Aikhenvald (org.). Cambridge: Cambridge University Press, p. 65-105.

ANTILLA, R. *An introduction to historical and comparative linguistics*. Nova York: The Macmillan Company, 1972.

AQUINO, L. S. *Pesquisas sociolinguísticas entre os Asuriní do Tocantins. Contribuição para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)*. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

BENDOR-SAMUEL, J. T. Some prosodic features in Terena. In: C. E. BAZELL et al. (org.). *Memory of J. R. Firth*: 30-39. Londres, 1966.

BRANDÃO, A. P. B. A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak). 2014. 480 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Linguística, Universidade do Texas, Austin, 2014.

BYBEE, J. L. *Morphology*. A study of the relation between meaning and form. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985, vol. 9.

CAMPBELL, L. *American Indian Languages: The historical linguistics of Native America*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

_____. Classification of the indigenous languages of South America. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (org.). *The indigenous of South America: a comprehensive guide*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 59-166, 2012.

_____. *Historical linguistics: an introduction*. 3 ed. Cambridge: The MIT Press, 2013.

CAMPBELL, L.; MUNTZEL, M. C. The structural consequence of language death. In: Dorian, N. C. (org.). *Investigating obsolescence: studies in language contraction and language death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

CANAZILLES, K. S. A. *A produção e comercialização do artesanato Kinikinau em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UNIDERP. 109 f. Dissertação (Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional) – Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, UNIDERP, Campo Grande, 2013.

CANAZILLES, K. S. A.; SANTOS, K. S. ; MATIAS, R. ; BONO, J. A. M. ; ALVES, G. L. . Qualidade da água empregada na confecção do artesanato cerâmico Kinikinau, Mato Grosso do Sul. In: *V Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade*, 2013, Campo Grande. *V Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade*. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, 2013. p. 52-62.

CANAZILLES, K. S. A.; ALVES, G. L. ; MATIAS, R. . Os Kinikinau: trajetória histórica e a reinvenção do artesanato. *Albuquerque* - revista de História- UFMS, v. 5, p. 99-120, 2013.

_____. Comercialização do artesanato Kinikinau na cidade ecoturística de Bonito, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Pasos* (El Sauzal), v. 13, p. 1171-1182, 2015.

CARVALHO, F. O. Terena, Chané, Guaná and Kinikinau are one and the same language: Setting the Record Straight on Southern Arawak Linguistic Diversity. *Liames*, Campinas, v. 16, n. 1, p. 39-57, 2016.

CASTELNAU, F. Expedição às regiões centrais da América do Sul. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1949. 2 v.

CASTRO. I. Nas lutas pela defesa de direitos, as alianças possíveis: os Kinikinau no movimento indígena. Londrina: Simpósio, 2005.

_____. *De Chané-Guaná a Kinikinau: da construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência*. Campinas: Unicamp. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

_____. Os Chané-Guaná e os europeus na constituição do Gran Chaco Colonial. In: *Simpósio Nacional de História*, 26., 2011, São Paulo. Simpósio Temático...São Paulo: ANPUH, 2011, p. 6-11.

CATFORD, John C. *Fundamental Problems in Phonetics*. Bloomington: University of Indiana Press, 1977.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. Nova York: Harper & Row, 1968.

COUTO, F. P. *Contribuições para a Fonética e Fonologia da Língua Manxineru (Aruák)*. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012

_____. *Conexões entre processos morfofonológicos e acentos em Manxineru: a variedade Yine (Família Aruák) falada no Brasil*. 2016. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística)) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

COUTO, V. G. C. *A língua Kinikinau: estudo do vocabulário e conceitos gramaticais*. 132 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Três Lagoas, 2006.

_____. KINIKINAU: um recorte sociolinguístico. In: SILVA, G. J.; BOLZAN, A. V.; SOUZA, R. A. (orgs.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*. Curitiba: Editora CRV, p. 115-134, 2017.

DIETRICH, J. E. G. A identidade Kinikinau como máquina de guerra para a ocupação e manutenção territorial no Mato Grosso do Sul. 2012. 61 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Coordenação do Curso de Geografia, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2012.

_____. Territorialidade Kinikinau: estudo sobre a desterritorialização/territorializanteda etnia. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014, Vitória-ES. *Anais do VII COngresso Brasileiro de Geógrafos*, 2014.

_____. *Identidade Kinikinau como máquina de guerra para a ocupação e manutenção territorial no Mato grosso do Sul*. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

DIXON, R. *Basic Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2010, 3v.

DORIAN, N. C. *Language death: the life cycle of a Scottish Gaelic dialect*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981.

_____. Gathering data in in terminal speech communities. In: FISHMAN, J. A. et al. (org.). *The Fergusonian Impact*. Volume 2. Sociolinguistics and the Sociology of Language. Berlin: Mounton de Gruyter, p. 555-575, 1986.

_____. Surprises in Sutherland. In: NEWMAN, P.; RATLIFF, M. (orgs.). *Linguistic fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 133-151, 2001.

_____. Documentation and Responsibility. *Language and Communication*, v. 30, p. 179-185, 2010a.

D'ALINCOURT, Luiz. Reflexões sobre o Sistema de Defesa que se deve adopter na Fronteira do Paraguay, em consequência da revolta e dos insultos praticados ultimamente pela nação dos índios Guaicurus ou Cavaleiros. *Revista do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro, v. 20, pp. 360-5, 3º trim., 1857.

_____. The Private and the Public in Language Documentation and Revitalization. In: FARFÁN, J. A. F.; RAMALLO, F. *New Perspectives on Endangered Languages*. Amsterdam: John Benjamins, p. 29-47, 2010b.

ELOY AMADO, L.H.; RICCI TENÓRIO, L. R. A luta do povo Terena por seus territórios tradicionais: reflexões sobre demarcação. Judicialização e mesa de diálogo. In: *V Seminário Internacional América Platina*, 2014, Dourados. Anais do Seminário Internacional América Platina. Dourados, 2014.

_____. A luta do Povo Terena por seus territórios tradicionais: reflexões sobre demarcação, judicialização e mesa de diálogo. In: Guillermo Alfredo Johnson, Losandro Antonio Tedeschi, Marcos Antonio da Silva, Tchella Fernandes Maso. (Org.). *América Platina - Dilemas, disputas e rupturas*. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 39-54.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. Conflitos pela posse de terras indígenas em Mato Grosso do Sul. *Ciência e Cultura*, v. 68, p. 4-5, 2016.

FABRE, A. Dicionario etnolingüístico e guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. Arawak. 2017. Disponível em: <<http://www.ling.fi/Entradas%20dicionario/Dic=Arawak.pdf>>. Acesso em: 11 de mar. 2017.

FACUNDES, S. S. *The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)*. 2000. 731 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Linguística, Universidade de Nova York, Buffalo, 2000.

FONSECA, J. S. *Voyage autour du Brésil. Edition pour les Américanistes*. Rio de Janeiro: Librairie A. Lavignasse Filho & C, 1899.

GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. 2. ed. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011.

HARDCASTLE, William; Laver, LAVER. (Org.). *The Handbook of Phonetic Sciences*. Oxford: Blackwell, 1997.

HAYES, Bruce. *A Metrical Stress Theory os Stress Rules*. Tese (Doutorado, PhD). Cambridge, Mass: MIT, 1981.

_____. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Los Angeles, University of

California, 1991.

_____. *Metrical Stress Theory*. Chicago: The University of Chicago, 1995.

HINTON, L. Language loss and revitalization in California: overview. *International Journal of the Sociology of the Language*, v. 132, n. 1, p. 83-93, 1998.

_____. Commentary: Internal and External Language Advocacy. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 12, n. 2, p. 150-56, 2002.

_____. Language revitalization. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 23, p. 44-57, 2003.

_____. et al. *Como manter sua língua viva: uma abordagem de aprendizagem individualizada baseada no bom senso*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

_____. Language revitalization and language pedagogy: new teaching and learning strategies. *Language and Education*, v. 25, n. 4, p. 307-18, 2011.

_____ (org.). *Bringing our language home: Language revitalization for families*. Berkeley: Heyday Books, 2013.

HINTON, L.; HALE, K. (orgs.). *The Green Book of Language Revitalization*. Berkeley: Academic Press, 2001.

HOCK, Hans Heinrich. *Principles of historical linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

JAKOBSON, Roman. *Selected Writings*. Berlin: De Gruyter, 1962.

_____. *Six Lectures on Sound and Meaning*. Cambridge: M.I.T. Press, 1978.

JAKOBSON, Roman; FANT, Gunner. *Preliminaries to Speech Analysis; the Distinctive Features and Their Correlates*. Cambridge: M.I.T. Press, 1967.

JOHNSON, Keith. *Acoustic and Auditory Phonetics*. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2003.

JOSÉ DA SILVA, G. Ressurgidos, emergentes, resistentes: reflexões sobre as presenças indígenas Atikum, Kamba e Kinikinau em Mato Grosso do Sul. In: SEMANA DE HISTÓRIA, 5., 2007, Três Lagoas. *Anais...* Três Lagoas: UFMS, 2007, p. 87.

_____. *Histórias de admirar: os Kinikinau*. Jornal O Pantaneiro, Aquidauana, 06 nov. 2014.

JOSÉ DA SILVA, G.; SOUZA, J. L. *O despertar da fênix: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica Kinikinau em MS*. Sociedade e Cultura, v. 6, n. 2, julho/dezembro, 2003.

_____. O Curso de Formação de Professores Kadiwéu e Kinikinau: limites e avanços de uma experiência pedagógica intercultural. In: 15º Congresso de Leitura do Brasil, 2005, Campinas. Caderno de Resumos do 15º COLE. Campinas: Unicamp, 2005.

_____. História, etnicidade e cultura em fronteiras: os Kinikinau em Mato Grosso do Sul. In: ROCHA, L. M.; BAINES, S. G. *Fronteiras e espaços interculturais*. Goiânia: UCG, 2008, p. 33.

_____. A diáspora Kinikinau: a trajetória histórica de um grupo indígena “extinto” (Séculos XX e XXI). In: SILVA, G. J.; BOLZAN, A. V.; SOUZA, R. A. (orgs.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*. Curitiba: Editora CRV, p. 167-177, 2017.

KAUFMAN, T. The native languages of South America. In: MOSELEY, C.; ASHER, R. E. (org.). *Atlas of the world's languages*. London: Routledge, p. 46-76, 1994.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Volume 1: Internal factors. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LADEFOGED, P. *Elements of Acoustic Phonetics*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Phonetic Data Analysis: An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2003.

_____. *Vowels and Consonants*. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2005.

LAVER, J. *Principles of Phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEVERGER. Diário do reconhecimento do rio Paraguai desde a cidade de Assunção até o Paraná, 1845. *Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, v. 25, p. 222, 1862.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v.8, n.2, p.249-336, 1977.

LOUKOTKA, C. (1968). *Classification of South American Indian languages*. Reference Series 7. Los Angeles: University of California.

MADDIESON, I. *Patterns of Sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MAHER, T. M. *Ser professor sendo índio: questões de lingua(gem) e identidade*. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, SP (inédita), 1996 .

_____. *Comissão Pró-índio do Acre*. “Instrumentos Metodológicos para Levantamento Sociolinguístico” (org. Tereza Maher). Projeto Políticas Linguísticas no Acre Indígena. Rio Branco: CPI/Acre, 2007.

_____. *Em busca do conforto linguístico e metodológico no Acre indígena*. Artigo publicado em *Trabalhos em Linguística Aplicada*. IEL: Unicamp, 2008.

MASON, J. A. (1946). The languages of South American indians. In: STEWARD, J. H. (Editor). *Handbook of South American Indians*. Washington: Government Printing Office, 157 – 317.

MAMEDE, G. A. A língua Terena na aldeia Buriti-MS: realidade sociolinguística e políticas linguísticas. Dourados: UFGD. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

MOUTINHO, J. F. *Notícia sobre a província de Matto Grosso: seguida d'um roteiro da viagem da sua xcapital a' S. Paulo*. São Paulo: Typografia de Henrique Schroeder, 1869.

PAYNE, D. L. 1991. A classification of maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In Desmond Derbyshire; Geoffrey K. Pullum (eds.). *Handbook of amazonian languages*, vol. III, pp. 355-499. Berlin: Mouton de Gruyter.

PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax*. A guide for field linguists. New York: Cambridge University Press, 1997.

PEREIRA, L. M. *Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica*. Dourados: Editora UFGD, 2009.

PIKE, Kenneth. *Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Techinique for the Pratical Description of Sounds*. Ann Arbor. The University of Michigan Press, [1943].

_____. *Phonemics a Technique for Reducing to Writing*. Ann Arbor. The Universite or Michigan Press, 1947.

POSNER. R. *The Romance Languages*. Cambridge: Cambridge Universitu Pressa, 1996.

RAMIREZ, H. *Uma gramática do Baniwa do Içana* [manuscrito]. 2001.

RAMOS, A. P.; TENANI, L. E. Análise métrica do apagamento das vogais pósônicas não finais no dialeto do noroeste paulista. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 21-34, 2009.

ROBERTO, I. Povo Indígena Kinikinaw. In: SILVA, G. J.; BOLZAN, A. V.; SOUZA, R. A. (orgs.). *Kinikinaw: arte, história, memória e resistência*. Curitiba: Editora CRV, p. 161-165, 2017.

RODRIGUES, A. D. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Abralín*, n. 19, p. 57-66, 1996. Republicado na *Revista de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 1 (Jul. 2011) – Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2011, p. 93-102. Aryon Dall’Igna Rodrigues (editor), Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (co-editora).

_____. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (orgs.). *Estudos sobre línguas indígenas I*. Belém: EdUFPA, p. 87-100, 2001. Republicado na *Revista de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 1 (Jul. 2011) – Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2011, p. 103-114. Aryon Dall’Igna Rodrigues (editor), Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (co-editora).

RODRIGUES, A. D.; CABRA, A. S. A. C. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (orgs.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: EDUFPA, 2002, v. 1, p. 327-337.

SANTOS, L. G.. Os Kinikinawa: uma etnia em processo de afirmação étnica. In: *IV Congresso Internacional de História*, 2009, Maringá/PR. *V Congresso Internacional de História*. Maringá/PR: CHICHETC, 2009, v. 4, p. 4705-4716.

_____. Cerâmica Kinikinau: a arte de um povo tido como extinto. Dourados: UFGD. 124 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

SCHACHTER, P.; SHOPEN, T. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (org.). *Language Typology and Syntactic Description*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 1-60, v. 1.

SILVA, D. Estudo lexicográfico da língua Terena: Proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português. 2013. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2013.

SILVA, V. C. da. Missão, aldeamento e cidade: os Guaná entre os Albuquerque e Cuiabá. 2001. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2001.

SOARES, M. L. C. F. Traços Acústicos das Vogais em Tikuna. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (UNICAMP), Campinas, v. 7, p. 137-175, 1984.

_____. *O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica*. Volume I: Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna. 1. ed. CAMPINAS: UNICAMP, 2000.

SOUZA, I. Índios Kinikinau: aspectos etnolinguísticos. *Tellus* (UCDB), v. 7, p. 103-133, 2007.

_____. *Koenukunoe Emo 'u: a língua dos índios Kinikinau*. Campinas: Unicamp. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. Kinikinau: uma língua à beira da extinção. *Guavira Letras*, v. 8, p. 149-165, 2009.

_____. Concordância: verbos e nomes na língua Kinikinau. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 5, p. 112-134, 2015.

_____. KINIKINAU: a língua silenciada. In: SILVA, G. J.; BOLZAN, A. V.; SOUZA, R. A. (orgs.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*. Curitiba: Editora CRV, p. 71-96, 2017.

SOUZA, R. A. *Sustentabilidade e processo de reconstrução identitária entre o povo indígena Kinikinau (Koinukunôen) em Mato Grosso do Sul*. Brasília: UnB. 61 f. Dissertação (Mestre em Desenvolvimento Sustentável, modalidade: Sustentabilidade junto a Povos e Terras Indígenas) – Mestrado de Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

_____. Sustentabilidade na reconstrução identitária do povo indígena Kinikinau. In: SILVA, G. J.; BOLZAN, A. V.; SOUZA, R. A. (orgs.). *Kinikinau: arte, história, memória e resistência*. Curitiba: Editora CRV, p. 135-160, 2017.

Steinen, K. v. d. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Dep. De Cultura, 1940.

TALMY, L. Lexical typologies. In: SHOPEN, T. (org.). *Language Typology and Syntactic Description*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 66-168, v. 3.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *Entre nossos índios: Chanés, Terenas, Kinikinaus, Guanás, Laianas, Guatós, Guaycurus, Caingangs*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1940.

_____. *Memórias do Visconde de Taunay*. São Paulo: IPE, 1948.

_____. *A Retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

THOMASON, S. G. Contact-induced language change and pidgin/creole genesis. In: Smith, Norval & Tonjes Veenstra (orgs.) *Creolization and contact*. Amsterdam: Benjamins, pp. 249-262, 2001.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of Phonology*. Tradução de Christiane A. M. Baltaxe. Los Angeles: University of California Press, 1969.

VIEGAS, C. W. *Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama*. 2014. 470 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é. In: RICARDO, C. A.; RICARDO, F. (orgs.). *Povos indígenas no Brasil (2001/2005)*. São Paulo: ISA, 2006, p. 41-49.

_____. Prefácio. In: HERRERO, M.; FERNANDES, U. Baré: povo do rio. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

_____. Os Involuntários da Pátria. 2016 (manuscrito).

ANEXOS

Anexo A

Estrutura do questionário etnográfico voltado para o povo Kinikinau

QUESTIONÁRIO ETNOGRÁFICO VOLTADO PARA O POVO KINIKINAU

Questões ligadas ao território

Onde está localizado o território tradicional dos Kinikinau?

Quando que vocês foram expulsos de lá?

Por que vocês acham que foram expulsos de lá?

Quem vocês acham que foi o principal culpado por terem expulsado vocês do território tradicional de vocês?

Qual a importância do território tradicional para vocês?

Vocês têm esperança de recuperar partes do território tradicional de vocês?

Como vocês pretendem recuperar ele? Montando acampamentos, lutando judicialmente...

Quais são os seus principais parceiros/colaboradores nessa luta pela retomada do território tradicional de vocês?

Como é a vida de vocês nas aldeias de outras etnias (Terena e Kadiwéu), nas quais vocês moram de favor?

Quais foram os impactos sobre a cultura Kinikinau, na sua opinião, que o fato de vocês morarem de favor em aldeias de outras etnias causou? Isso desde quando vocês foram expulsos do território tradicional de vocês.

Você acha que o fato de não possuírem um território próprio prejudicou a transmissão da língua e da cultura Kinikinau? O quanto você acha que prejudicou?

Quais os principais benefícios, na sua opinião, que a retomada do território tradicional pode trazer a vocês Kinikinau?

Questões ligadas à identidade

Para você, o que é ser Kinikinau? O que define uma pessoa em ser ou não Kinikinau?

Para você, qual a principal característica do povo Kinikinau?

Como você percebe as diferenças entre os Kinikinau e os Terena?

Como você percebe as diferenças entre os Kinikinau e os Kadiwéu?

Como você percebe as diferenças entre os Kinikinau e os *purutuya*?

Você acha que é possível continuar sendo Kinikinau mesmo sem falar mais a língua? Por que você acha isso?

Você acha que a língua é um fator de identidade muito importante?

Alguma vez você já foi acusado de não ser índio por não falar mais a língua Kinikinau? Você pode me descrever essa situação e me falar quem te acusou de não ser índio?

Você acha que o fortalecimento da língua Kinikinau pode ajudar no fortalecimento da identidade Kinikinau? Por que você acha isso?

Questões ligadas à organização social e política

Quais as principais festas para vocês Kinikinau?

Vocês praticam algum ritual?

Vocês dançam a *Dança do Bate-Pau* e a *Dança Siputerena*? Em que momentos vocês as dançam? Qual o significado delas?

Como vocês fazem os sepultamentos do morto de vocês? Em cemitérios? Onde se localiza o cemitério de vocês? Perto de casa?

As mulheres Kinikinau preferem dar à luz nos hospitais dos *purutuya* ou na aldeia? É comum elas fazerem os exames pré-natais nos hospitais dos *purutuya*?

Descreva-me um homem/uma mulher bonito/a. O que você acha que um homem/uma mulher de tem de ter para ser considerado/a bonito/a?

Vocês acreditam nos poderes dos *koixomoneti*? Por que você acha que não existem mais *koixomoneti* entre os Kinikinau?

Vocês têm muito contato com missionários religiosos? Ex. pastores, padres etc. De que organizações eles são?

Qual é o tipo de casamento preferidos entre os Kinikinau (casamento entre primos, casamentos com membros de outras etnias, com *purutuya* etc.)? Como o rapaz escolhe a moça com quem vai casar ou como a mulher escolhe o rapaz com quem vai casar?

Quantos Kinikinau moram atualmente na Aldeia São João? Você pode me dizer um número aproximado?

Em quais aldeias Terena há Kinikinau morando atualmente? Quantos Kinikinau moram atualmente em aldeias Terenas?

Em que centros urbanos há Kinikinau morando atualmente? Quantos Kinikinau moram atualmente em centros urbanos?

Há muitos Kinikinau morando/trabalhando atualmente em fazendas? Em que municípios ficam essas fazendas?

Como são organizadas as casas dos Kinikinau? Como é organizado um 'espaço' Kinikinau? Como vocês distribuem suas casas?

Quantas famílias/quantas pessoas moram aproximadamente em uma casa Kinikinau?

De que material é feito as casas Kinikinau (alvenaria, adobo, pelha etc.)? Por que este material é o escolhido?

Geralmente, quantos cômodos tem uma casa Kinikinau? Ex. uma sala, uma cozinha, um banheiro, dois quartos e área de serviço...

O que vocês acham que não pode faltar em uma aldeia? Ex. escola, posto de saúde, casa de artesanato etc.

Como é escolhido um cacique/liderança Kinikinau? Ex. por votação, por acordo comum dentro da comunidade, por quem tem mais prestígio etc.

Quais as características que um cacique/liderança Kinikinau deve ter?

Você pode me citar um grande cacique/líder Kinikinau? Por que ele foi um grande líder/cacique?

Há apenas um cacique/liderança entre os Kinikinau ou há mais de um cacique/liderança?

Quais são os inimigos dos Kinikinau? Que grupos vocês acham que de alguma forma ameaça a existência dos Kinikinau?

Como vocês se relacionam com os *purutuya*? Como são os contatos com os *purutuya*?

Como vocês se relacionam com os índios de outras etnias (Kadiwéu, Terena, Guarani etc.)? Como são esses contatos?

Vocês comercializam algum tipo de produto na cidade de Miranda? Quais produtos? Vocês trabalham para fora, tipo num comércio da cidade, em alguma fazenda aqui do município, na colheita de maçã no Rio Grande do Sul etc.?

Que produtos dos *purutuya* são indispensáveis para vocês? Ex. televisão, geladeira, fogão a gás etc.

Com quais instituições de fora da comunidade (ONG's, grupos religiosos, órgãos governamentais) os Kinikinau se relacionam? Como são esses contatos?

Quais são os benefícios sociais que os Kinikinau recebem? Ex. Aposentadoria, bolsa-família etc. São muitas pessoas que recebem esses benefícios? Eles são importantes para a comunidade?

Questões ligadas à religiosidade

Quais são as instituições religiosas das quais vocês fazem parte?

Quais as religiões que vocês professam? Católica e evangélica? Existe uma outra?

Vocês lembram alguma coisa da religião tradicional de vocês, aquela que os Kinikinau de antigamente praticavam?

Vocês pretendem retomar alguma prática religiosa de vocês de antigamente?

Questões ligadas à Dona Zeferina

Você conhece um pouco da história de vida de Dona Zeferina? Você pode me contar?

E da história da família dela (do pai, mãe, marido etc)? Você sabe? Pode me contar?

Questões ligadas ao Movimento Kinikinau

Para você, quais são os principais problemas que os Kinikinau enfrentam?

Para você, como os Kinikinau estão agindo para resolver esses problemas?

Você acha que o processo avançado de morte da língua Kinikinau é um grande problema para a comunidade Kinikinau? Por que você acha isso?

Qual problema você acha que é mais importante resolver primeiro: o problema da perda linguística / da morte da língua Kinikinau ou o problema do território tradicional?

Você acha que é possível tentar resolver o problema do fortalecimento da língua Kinikinau sem antes ter resolvido o problema do território tradicional de vocês?

Para você, quais são os principais desejos do povo Kinikinau? Como você acha que é possível vocês alcançarem eles?

Você acha que o fortalecimento da língua Kinikinau pode ajudar vocês, de algum modo, a resolverem os problemas que a comunidade Kinikinau passa? Por que você acha isso?

Questões ligadas à escola

Para vocês, qual é o papel da escola? Ensinar apenas os conteúdos dos *purutuya*? Ou ser espaço da língua e da cultura tradicional de vocês?

É desejo da comunidade ter uma “escola Kinikinau”, voltada especificamente para a realidade de vocês?

Vocês acham possível ter uma “escola Kinikinau” sem ter uma “terra Kinikinau”? Ou vocês acham que só poderão ter uma escola Kinikinau que ajude no fortalecimento da língua e da cultura de vocês depois de terem um território próprio?

Você conhece a escola da aldeia São João? Qual a sua opinião sobre essa escola? Você acha que ela ajuda no fortalecimento da língua e da cultura de vocês ou na luta política de vocês?

Vocês acham que a escola pode ajudar no processo de fortalecimento da língua e da cultura de vocês? Como ela pode ajudar?

Questões ligadas à alimentação

Vocês plantam roças? Com que instrumentos vocês plantam as roças?

Quais os principais produtos da roça de vocês?

Vocês criam animais? Quais animais? Qual é a função de cada um deles para vocês?

Vocês caçam e pescam? Com que frequência? Quais instrumentos vocês usam para caçar e pescar? Onde vocês vão caçar e pescar?

A caça e a pesca ainda é uma fonte importante de obtenção de alimentos para vocês Kinikinau?

Vocês coletam alimentos da natureza, como bocaiúva, coco de bacuri, guavira, mel etc.? Esses alimentos são uma importante fonte de obtenção e alimentos para vocês Kinikinau?

Vocês comem produtos processados ou ultraprocessados dos *purutuya*? Tipo bolachas, molhos de tomate, sucos em pó etc.. Com que frequência?

Que alimentos necessários para a subsistência de vocês vocês não conseguem produzir e tem de adquiri-los dos *purutuya*?

Quais são os alimentos preferidos dos Kinikinau?

Quais os alimentos que vocês não comem? Por que vocês os não comem? Eles são proibidos?

Questões ligadas à saúde

Quais as doenças mais frequentes entre vocês Kinikinau?

Quando vocês estão doentes, vocês vão no médico *purutuya*, para tomarem ‘comprimidos e injeções’? Ou vocês preferem se curar a base dos remédios tradicionais?

O que você acha que é mais eficaz para curar doença: os comprimidos dos *purutuya* ou os remédios tradicionais feitos a base de plantas?

Quais as plantas medicinais que vocês usam com frequência, ex. picão, cavalinho, vassourinha, caninha-de-macaco etc.? Como vocês consomem essas plantas? No mate, no tereré etc.?

Questões ligadas ao lazer

Qual é a diversão preferida dos Kinikinau?

Qual é o esporte preferido dos Kinikinau? Ex. futebol, vôlei etc.

Vocês têm algum time de futebol armador, como os Terena? Participam de campeonatos?

Vocês têm acesso a programas de televisão? Gostam de assistir novelas, filmes, programas humorísticos?

Vocês têm acesso ao rádio? Gostam de ouvir rádio?

Vocês tem acesso a internet? Gostam de navegar nas redes sociais, como o *Facebook*, *Whatsapp* etc.?

Última pergunta

Tem mais alguma coisa que você deseja falar sobre sua cultura? Algo que você deseja divulgar, tornar conhecido?

Anexo B

Estrutura do questionário sociolinguístico qualitativo que aplicamos junto ao povo Kinikinau

Nome do entrevistado:

Aldeia que reside atualmente:

Idade:

Sexo:

SOBRE AS ATITUDES LINGUÍSTICAS DA COMUNIDADE DO ENTREVISTADO

1 – Qual língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) você aprendeu a falar primeiro?
Por que você acha que aprendeu a falar ela primeiro?

2 – (para os não-falantes de Kinikinau) Você gostaria de ter adquirido a língua Kinikinau?
Você gostaria de ser falante dela?

3 – Que língua você acha mais fácil de falar (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu)? Por
quê você acha isso?

4 – Que língua você acha mais bonita (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu)? Por que
você acha isso?

5 – Que língua você mais usa (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu)? Por que você usa
ela mais?

6 – Você conversa em Kinikinau com alguém da aldeia onde você mora? Com quem? Quando isso acontece?

7 – Com quem você conversa em Português na aldeia onde você mora? Quando isso acontece?

8 – Você sabe ler e escrever em Kinikinau? Por que você acha que não aprendeu a ler e escrever em Kinikinau ou o que você lê e escreve em Kinikinau?

9 – Que língua você acha que deve ser ensinada na escola primeiro (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu)? Por que você acha isso?

10 – Que língua você acha que deve ser a língua de instrução na escola Kinikinau (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu)? Por que você acha isso?

11 – Você acha que a língua Kinikinau pode desaparecer? Por que você acha isso?

12 – O que você acha que pode ser feito alguma coisa para proteger a língua Kinikinau?

13 – Você gostaria de usar a língua Kinikinau todos os dias ou em ocasiões específicas? Quais seriam essas ocasiões?

14 – Que papel você gostaria que a língua Kinikinau tivesse na sua comunidade?

15 – Por que é importante, para você, usar a língua Kinikinau na sua comunidade?

16 – Que atitudes você gostaria que a sua comunidade tivesse em relação à língua Kinikinau?

17 – Quais as coisas mais importantes da cultura Kinikinau você gostaria que a sua comunidade preservasse?

18 – Quais as coisas da cultura Kinikinau você gostaria que a sua comunidade mudasse?

19 – Você conhece algum falante da língua Kinikinau?

20 – Você pode me dar uma frase que represente o povo Kinikinau? Esta frase pode ser no idioma (Português, Kinikinau, Terena ou Kadiwéu) que você quiser.

21 – Tem alguma mensagem, em relação ao povo Kinikinau, que você gostaria de compartilhar nesta pesquisa?

GRAU DE INSTRUÇÃO

Qual o seu nível de instrução formal:

1a – Ensino Fundamental?

1b – Ensino Médio?

1c – Educação Superior?

1d – Pós-Graduação?

1e – N.d.a.?

1f – Outro?

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ALDEIA

Quais as práticas de leitura na comunidade e em qual/quais língua(s) ela(s) ocorre(m):

1a – Cartas e bilhetes?

1b – Jornais e revistas?

1c – Cartazes e avisos?

1d – Materiais religiosos (Bíblia, panfletos, hinários, orações, rezas etc.)?

1e – Histórias e mitos?

1f – Anotações pessoais (caderno)?

1g – Relatórios (de viagem, de reuniões, etc.)?

1h – Atas de reuniões?

1i – Notícias?

1j – Tarefas escolares?

1k – Letras de música?

1l – Livros diversos?

1m – Outros?

SOBRE A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA KINIKINAU NA COMUNIDADE DO ENTREVISTADO

1 – Tem aprendizado da língua Kinikinau na comunidade?

2 – Onde é o aprendizado da língua Kinikinau na comunidade?

3 – Você pode me descrever como é feita essa aprendizagem nesses ambientes?

4 – A sua comunidade tem algum material ou estratégia de revitalização da língua e da cultura Kinikinau?

5 – Tem algum professor de língua Kinikinau na sua comunidade?

6 – Tem quantos professores de língua Kinikinau na sua comunidade?

7 – Como é escolhido o professor de língua Kinikinau na sua comunidade?

SOBRE AS AULAS DE LÍNGUA KINIKINAU NA COMUNIDADE DO ENTREVISTADO

1 – Quantos alunos assistem às aulas de Kinikinau?

2 – Qual é a faixa etária desses alunos?

3 – Tem algumas outras formas de aprendizado da língua Kinikinau que a sua comunidade gostaria de ter fora da escola?

USOS LINGUÍSTICOS NO ÂMBITO DA COMUNIDADE NAS VÁRIAS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS

1 – Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as reuniões internas da sua comunidade? Ex. assembleias políticas, reuniões sobre os projetos da comunidade etc.. Detalhe: essas reuniões internas são só entre vocês Kinikinau, não pode ter nenhum *purutuya* entre vocês ou algum índio de outra etnia.

2 – Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as reuniões na sua comunidade que contam com a presença de algum *purutuya* ou de algum índio de outra etnia? Ex. assembleias políticas, reuniões sobre os projetos da comunidade etc.. Detalhe: nas reuniões internas que essa pergunta fala há a presença de vocês Kinikinau e de algum *purutuya* ou índio de outra etnia.

3 - Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as festas tradicionais da sua comunidade?

4 – Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as cerimônias religiosas da sua comunidade?

5 – Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante a confecção de artesanato/cerâmica na sua comunidade?

6 - Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as pescarias?

7 – Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as caçadas?

8 – Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as brincadeiras das crianças?

9 – Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as rodas de mate/tereré?

10 – Qual é a língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) mais usada durante as atividades na roça? Ex. plantio, colheita, na hora de carpir etc..

11 – Em qual língua (Kinikinau, Português, Terena ou Kadiwéu) você sonha?

12 – Os falantes / a falante de Kinikinau da sua comunidade costuma contar histórias, mitos, lendas em Kinikinau? Isso é frequente ou por que você acha que isso não acontece?

USOS LINGUÍSTICOS NO ÂMBITO FAMILIAR DO ENTREVISTADO

Língua de interação entre marido e mulher	SÓ LI	SÓ LP	LI = LP	MAIS LI	MAIS LP
Língua de interação entre mãe e filhos					
Língua de interação entre pai e filhos					
Língua de interação entre avô e netos					
Língua de interação entre avó e netos					
Língua utilizada durante as refeições					
Língua utilizada nas brincadeiras infantis					
Língua utilizada nas brincadeiras tradicionais					
Há alguma outra situação no âmbito de sua família que você deseje relatar?					

**LUGARES EM QUE O ENTREVISTADO ACHA QUE PODERIA USAR A LÍNGUA
KINIKINAU**

1 – Em que lugar você acha que poderia usar a língua Kinikinau:

1a – Na escola?

1b – Em casa?

1c – Nos jogos de futebol?

1d – Nas reuniões da comunidade?

1e – Nas viagens que os Kinikinau têm de fazer para alguma cidade (ex. Campo Grande, Miranda, Bonito etc.)?

1f – Nas brincadeiras das crianças?

1g – Nas festas da comunidade?

1h – Na igreja?

1i – No trabalho?

1j – No comércio?

1k – Nas instituições do Governo?

1l – Em algum outro ambiente? Qual?

COM QUEM O ENTREVISTADO GOSTARIA DE CONVERSAR EM KINIKINAU

1 – Com quem você gostaria de conversar em Kinikinau:

1a – Com os professores da escola?

1b – Com meu pai e minha mãe?

1c – Com os meus irmãos e irmãs?

1d – Com meus primos?

1e – Com meu marido / Com minha esposa?

1f – Com meus filhos?

1g – Com meu(minha) namorado(a)?

1h – Com os meus colegas de escola?

1i – Com meus amigos em geral?

1j – Com outros Kinikinau (desconhecidos)?

1k – Com alguém que não tenha sido citado acima? Quem seria?

Anexo C

Fotos que registram um pouco do trabalho de campo do autor da dissertação



Foto 1 - Primeiro contato do autor dessa dissertação com Dona Zeferina Moreira. (Autor: desconhecido)



Foto 2 - O autor da dissertação interagindo com Dona Flaviana Roberto (Autor: Zamir Rodrigues)



Foto 3 - Autor da dissertação interagindo com Dona Zeferina Moreira (Autor: Zamir Rodrigues)



Foto 4 - Autor da dissertação aprendendo a fazer *hibi* (Autor: Dayane Rodrigues)



Foto 5 - Autor da dissertação aprendendo a fazer a saia para a dança do Bate-Pau (Autor: Zamir Rodrigues)



Foto 6 - Crianças Terena da Aldeia Babaçu dançando a Dança do Bate-Pau



Foto 7 - *Selfie* tirada pelo autor da dissertação durante uma pescaria com a família Terena que o acolheu



Foto 8 - Autor da dissertação pescando *lupinone* em algum corixo do pantanal do rio Miranda



Foto 9 - Armadilha ensinada ao autor para capturar o tatu-peba, de forma a proteger a roça dos ataques desse animal



Foto 10 - Dona Zeferina Moreira, sua neta Jheniffer, Sr. Nicolau Flores e o autor da dissertação

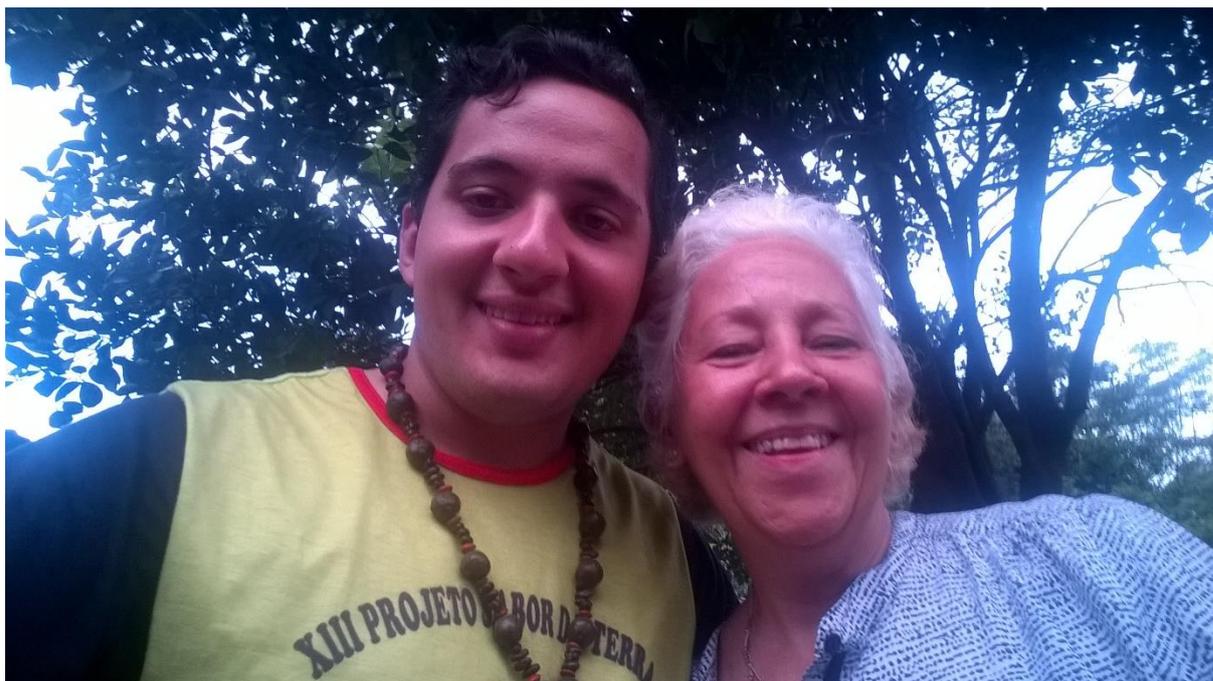


Foto 11 - Selfie do autor da dissertação com a professora Ilda de Souza



Foto 12 - A felicidade de pegar um peixe, que só um pescador consegue entender



Foto 13 - Pescar também faz parte da pesquisa etnográfica e sociolinguística



Foto 14 - Artesanato Kinikinau. Cesto trançado feito de palha de bacuri



Foto 15 - Artesanato Kinikinau. Bornal trançado feito de palha de bacuri



Foto 16 - Artesanato Kinikinau. Abanador de fogo trançado feito de palha de bacuri



Foto 17 - Artesanato Kinikinau. Abanico trançado feito de palha de bacuri



Foto 18 - Artesanato Kinikinau. Colares feitos de semente de bocaiuva



Foto 19 - Artesanato Kinikinau. Esteira de dormir trançada feita de palha de bacuri



Foto 20 - Autor da dissertação testando a envergabilidade de um arco recém-produzido



Foto 21 - Autor da dissertação, Dona Zeferina, Dona Maria Marta e Sr. Inácio Flores, o maior artesão Kinikinau



Foto 22 - Pucherada, um prato típico da culinária sul-matogrossense muito apreciado pelos indígenas Kinikinau



Foto 23 - Churrasco, um prato cuja presença é obrigatória em qualquer atividade comemorativa dos Kinikinau



Foto 24 - Autor da dissertação tomando mate com Dona Zeferina (Autor: Zamir Rodrigues)



Foto 25 - Autor da dissertação ao lado Miss Indígena 2017 de Miranda-MS



Foto 26 - Autor da dissertação, Dona Zeferina Moreira, Dona Calixta Roberto, Dona Genoveva Roberto e Sr. Nicolau Flores



Foto 27 - Pegada de anta



Foto 28 - *Selfie* do autor da dissertação com o grande sábio Terena, grande agricultor e exímio pescador Sr. Sebastião Rodrigues



Foto 29 - *Selfie* do autor da dissertação com o seu grande companheiro de pescaria Zamir Rodrigues

Anexo D

Breves considerações sobre o meu trabalho de campo com os indígenas Terena e Kinikinau

Encerramos esta dissertação contando um pouco sobre o meu trabalho de campo junto aos indígenas Terena e Kinikinau, experiência essa que foi muito marcante para a minha carreira enquanto linguista em formação. Pude passar 82 dias em campo junto aos Terena e Kinikinau, junto aos patrícios que me acolheram para realizar com eles a minha pesquisa de mestrado. Essa minha vivência com os Terena e Kinikinau enriqueceu muito o meu trabalho, pois me possibilitou passar horas e horas interagindo com uma das últimas falantes da língua Kinikinau, já bastante idosa e que não usa mais o seu idioma ancestral em uma base diária. Trabalhar com uma última falante obviamente não é o mesmo que trabalhar com uma comunidade repleta de falantes. É um trabalho que demanda muito mais tempo e paciência por parte do pesquisador. Por exemplo, se eu estou trabalhando em comunidade Kaiowá do sul do estado de Mato Grosso do Sul e quero coletar uma lista de palavras, eu posso de manhã elicitar com um falante, de tarde com outro, de noite com mais outro e ainda assim sobrarão vários falantes com os quais eu poderia ter trabalhado. Assim, o pesquisador não cansa o seu colaborador, e ele não se cansando, ele não perde a paciência com o pesquisador e colabora com a pesquisa de forma muito mais produtiva. Agora quando o pesquisador trabalha praticamente com uma pessoa, como foi o meu caso, a situação muda. Imagina você tendo do seu lado por uma semana uma pessoa que lhe é estranha, que você mal conhece, com um gravador apontado para a sua cara e te bombardeando de perguntas. Muito provavelmente sua paciência com essa pessoa se esgotaria já no primeiro dia.

Com Dona Zeferina não foi diferente, e para evitar com que ela perdesse sua paciência comigo e até mesmo perdesse o interesse em colaborar para o meu estudo de mestrado, desde minha primeira ida a campo eu adotei com ela uma metodologia de não trabalhar mais do que uma hora por dia. Eu ia para a casa dela todo dia, de manhã ou de tarde, e trabalhava com ela por até uma hora. Eu disse trabalhava com ela por até uma hora referente ao meu estudo de mestrado, mas interagia com ela muito mais. Eu ia até sua casa e cumpria o meu “expediente”. Logo depois, nós íamos tomar mate e ficar conversando, ou nós íamos visitar algum conhecido nosso na aldeia, ou ela me pedia ajuda em algum trabalho braçal que estivesse ao meu alcance. Durante esse período de interação após o nosso “expediente”,

sempre Dona Zeferina falava alguma coisa na língua Kinikinau ou de iniciativa própria me ensinava alguma coisa da sua língua ancestral. Contudo, durante esses momentos, eu controlava ao máximo minha curiosidade de pesquisador e tentava deixar a situação a mais natural possível. Nesses períodos, eu me reservava ao máximo de bombardear Dona Zeferina com perguntas referentes a sua língua.

Na TI Cachoeirinha, fiquei hospedado na aldeia Babaçu, uma das 5 aldeias da TI Cachoeirinha, contígua a Aldeia Mãe Terra, onde eu realizei a minha pesquisa. Fiquei na casa de Dona Marlene Rodrigues e de seu filho Gérson Rodrigues, os quais me receberam de braços abertos em sua casa, em sua aldeia, em sua família. Dona Marlene Rodrigues é sobrinha de primeiro grau de Dona Zeferina, a principal colaboradora da minha pesquisa, por ser uma das últimas falantes da língua Kinikinau e último bastião do conhecimento tradicional desse povo, e irmã do Líder Zacarias Rodrigues. Esses dois fatos auxiliaram-me muito, pois com ajuda de Dona Marlene e seu filho Gérson, pude rapidamente conseguir total livre acesso na Aldeia Mãe Terra para realizar minha pesquisa e ganhar a confiança dos Kinikinau, que devido à história trágica de vida deles, são muito tímidos e desconfiados.

Em campo, temos momentos maravilhosos, inesquecíveis, como também momentos difíceis, conturbados, tensos, em que queremos simplesmente voltar para casa correndo! Um dos momentos maravilhosos que tive foram os momentos que pude conversar com Dona Zeferina, com o Sr. Manoel Roberto e com o Sr. Sebastião Rodrigues. Foram momentos inesquecíveis. Com Dona Zeferina senti a emoção de saber que estava trabalhando, sendo quiçá o último, com uma das últimas falantes de uma língua. Com ela, ao mesmo tempo que sentia essa emoção, uma enorme preocupação de gravar tudo o que ela falasse me tomava, e o medo de que eu falhasse no intento de registrar os últimos momentos de uma língua humana, no caso a língua Kinikinau, me era muito recorrente. Com o Sr. Manoel pude aprender muito sobre a história e a cultura de seu povo. Tudo passado a mim com uma simplicidade e concisão incríveis. Sua reflexão sobre o passado distante e recente de seu povo, glorioso, farto, rico, abundante, é uma verdadeira elegia, que não fica somente, porém, no tom melancólico, o que poderia deixá-los inertes para lutar pelo território próprio. Ele ainda consegue imprimir em seu discurso um tom vaticinal de que os Kinikinau serão grandes de novo quando estiverem dentro do território. Lá, tudo será diferente. “Vai ter vida outra vez”. “A língua vai voltar a ser falada”. “Não vai faltar nada para os Kinikinau”. “Os Kinikinau não vão ficar doentes”. Como é a vida, pude aprender muito mais com um simples senhor que

nunca sequer pisou em uma escola que com vários professores doutores que tive durante a minha formação! Com o Sr. Sebastião, irmão de Dona Marlene, pude aprender muito sobre a cultura e a história Terena. É simplesmente impressionante o conhecimento que este senhor tem sobre a história de seu povo. Seu acervo mental deixaria qualquer biblioteca etnológica com inveja. São centenas de histórias que este senhor nos conta, sem nunca esquecer um detalhe sequer delas e muito menos misturando-as. Além disso, Sr. Sebastião possui um conhecimento vasto sobre plantas medicinais, já tendo salvado muitos patrícios e pessoas brancas do destino fatal com as suas garrafadas. Além disso, o Sr. Sebastião é um ótimo professor, compartilhando o seu enorme conhecimento com quem for que se interesse. Sempre de forma muito simples e didática.

Um dos momentos ruins que tive foi com o calor excessivo e com a quantidade absurda de mosquitos. Dourados é uma cidade que faz calor, mas nada comparável com o calor de Miranda. Teve vários dias que não consegui trabalhar em nada na minha pesquisa por causa do calor. Uma temperatura de 45 °C no termômetro, com sensação térmica de 50 °C, realmente não é fácil. Tive várias quedas de pressão, vômitos e cheguei até a desmaiar uma vez por causa desse calor infernal. Nesses dias extremamente quentes, tanto eu como os patrícios ficávamos o dia inteiro sentado em baixo de um pé de manga, tomando tereré gelado, tomando banho, tomando água gelada e, sinceramente, pedindo para morrer. Eu no começo pensava que era eu que não estava acostumado com o calor absurdo de lá, mas quando vi os próprios indígenas passando mal também, pude me sentir de certa forma um pouco aliviado. Houve vários dias que fui na Dona Zeferina e a coitada estava em frente à sua casa, prostrada, quase derretendo, tão mal que não conseguia nem falar. Nesses dias, eu ficava prostrado do lado dela, esperando que talvez, por algum mecanismo desconhecido, seu corpo conseguisse se resfriar e ela falasse alguma coisa. Os mosquitos também não ficam atrás. Eles simplesmente não dão folga. Os mosquitos residentes na TI Cachoeirinha, como eu não sei, conseguem picar a sua perna por cima da meia e de uma calça jeans. Eles conseguiam picar minhas costas por debaixo da rede e de um lençol que colocava para forrar a rede onde eu dormia, atravessando com o seu bico uma espessura de quase 2 cm para poder sugar um pouco do meu sangue. E toda vez que isso acontecia, eu acabava despertando, custando novamente a pegar no sono, pois, no Pantanal, a noite consegue ser mais quente que durante o dia. O calor me atrapalhava muito a dormir e quando finalmente consegui pegar no sono, vinha outro mosquito para me despertar.

Enfim, essa experiência morando em uma aldeia, convivendo tão de perto com uma sociedade indígena foi extremamente enriquecedora, primeiramente para mim e também para o meu trabalho. Muitas informações que obtive e que estão registradas aqui neste trabalho só as consegui porque dispus-me a passar todos esses dias entre os patrícios Terena e Kinikinau.